



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

JANICLEIDE NASCIMENTO DE SOUZA

PROCESSOS IMAGINATIVOS:

a (re)construção de significados de um bombeiro sobre suicídio

Recife

2019

JANICLEIDE NASCIMENTO DE SOUZA

PROCESSOS IMAGINATIVOS:

a (re)construção de significados de um bombeiro sobre suicídio

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, para obtenção do Título de Mestre em Psicologia Cognitiva.

Área de Concentração: Cultura e Cognição

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Maria da Conceição Diniz Pereira Lyra

Recife

2019

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

S729p Souza, Janicleide Nascimento de.
Processos imaginativos : a (re)construção de significados de um bombeiro sobre suicídio / Janicleide Nascimento de Souza. – 2019.
114 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria da Conceição Diniz Pereira Lyra.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Recife, 2019.
Inclui referências e apêndices.

1. Psicologia Cognitiva. 2. Psicologia Cultural Semiótica. 3. Suicídio – Prevenção. 4. Imaginação. I. Lyra, Maria da Conceição Diniz Pereira (Orientadora). II. Título.

153 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2020-128)

JANICLEIDE NASCIMENTO DE SOUZA

PROCESSOS IMAGINATIVOS:

A (re)construção de significados de um bombeiro sobre suicídio

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Cognitiva.

Aprovada em: 19/02/2019

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria da Conceição Diniz Pereira Lyra (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Candy Estelle Marques Laurendon (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Carla Alexandra Castro Cunha (Examinadora Externa)
Depto. de Ciências Sociais e Comportamentais/ ISMAI-Portugal

Profa. Dra. Wedna Cristina Marinho Galindo (Examinadora Externa)
Depto. de Psicologia/ UFPE

AGRADECIMENTOS

*A gente não cabe em si. Por isso vai se deixando um pouco em outras pessoas
(WILDE, 2018, n. p).*

Sozinho eu não daria
conta da inundação.
Seria preciso mais
dois pares de mãos
que amparassem
os rios fluindo
de dentro de mim.
Por isso construí represas
nas fortalezas amigas
à que me aliei.
para que assim
eu pudesse caber
em várias vidas,
sem deixar nada para traz.

(WILDE, 2018, n.p)

Eu escolhi esse poema para abrir meus agradecimentos, pois desde que o li pela primeira vez tive a sensação de que eu poderia ter escrito algo muito parecido. Por isso digo que meus agradecimentos não poderiam começar de uma maneira tão verdadeira: “sozinha eu não daria conta”.

E não refiro somente a esses dois anos de mestrado, mas ao longo da vida tenho encontrado muito mais que dois pares de mãos para me ampararem. E hoje sou muito grata por esse amparo.

Eu poderia enumerar as muitas pessoas a quem desejo agradecer, mas não farei isso aqui. Farei com que elas saibam pessoalmente o quanto me ajudam e são importantes para mim. Esse pequeno escrito serve, então, apenas para registrar o quanto sou toda grato.

*If they say
Who cares if one more light goes out?
In a sky of a million stars
It flickers, flickers
Who cares when someone's time runs out?
If a moment is all we are
We're quicker, quicker
Who cares if one more light goes out?
Well I do*

(LINKIN PARK, 2017, n.p)

RESUMO

Nessa dissertação adotamos a perspectiva teórica da Psicologia Cultural Semiótica (PCS) para investigar o processo de construção de significados. A PCS assume que o ser humano é um construtor de significados e que os significados são transformados e sempre imersos no contexto sociocultural. Considerando que o contato com tentativas e suicídios gera impactos na vida das pessoas, abalando sua esfera social e afetiva, buscamos entender essas significações construídas através dos processos de imaginação. Então, buscamos compreender, através de processos imaginativos, como se dá a dinâmica de (re)construção de significados de um bombeiro sobre suicídio, face às tensões entre sua história particular e a cultura coletiva na qual ele está inserido. Para isso, o caminho metodológico utilizado reuniu métodos qualitativos de caráter idiográfico para a construção dos dados: (a) entrevistas semiestruturadas, (b) tarefas instigadoras de imaginação – apresentação de um vídeo e a construção de um “memorial”. Com esse método pudemos (1) identificar as concepções, expectativas e afetos acerca do suicídio e (2) explorar projeções para o futuro imaginado que o bombeiro antevê para alguém que sobreviveu a uma tentativa de suicídio, assim como através da construção de um “memorial” imaginado para quem se suicidou. Participou desse estudo um bombeiro com atuação em ocorrências de tentativas de suicídios. A partir da análise dos dados, constatamos que os significados construídos pelo participante nascem de uma constante negociação entre seus sentidos pessoais (cultura pessoal) e as mensagens que circulam na cultura coletiva, tendo papel central os processos imaginativos e as relações dialógicas estabelecidas pelo sujeito enquanto um construtor de significados no mundo. A partir do enfoque nas relações do participante com o *gegenstand* e com outros sociais (endereçado e audiências) pudemos vislumbrar como os significados que ele constrói sobre suicídio e sobre quem tenta se matar, estão ligados ao lugar ao seu lugar como bombeiro. Nesse lugar de bombeiro, é muito forte o ideal de salvar vidas, de modo que essa noção opera como um signo hipergeneralizado que guia suas concepções, expectativas, bem como abre o leque de horizontes possíveis ou não para as ações dele. Em toda a construção sónica do participante, considerando as tensões entre cultura pessoal e coletiva, bem como a relação dialógica (Agente-Outro-Objeto) e as prospecções realizadas (Agente<>*gegenstand*), sobressai a defesa da continuidade da vida. Nesse contexto, o que se fala sobre suicídio é sempre feito a partir daquilo que é valorado pelo sujeito e sociedade, fala-se do suicídio sempre orientado pelos moldes e ideias de prevenir e evitar o suicídio.

Palavras-chave: Prevenção do suicídio. Imaginação. Construção de significados. Psicologia Cultural Semiótica.

ABSTRACT

In this dissertation, we adopt the theoretical perspective of Semiotic Cultural Psychology (PCS) to investigate the process of meaning construction. The PCS assumes that the human being is a constructor of meanings and that meanings are transformed and always immersed in the sociocultural context. Considering that the contact with attempts and suicides generates impacts on people's life, shaking their social and affective sphere, we try to understand these significations are constructed through the processes of imagination. We seek to understand, through imaginative processes, how the dynamics of (re) construction of a firefighter's meanings on suicide, given the tensions between his particular history and the collective culture in which he is inserted. For this, the methodological approach used in this dissertation brought together qualitative methods of idiographic character for the construction of the data: (a) semi-structured interviews, (b) tasks that triggers the imagination - presentation of a video and the construction of a "memorial". With these methods, we were able to (1) identify the conceptions, expectations and affects about suicide and (2) explore the projections for the imagined future that the firefighter foresees for someone who survived an attempted suicide, as well as by building a "memorial" imagined for who committed suicide. This study included a firefighter who had worked on occurrences of attempted suicides or materialized. From the analysis of the constructed data, we find that the meanings constructed by the participant are born of a constant negotiation between their personal senses (personal culture) and the messages that circulate in the collective culture, having a central role the imaginative processes and the dialogical relations established by the subject as a constructor of meanings in the world. Focusing on the participant's relationships with the *gegenstand* and with other social (addressed and audiences) we can glimpse how the meanings of suicide constructed, as well as the of the person trying to kill himself, are linked to his place as a firefighter. In this place of firefighter, the idea of saving lives is very strong, so that this notion operates as a hypergeneralized sign that guides his conceptions, expectations, as well as open the range of possible horizons or not for his actions. Considering the tensions between personal and collective culture, as well as the dialogical relationship (Agent-Other-Object) and the prospects carried out (Agent \diamond *gegenstand*), the whole of the participant's sign construction stands out for the defense of life. In this context, what is said about suicide is always made from what is valued by the subject and society, it is spoken of the suicide always guided by the molds and ideas to prevent and avoid suicide.

Keywords: Suicide prevention. Imagination. Meaning making. Semiotic Cultural Psychology.

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|-------------|---|----|
| Figura 1 - | Modelo de Willian Stern do <i>lugar</i> da Psique (Stern, 1938)..... | 25 |
| Figura 2 - | Unidade quadrática de INTERIOR <> EXTERIOR e PASSADO <> FUTURO..... | 26 |
| Figura 3 - | Estrutura do <i>Gegenstand</i> | 33 |
| Figura 4 - | Relação Agente <> <i>gegenstand</i> | 35 |
| Figura 5 - | Dinâmica dialógica e a construção de significados..... | 38 |
| Figura 6 - | Simulação da relação entre o escorpião e o <i>gegenstand</i> | 65 |
| Figura 7 - | Relação de Pedro com o <i>gegenstand</i> (suicídio do escorpião) e sua direcionalidade..... | 66 |
| Figura 8 - | Significados construídos por Pedro na primeira vez que ouviu sobre suicídio..... | 67 |
| Figura 9 - | Relação de Pedro com o <i>gegenstand</i> (tentativa de suicídio) e sua direcionalidade..... | 70 |
| Figura 10 - | Relação de Pedro com o <i>gegenstand</i> (homem que está tentando suicídio) e sua direcionalidade..... | 74 |
| Figura 11 - | Relação de Pedro com o <i>gegenstand</i> (homem à beira de uma ponte) e sua direcionalidade..... | 82 |
| Figura 12 - | Relação de Pedro com o <i>gegenstand</i> (pessoa que tenta suicídio) e sua direcionalidade..... | 84 |
| Figura 13 - | Relação de Pedro com o <i>gegenstand</i> (tarefa de simbolizar o suicídio) e sua direcionalidade. | 86 |
| Figura 14 - | Simbolização da vida. | 89 |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|------------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 12 |
| 2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 17 |
| 2.1 | PSICOLOGIA CULTURAL SEMIÓTICA | 17 |
| 2.1.1 | Cultura como processo e mediação semiótica..... | 19 |
| 2.1.2 | Construção de significados | 23 |
| 2.1.3 | Processos Imaginativos | 29 |
| 2.1.4 | Relações dialógicas, dialogismo e a construção de significados..... | 36 |
| 2.2 | SUICÍDIO: ASPECTOS HISTÓRICOS | 38 |
| 2.2.1 | Como é visto em diferentes áreas da sociedade | 45 |
| 2.2.2 | Prevenção do suicídio | 48 |
| 2.2.3 | Profissionais da prevenção e as repercussões do suicídio | 51 |
| 2.2.4 | Contexto do bombeiro militar | 54 |
| 3 | METODOLOGIA ADOTADA | 57 |
| 3.1 | OBJETIVOS | 57 |
| 3.2 | PARTICIPANTE..... | 58 |
| 3.3 | CONSTRUÇÃO DE DADOS: INSTRUMENTOS, MÉTODO E PROCEDIMENTOS | 58 |
| 3.4 | PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE | 61 |
| 4 | RESULTADOS E ANÁLISE | 63 |
| 4.1 | CONHECENDO PEDRO | 63 |
| 4.2 | SITUAÇÃO A: PRIMEIRA VEZ QUE OUVIU FALAR SOBRE SUICÍDIO | 64 |
| 4.3 | SITUAÇÃO B: PRIMEIRA EXPERIÊNCIA NUMA OCORRÊNCIA COM TENTATIVA DE SUICÍDIO | 69 |
| 4.4 | SITUAÇÃO C: EXPERIÊNCIA MAIS MARCANTE DE SUA ATUAÇÃO..... | 72 |
| 4.5 | SITUAÇÃO D: TAREFA DE IMAGINAÇÃO..... | 79 |
| 4.6 | SITUAÇÃO E: CONSTRUÇÃO DO “MEMORIAL” | 85 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES GERAIS | 93 |
| | REFERÊNCIAS | 98 |
| | APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MAIORES DE 18 ANOS | 104 |
| | APÊNDICE B - ROTEIRO DA ENTREVISTA 1 | 107 |
| | APÊNDICE C - ROTEIRO DA ENTREVISTA 2 | 109 |
| | APÊNDICE D - ROTEIRO DA ENTREVISTA 3 | 111 |

| | |
|---|------------|
| APÊNDICE E - CATEGORIAS DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA | 112 |
|---|------------|

1 INTRODUÇÃO

Todos os dias vemos nos noticiários, nas mídias sociais e nas pesquisas que as pessoas estão tentando tirar suas vidas. Outras estão cometendo suicídio, estão, de fato, morrendo. Prestar atenção a isso, junto ao contato com pessoas que pensavam no suicídio como possibilidade foram experiências que marcaram a autora dessa dissertação, principalmente, durante sua experiência enquanto graduanda, com particular destaque ao período de estágio obrigatório ocorrido ao final da graduação de psicologia. Experiência esta, em que precisou escutar de seus pacientes diversas narrativas envolvendo tentativas de suicídio. Precisou escutar significados tão variados sobre suicídio, tanto dentre esses pacientes, quanto dentre os demais estagiários e profissionais que ali atuavam. Foi também nesta vivência que a autora precisou refletir sobre os próprios significados acerca de um tema tão delicado quanto o suicídio.

Dar-se conta disso levou a pesquisadora a duas inquietações. A primeira delas é: se o suicídio é a “morte de si mesmo” (CASSORLA, 1984, p. 9), o que pode estar acontecendo com as pessoas que pensam em suicídio, o que as leva a recorrer a esse artifício? A segunda inquietação, por sua vez, considera o impacto que o suicídio causa: o que as pessoas pensam, sentem, como se posicionam a respeito do suicídio? O que a sociedade tem feito diante de tal constatação? A partir dessas inquietações a autora se debruçou em explorar esse fenômeno do suicídio através de leituras e conversas com pessoas que, de alguma forma, passam ou passaram pela experiência de tentativa de suicídio, sua ou de outrem.

De acordo com Organização Mundial da Saúde (OMS, 2017), estima-se que mais de 800.000 pessoas morrem por suicídio a cada ano, deixando um impacto devastador em familiares, amigos e comunidade mesmo muito tempo após a sua ocorrência (OMS, 2014). Além disso, para cada suicídio há um número ainda maior de tentativas, que podem ser reconhecidas ou não como tal.

A preocupação com o suicídio tem uma grande abrangência a nível mundial, uma vez que ele é um fenômeno presente em todas as sociedades em diversos tempos históricos, tendo sido compreendido e significado de diferentes modos, bem como estudado de formas peculiares por pessoas distintas. Nesse âmbito, o suicídio é revestido de variadas significações em civilizações e momentos históricos distintos, na sociedade e na vida particular das pessoas. Sendo assim, ele é caracterizado por transformações histórico-culturais em seu significado que ganham uma roupagem singular a depender da forma que cada sujeito atribui sentido a esse fenômeno, passando, por exemplo, da significação de condenação e penalização até a significação de permissão e encorajamento (WERLANG; ASNIZ, 2004).

De acordo com Berenchtein Netto (2007), essas transformações estão diretamente ligadas à visão de homem e de mundo de cada sociedade e, por conseguinte, às noções de vida e morte construídas a cada momento da história. Em geral, a morte autoprovocada tem uma conotação negativa, principalmente em culturais de origem judaico-cristãs.

No que toca aos sentidos no âmbito individual, o suicídio é um fenômeno cuja ocorrência ou sua tentativa causam profundos impactos na vida das pessoas. Entretanto, as pessoas são afetadas de modos distintos a depender do grau de envolvimento com este fenômeno e com os personagens nele inclusos. À vista disso, elegemos para esse estudo lançar nosso olhar para aqueles que se dedicam à prevenção do suicídio, ao invés de explorar as causas imaginadas que levam uma pessoa a cometer suicídio ou tratar o tema no âmbito de políticas públicas e manifestações macrossociais a respeito. Ou seja, busca-se explorar o significado do suicídio para as pessoas que precisam lidar com aqueles que pensam no suicídio como uma possibilidade.

Em linhas gerais, é possível ver na literatura científica, que aqueles que lidam com o suicídio podem ter uma polarização a respeito dos significados dados às tentativas de suicídio (FREITAS, A. P. A., 2013). Podendo ter um forte componente afetivo, de valor, pois atender pessoas que tentaram suicídio pode gerar sentimentos ambivalentes nos profissionais de saúde (BERTOLOTE; MELLO-SANTOS; BOTEAGA, 2010).

Esse cenário é atravessado por um entendimento de que a prevenção do suicídio é uma prioridade na saúde pública e políticas públicas mundiais, logo, ressalta-se a produção de diversas estratégias e intervenções para preveni-lo de modo supostamente eficaz. Dessa forma, os profissionais que lidam com o suicídio têm a seu dispor diversos protocolos e políticas de como agir diante da iminência de um suicídio, seja para evitá-lo, seja de como proceder após sua ocorrência.

Neste âmbito, entendemos que o ser humano busca dar sentidos a tudo que acontece a sua volta e não seria diferente com o fenômeno do suicídio. Destarte, percebemos uma oportunidade para investigar as construções culturais que coexistem em um dado tempo e contexto acerca do suicídio. Não obstante, mesmo tendo em vista que o suicídio é “inerente à natureza humana em toda parte” (HILLMAN, 2016, p.15), trazer à baila questões concernentes ao suicídio e à morte indica a violação de tabus da sociedade, pois esses são temas longamente encobertos.

Ainda, admitindo que “a experiência humana é profunda, pessoal e potencialmente infinita” (VALSINER, 2014a, p. 12) e que o suicídio é um tema que atravessa a experiência

humana, propomos aqui reflexões acerca do suicídio e seus impactos tanto na esfera social (sentidos coletivos compartilhados), como os significados de âmbito pessoal. Tomando como base os princípios da Psicologia Cultural Semiótica – a qual assume o ser humano enquanto um construtor de significados e, considerando que os significados são transformados e sempre imersos no contexto sociocultural (VALSINER, 2000; 2012; 2014a) – propomos investigar como uma pessoa que atua na prevenção ao suicídio constrói e reconstrói os significados acerca do suicídio.

Para isso, elegemos um grupo que se destaca por sua atuação na prevenção e impedimento do suicídio: o Corpo de Bombeiros Militar de Pernambuco (CBMPE). Os bombeiros atuam presencialmente prestando socorro a pessoas que tentam suicídio, assim, eles são chamados quando alguém os aciona para socorrer uma pessoa que está em risco de suicidar-se. Os profissionais desse grupo têm uma particularidade se comparados a outros grupos de prevenção. Se no caso de psicólogos, enfermeiros, assistentes sociais, etc. a pessoa que tentou suicídio chega por iniciativa própria ou levada por outras pessoas, os bombeiros, por outro lado, atuam *in loco*, isto é, eles vão até a pessoa que está tentando pôr fim a própria vida. Além disso, nesse contexto existem inúmeras possibilidades de como os bombeiros poderiam agir (de formas diferentes em situações de crise) ou de serem afetados por esses eventos, o que poderia despertar formas distintas de lidar com a questão do suicídio.

É importante salientar também que o contexto sócio-histórico-cultural direciona as significações construídas, bem como modula a criação de experiências que escapam do aqui e agora e são dirigidas ao futuro utilizando a imaginação. Essa dinâmica faz emergir significações construídas pelas pessoas, regulando suas concepções, expectativas, sentimentos e afetos acerca do suicídio. Deste modo, o contexto sociocultural de prevenção de suicídio parece envolto de características cujo estudo pode contribuir para investigação empírica focada na construção e reconstrução de significados. Além disso, tendo em vista que o contato com tentativas de suicídios gera impactos na vida das pessoas, abalando sua esfera social e afetiva, buscamos entender essas significações construídas através dos processos de imaginação. Outrossim, esses processos são investigados enquanto participam das experiências das pessoas que o fazem de maneira única e particular (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016a). Buscamos, portanto, investigar a construção de significados de uma pessoa que atende àqueles que “pedem ajuda” no momento em que a vida parece não mais lhes oferecer nenhuma outra saída ou futuro a ser imaginado a trilhar.

Para tal, tecemos como objetivo geral dessa dissertação: compreender, através dos processos imaginativos, como se dá a dinâmica de (re)construção de significados de um bombeiro sobre suicídio, face às tensões entre sua história particular e da cultura coletiva na qual ele está inserido.

Pretendemos explorar como a imaginação é um processo cognitivo fundante na construção de significações ao abordar essa temática, uma vez que permite desvendar a relação entre a cultura coletiva, no presente momento e contexto, e as culturas pessoais do participante. Ademais, fazendo isso, buscamos dar visibilidade a um tema considerado tabu e que é regulado na sociedade por orientações sobre “como falar ou não a respeito” e de “o que fazer ou não em relação ao suicídio”, principalmente nos contextos de prevenção e assistência.

Com o intuito de abranger o objetivo elencado nesse estudo, essa dissertação é dividida em 4 capítulos. O capítulo 1 dedica-se à fundamentação teórica que inspira e orienta esse trabalho, assim, primeiro apresentamos o arcabouço teórico da Psicologia Cultural Semiótica, em seguida fazemos uma apresentação dos processos imaginativos, seguidos de uma breve visão sobre dialogicidade. Em tudo isso focalizamos como a construção de significados é central para a experiência do homem no mundo. Na segunda parte desse capítulo são apresentados os aspectos históricos acerca do suicídio, bem como uma breve incursão sobre como a temática tem sido vista por diferentes áreas da sociedade, como hoje o suicídio é alvo de prevenção, seguido das repercussões do suicídio para os profissionais que lidam com o tema.

No capítulo 2 dedicamo-nos a apresentar a metodologia adotada nessa pesquisa, assim, descrevemos os objetivos gerais e específicos, depois os aspectos relativos a escolha do participante e a caracterização dos instrumentos para construção dos dados. Ainda, apresentamos o método que organiza o uso dos instrumentos e os procedimentos efetivamente realizados e, finalmente, explicitamos os procedimentos que permitiram fazer uma análise daquilo que foi construído.

No capítulo 3 apresentamos os resultados construídos, em que se leva em conta recortes de destaques que evidenciem o fenômeno que se pretende estudar e a análise dos mesmos, através de articulações teóricas que vislumbram compreender a dinâmica de construção de significados produzidas na relação do participante com a pesquisadora e seus instrumentos.

O capítulo 4, por sua vez, é destinado às considerações gerais acerca dos resultados e análise. Ainda, visa-se uma outra elaboração a respeito do que fora percebido no capítulo anterior em busca de compreensões, sobre a temática em foco. Por fim, apresenta-se um

apanhado geral e final do trabalho e as devidas referências bibliográficas consultadas e utilizadas nesse estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção apresentaremos o arcabouço teórico que sustenta e orienta o caminho percorrido para a construção da presente dissertação. Iniciaremos destacando a perspectiva teórica adotada – a Psicologia Cultural Semiótica – e conceitos cruciais da mesma, posteriormente serão expostos os aspectos históricos acerca do suicídio.

2.1 PSICOLOGIA CULTURAL SEMIÓTICA

Nesta dissertação adotamos como perspectiva teórica balizadora a Psicologia Cultural Semiótica (PCS), proposta por Valsiner (2000; 2012; 2014a). Esta perspectiva faz parte das abordagens denominadas socioculturais que surgiram da convergência e diálogos entre áreas como história, sociologia, sociolinguística, antropologia e psicologia (VALSINER, 2014a) no final da década de 1980 (VALSINER; ROSA, 2007).

Enquanto subcampo da psicologia, a psicologia cultural está em ascensão desde a década de 90 (COLE, 1996 apud VALSINER, 2014a), não obstante, ela tem um longo percurso dentro da psicologia. Segundo Valsiner (2018), o início da psicologia cultural é muito anterior à história da própria psicologia enquanto uma disciplina independente. Assim, havia um prenúncio de como reinserir a cultura na psicologia, pois já no início do século XIX, houve, por exemplo, foco sobre fenômenos culturais na filosofia da linguagem de Wilhelm von Humboldt (VON HUMBOLDT, 1836; 1905 apud VALSINER, 2019). Ainda, de acordo com Valsiner (2012),

na década de 1860, surgia a *Völkerpsychologie* de Moris Lazarus e Chaim Steinthal; no início do século XX, a psicologia popular (*Folk Psychology*) de Wilhelm Wundt e as perspectivas semióticas de Karl Buhler e Lev Vygotsky: na década de 1950, a tradição da ‘cultura e personalidade’ na antropologia e, já em nosso tempo, o campo da psicologia cultural (p. vii, ênfases do autor).

Apesar das abordagens socioculturais apresentarem heterogeneidade teórica, todavia, elas têm como elemento unificador a compreensão do ser humano enquanto um ser social (VALSINER; ROSA, 2007). Nessa direção, Costa e Lyra (2002) elucidam que tais abordagens preconizam a especificidade social e cultural da mente humana.

Essa compreensão tem seu respaldo na perspectiva sócio histórica de Vygotsky. Dentre os aspectos dessa perspectiva, podem ser destacados três que são importantes fundamentos para uma psicologia cultural: (i) a ênfase nos processos do desenvolvimento, (ii) o foco na emergência de formas superiores de organização psicológica (funções mentais superiores) e

(iii) a não redução de toda a complexidade da dinâmica psicológica a seus aspectos constitutivos (OLIVEIRA, M. K., 2005). Assim, essa psicologia se compromete com dois aspectos essenciais do sujeito psicológico: seu desenvolvimento e transformação contínua, além de sua inserção semiótico-cultural.

Nesse sentido, a psicologia cultural mostra-se como uma direção nova ou renovada – como acentua Valsiner (2018) – que, por um lado, acontece na intersecção entre a psicologia social e do desenvolvimento e, por outro, da antropologia cultural. Ela busca capturar aquilo que outras áreas da psicologia têm evitado no que diz respeito a psique humana – o estudo dos processos mentais superiores, os quais envolvem a vontade humana e a construção intencional de significados (VALSINER, 2014a). A psicologia, de um modo geral, tem focado na investigação de processos psicológicos inferiores (VALSINER, 2014a), além disso, o indivíduo é visto a partir de uma visão “fragmentada, a-histórica e abstrata” (FREITAS, M. T. A., 1996, p. 68). Consoante a isso, Oliveira, M. K., (2005), ao apresentar o pensamento vygotskyano, elucida que os processos mentais inferiores dizem respeito a mecanismos mais elementares, tais como reflexos, reações automáticas e associações simples. Os processos mentais superiores, por sua vez, são mais complexos e estão relacionados a ações conscientemente controladas, comportamento ou ação intencional e voluntária. Dito de outro modo, e nas palavras de Valsiner (2014a), esses processos “implicam intencionalidade, direcionamento de objetivos e flexibilidade para se ajustar ao mundo – e ajustar o mundo a si mesmo” (p. 11, tradução nossa).

No que tange à ênfase dada aos processos mentais superiores, convém salientar uma outra contribuição do pensamento vygotskyano. Acerca do funcionamento psicológico humano, este autor acredita que o ser humano, em seu processo de desenvolvimento, transforma-se de biológico em sócio-histórico. Desse modo, é imprescindível destacar o papel da cultura, pois ela é constitutiva da natureza humana. Desse modo, “não podemos pensar o desenvolvimento psicológico como um processo abstrato, descontextualizado, universal” (OLIVEIRA, M. K., 2005, p. 24). Logo, o desenvolvimento humano se dá dentro de um contexto, situado, corporificado. Outrossim, os seres humanos são sociais na medida em que dependem dos contextos sociais que produzem para si, mas também são, simultaneamente, unicamente pessoais, em seus aspectos subjetivos, afetivos, e individualmente orientados a metas (VALSINER; ROSA, 2007).

Ademais, conforme destaca Valsiner (2018), atualmente, a psicologia cultural tem realizado movimentos elucidando sua abertura tanto a novos modelos teóricos, bem como à integração de abordagens diversas como a antropologia cultural, a psicologia social e do

desenvolvimento, a história e a sociologia. Nesse ensejo, a psicologia cultural considera, essencialmente, “a primazia da natureza qualitativa dos fenômenos, tanto em sua estrutura como em seu desdobramento” (VALSINER, 2012, p. vii). Portanto, ela almeja investigar a mente humana como social, cultural e histórica (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016a). Concernente à abordagem valsineriana, a Psicologia Cultural Semiótica – tendo nascido como uma disciplina híbrida (VALSINER, 2014a) – se caracteriza, portanto, como um tipo de ciência desenvolvimentista, interdisciplinar e social (VALSINER, 2012).

Essa perspectiva põe ênfase nos fenômenos da vida humana, uma vez que os considera como centrais para a ciência (VALSINER, 2014a). Além disso, essa psicologia se propõe a compreender os fenômenos psicológicos que acontecem devido aos aspectos socioculturais de vidas humanas nos mais variados contextos sociais. Conforme apresentam Valsiner e Rosa (2007), o fenômeno dessa perspectiva resulta da interpretação da experiência, portanto, ela lida com a construção de significados, a co-construção do conhecimento e sua manutenção ou transformação ao longo do tempo. Outrossim, são considerados não só os fenômenos sociais e culturais em si mesmos, mas também é considerado como as pessoas experienciam esses fenômenos de maneira única e particular (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016a).

A psicologia cultural semiótica entende o desenvolvimento humano como uma transformação e construção individual e ao mesmo tempo coletiva. Assim, ela almeja compreender esse processo de transformação ocorrendo dentro da cultura, ao dispor de sua característica definidora: “a capacidade de funcionamento semiótico” (LYRA, 2012, p. v).

Na presente dissertação voltamos nosso olhar sobre a experiência que se desenrola no contexto de prevenção do suicídio, procurando entender de que maneira uma pessoa que atua face a temática do suicídio constrói e reconstrói significados sobre suicídio. Para melhor compreender o enfoque de estudo em psicologia cultural semiótica apresentamos alguns conceitos-chaves que nortearam a descrição da dinâmica da construção de significados de um bombeiro sobre suicídio. Os conceitos-chaves que auxiliaram nesse entendimento são cultura como processo, mediação semiótica, construção de significados, ambivalência, esfera de experiência.

2.1.1 Cultura como processo e mediação semiótica

Geralmente, referimo-nos a cultura usando termos como “cultura brasileira”, “cultura norte-americana”, “pouca cultura”, dentre outros. Todos esses termos denotam a cultura como

sendo uma coisa. Nesse caso, essa coisa estaria parada, seria estática. Com essa noção de cultura pode-se comparar diferentes culturas, ela seria, então, como um pano de fundo sobre o qual os eventos da vida acontecem. Nesse sentido, poder-se-ia pensar na cultura como um cenário teatral, onde, quando se muda a cena, muda-se também o cenário atrás dela (VALSINER, 2012; 2014a).

Entretanto, a cultura é muito mais que isso. Conforme já elucidado acima, a partir de uma visão sócio histórica, a cultura constitui o sujeito. Quando o ser humano nasce, ele nasce imerso num ambiente cultural, com regras e normas já estabelecidas. Essas regras e normas orientarão o sujeito em seu desenvolvimento, de modo que seu funcionamento psicológico se apoia em maneiras culturalmente construídas de ordenar o mundo objetivo (OLIVEIRA, M. K., 2005).

A despeito da noção de cultura ter uma longa história, Valsiner explana que Talcott Parsons (1951 apud VALSINER, 2014a) procurou definir a cultura considerando três condições: “[...] primeiro, a cultura é *transmitida*, constitui uma herança ou uma tradição social; em segundo lugar, que é *aprendida*, não é uma manifestação, em um conteúdo particular, da constituição genética do homem; e, terceiro, que é *compartilhada*” (PARSONS, 1951, p. 15 apud VALSINER, 2014a, p. 57, grifos do autor).

No entanto, segundo Valsiner (2014a), ao fazer isso Parsons reduziu toda a variabilidade de esforços anteriores acerca da definição de cultura. Além do mais, nenhuma dessas características se adequa a atual perspectiva da psicologia cultural, de modo que Valsiner (2014a) elenca outras características que substituem as defendidas por Parsons, levando em conta agora o relacionamento entre a pessoa ativa e seu mundo.

Assim, a cultura não é transmitida, mas (1) **co-construída** (“re-construído em novas formas através de do seu compartilhamento entre gerações e entre os seus pares); a cultura não é aprendida, ela é (2) **internalizada/ externalizada** (“as mensagens comunicadas por meio de sinais são ativamente reelaboradas, recompondo novos padrões intrapsíquicos e produz novos padrões que sejam possíveis para a compreensão do outro”) e, por fim, ela não é compartilhada, e sim (3) **coordenada** (“Diferentes manifestações decorrem de pessoas e instituições sociais que regulam o que é vivenciado por ambos, de forma que são direcionadas, porém indeterminadas”) (VALSINER, 2014a, p. 57).

Valsiner (2012) apresenta, ainda, três formas de se conceber a cultura na psicologia, considerando a relação entre cultura e pessoa. Na primeira forma de relação a **pessoa pertence à cultura**, ou seja, as pessoas, enquanto seres individuais, pertencem à cultura, de modo que

podem ser categorizadas em suas características individuais, sendo consideradas todas similares pelo fato de pertencerem a mesma cultura e partilharem do mesmo conjunto de características culturais, ainda que com diferença quantitativa. Os estudos da psicologia transcultural apoiam-se nesse modo de relação cultura-pessoa, realizando comparações entre grupos.

Na segunda forma de relação a **cultura pertence à pessoa**, isto é, cada pessoa “carrega” a cultura consigo, pois, esta última é um “organizador inerente, sistêmico, dos sistemas psicológicos de pessoas individuais” (VALSINER, 2012, p. 23). Aqui, não há necessidade de distinguir qual o país de origem ou de qual grupo étnico a pessoa é, posto que a cultura estaria funcionando no interior de seu sistema psicológico independentemente de estar em seu país lar ou não. Os estudos da antropologia social se afiliam a essa forma de relação.

E, finalmente, na terceira forma de relação a **cultura pertence à relação da pessoa com o ambiente**. A cultura, então, é vista considerando os diferentes processos através dos quais as pessoas estabelecem relacionamentos com o mundo (VALSINER, 2012). Neste sentido, a cultura é compreendida como um processo. Aqui, tanto a cultura constitui a pessoa, quanto a pessoa constitui a cultura, de modo que a cultura não se restringe a aspectos como em que país se vive, qual o nível sócio-econômico ou qual a profissão.

É nesta direção que a psicologia cultural semiótica segue, assim, a cultura não é apreendida como uma entidade, mas como um processo entre as mentes ativas das pessoas e seu ambiente sociocultural. Ou seja, a cultura é uma relação de processo que decorre entre o sujeito e o objeto do desenvolvimento humano. Destarte, a cultura – como processo – está integrada ao sistema psicológico do sujeito, de modo que pertence aos fenômenos psicológicos de nível superior. Ainda, a cultura está dentro da pessoa, porém esse estar dentro implica estar *entre* a pessoa e o mundo. Desse modo, a cultura se localiza entre a pessoa e o mundo social, deixando marcas tanto no ambiente como na vida humana (VALSINER, 2014a).

Podemos compreender melhor essas afirmações se tivermos em vista a noção de separação inclusiva (VALSINER, 1997), ou seja, a pessoa está ligada ao contexto numa relação em que é, ao mesmo tempo, distinta do contexto e parte dele (VALSINER, 2012). Segundo Valsiner (2012) “este estado de coisas, *separado – ainda que – não separado*, permite fazer qualquer distinção Sujeito-Objeto, o que, por sua vez, pode conduzir à reflexão sobre a relação entre os dois” (p. 132, grifo do autor).

Para prosseguirmos na compreensão teórica que adotamos nesta dissertação é preciso inserir agora a noção de mediação semiótica. O relacionamento do homem com o mundo não se dá de maneira direta, mas sim de maneira mediada. Entre o homem e o mundo existe um

“processo de intervenção de um elemento intermediário [...]; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento” (OLIVEIRA, M. K., 2005, p. 26). Nos enquadres da PCS esse elemento intermediário são os signos. Em termos genéricos, os signos são elementos que representam outros objetos, eventos etc. Vygotsky define signos como instrumentos psicológicos voltados para o próprio sujeito e ao controle de ações no âmbito psicológico, as quais podem ser do próprio sujeito ou de outras pessoas (OLIVEIRA, M. K., 2005).

Seguindo a tradição semiótica de Peirce (1873/1986 apud VALSINER, 2012), o signo é um objeto que está em lugar de uma outra coisa. Eles são fabricados na mente e, portanto, o ser humano possui capacidade semiótica, de modo que sua mente opera pelo uso dos signos (VALSINER, 2012). O uso dos signos possibilita uma ampliação da ação do homem no mundo (OLIVEIRA, M. K., 2005), assim, é a mediação semiótica que viabiliza as trocas entre o sujeito e seu ambiente, por meio do processo de internalização e externalização (COSTA; LYRA, 2002).

Ainda no âmbito da PCS, a cultura é encarnada por meio da relação do ser humano com o ambiente reconstruído – relação essa que, como já mencionamos, é semioticamente mediada. Desse modo, o nosso mundo não é aquilo que imediatamente percebemos dele, mas sim é aquilo que instantaneamente interpretamos dele. Não obstante, as interpretações desse meio ambiente são modificadas através de meios culturais, como os signos. No transcorrer de nossa vida, nós estamos continuamente criando signos, agindo orientados por nossas interpretações desses signos, além de destruindo signos (VALSINER, 2014a).

Nesse ensejo, a cultura é constitutiva da construção de signos e seus processos de uso e destruição, os quais ocorrem ao mesmo tempo nos âmbitos intrapsicológico e interpsicológico. Assim, o ser humano age sempre construindo relações significativas com o mundo primeiro dentro de seu infinito subjetivo interno, e ao mesmo tempo trata esse ambiente como sendo significativo (VALSINER, 2014a). Desse modo, a medida em que a cultura é tomada como uma parte da organização das funções psicológicas humanas, “ela assume a forma da construção e uso de signos para transformar o contexto aqui-e-agora do ser humano” (VALSINER, 2012, p. 65).

Na relação entre as pessoas e seu ambiente sociocultural surgem diferentes “produtos da mente” como significados, ferramentas e símbolos que reencaminham tanto as pessoas como o ambiente sociocultural. Nesse sentido, são as pessoas que operam através da cultura de maneiras orientadas a metas e, assim, reorganizam seus mundos. A cultura por si só não possui agência, mas os sujeitos sim, posto que não é a cultura quem faz algo, e sim as pessoas. Segundo

Valsiner (2014a), “o poder da cultura está nas ações dos agentes humanos” (p. 53, tradução nossa). Nesse sentido, Wikan (2002), citado por Valsiner (2014), afirma que “são pessoas, não a cultura, que têm o poder de agir. E são pessoas, não a cultura, que podem mudar a vida para melhor ou para pior” (p. 68, tradução nossa). Portanto, são as pessoas que fazem a cultura, a mantêm e a destroem (VALSINER, 2014a).

2.1.2 Construção de significados

Grande parte dos objetos que temos no mundo são signos combinados. A combinação de signos possibilita a construção de significados, construção essa que acontece dentro das possibilidades semióticas ofertadas do mundo (VALSINER, 2012). De acordo com Salvatore e Zittoun (2011), no processo de construção de significados as pessoas transformam suas experiências em experiências significativas. Nessa transformação, as experiências significativas são carregadas de valor, se relacionam com outros eventos e possibilitam que as pessoas pensem e se expressem a respeito dessas experiências. A construção de significados é, dessa maneira, o cerne do fenômeno psicológico, e, portanto, da PCS.

A centralidade da construção de significados, enquanto fenômeno psicológico, pressupõe o olhar para a mediação semiótica (SALVATORE; ZITTOUN, 2011). Como já explanado anteriormente, a mediação semiótica é tomada nessa abordagem desenvolvimental como a criação, uso e destruição dos signos. Em outras palavras, é uma dinâmica que ocorre pelo fenômeno cultural e processos psicológicos. À vista disso, a PCS se interessa em compreender a dinâmica da construção de significados, ou seja, como a combinação de signos possibilita a emergência de significados (SALVATORE; ZITTOUN, 2011). Assim sendo, os signos têm um papel primordial, de modo que a mediação semiótica é central para o desenvolvimento humano (VALSINER, 2012).

Entende-se que os seres humanos têm necessidade de construir significados sobre si mesmos, sobre os outros, sobre o mundo, enfim, sobre tudo que os cercam. Assim, pode-se afirmar que as pessoas são construtoras de significados, uma vez que dão sentido a tudo que encontram. É dessa forma que construímos a nós mesmos e ao nosso mundo (VALSINER, 2014a), sendo a própria pessoa quem cria, por meio de objetos significativos, seu mundo pessoal. Dito de outro modo, a pessoa subjetivamente constrói significados pessoais e, assim, cria sua cultura pessoal.

As pessoas ativamente decompõem mensagens, comunicadas a elas por signos, e as recompõem em novos padrões intrapsíquicos que são, então, construtivamente trazidos para

uma esfera acessível a outras pessoas. Por meio desse processo é que os seres humanos se relacionam uns com os outros ao mesmo tempo em que criam sua singularidade subjetiva. Com isso em mente, seria possível traçar singularidade pessoal em mundos sociais compartilhados. É através da internalização e da externalização construtiva que é possível usar todos os recursos culturais socialmente compartilhados para chegar a um corpo e mente completamente pessoal e único. Ambas as partes desse processo são construtivas: elas transformam as mensagens que entram em uma nova forma (internalização) e compõem novas mensagens na saída para o mundo social (externalização) (VALSINER, 2014a).

As pessoas não se dão por satisfeitas com o fato de alguém ter uma experiência negativa, ao contrário, elas irão refletir sobre essa experiência e dar sentido a ela. Por exemplo, quando ocorre um acidente de carro não é significativo dizer que foi apenas um incidente ou um evento casual, mas no momento em que se diz que foi por causa de feitiçaria, karma ou astrologia, a experiência pessoal é investida com significado cultural (OBEYESEKERE, 1981 apud VALSINER, 2014a). Por isso, uma questão central da PCS é o interesse em localizar a cultura nas atividades da vida de pessoas enquanto agentes. Essas pessoas são criadoras de significados e os significados construídos orientam suas relações com o ambiente.

O ato de construir significados é um processo e a pessoa é o agente do mesmo. Dessa forma, a pessoa, a medida em que cria significados, constrói implicações. Conforme elucida Baldwin (1908 apud VALSINER, 2014a), ao criar um significado afirmando que X é Y, o construtor de significados reconhece a existência de X mesmo que não exista uma evidência na experiência.

Convém sublinhar a noção da unicidade da experiência humana, ou seja, da irreversibilidade do tempo (VALSINER, 2012). Cada situação experienciada na vida humana é única e irrepetível na história do sujeito na medida em que transcorre num fluxo de tempo irreversível, ou seja, ocorre em um tempo que não retorna (SALVATORE; VALSINER, 2010). É dessa forma que a experiência humana se torna ainda mais central na PCS, pois caracteriza a singularidade do fenômeno. Além disso, a existência humana, em todos os seus âmbitos, está situada “dentro de uma extensão temporal que é orientada para o futuro” (VALSINER, 2012, p. 53). Enquanto atores ativos dentro de seus mundos, os seres humanos estão sempre entre seu estado atual de desenvolvimento e o estado de um futuro esperado.

A pessoa se move constantemente a horizontes abertos tanto no interior da sua própria psique quanto no exterior na exploração do mundo externo e criando sua significação através dos signos. As pessoas criam signos e através desses signos criam a elas mesmas, em sua

singularidade. A pessoa é social porque está constantemente transcendendo o contexto social imediato por meio da mediação semiótica: “Eu sou X, mas hoje quero agir como Y” (VALSINER, 2014a, p. 71) leva a uma nova experiência pessoal e que, por sua vez, permite que realmente se torne Y.

Segundo Stern (1935 apud VALSINER, 2014a), a *psique* funciona pela negociação de dois esforços (1) um em direção ao infinito interior (*inner infinity*), com o sentimento que a pessoa tem sobre o self e, (2) outro em direção ao infinito exterior (*outer infinity*), como a imaginação e conhecimento do mundo de fora. Vejamos a figura 1, abaixo:

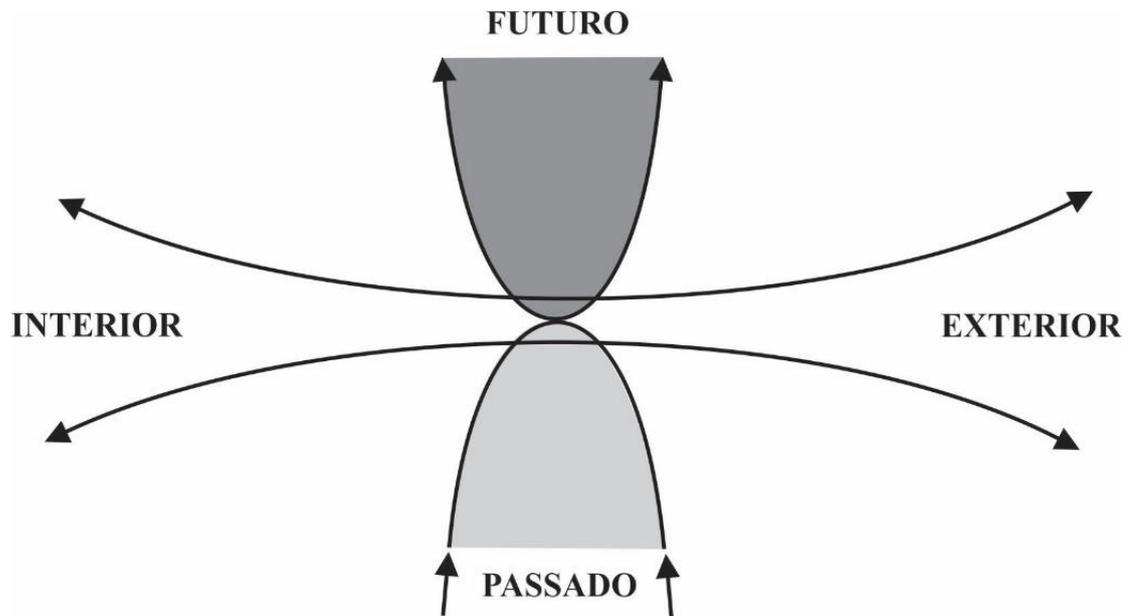
Figura 1: Modelo de Willian Stern do *lugar* da Psique (Stern, 1938).



Fonte: Zittoun et al. (2013, p.20).

Tal negociação ocorre na construção, no uso e na destruição de signos. A pessoa coordena em todo momento a profundidade da própria *psique* (infinito interno) com a profundidade do ambiente imediato (infinito externo), mas situada no presente. A PCS toma emprestado de Stern o foco na negociação desses dois infinitos e vai além desse modelo, apresentando a unidade quadrática (Figura 2). Nessa visão, o sujeito está em constante negociação entre os infinitos interior \diamond exterior e entre os infinitos passado \diamond futuro (VALSINER, 2014). Dessa maneira, as pessoas estão sempre coordenando seu mundo interior com o mundo externo, à vista de suas experiências passadas, sendo reguladas pelo futuro. Tudo isso acontecendo no tempo presente.

Figura 2: Unidade quadrática de INTERIOR \diamond EXTERIOR e PASSADO \diamond FUTURO.



Fonte: Valsiner (2014a, p.66).

Nessa coordenação é fundamental o processo dual da internalização e da externalização. Através desse processo cada pessoa torna-se única, ainda que esteja apoiada no mesmo background da cultura coletiva, visto que “enquanto que as ‘mensagens recebidas’ possam ser similares para diferentes indivíduos, o modo pelo qual essas mensagens serão transformadas e reconstruídas será de modo necessário pessoalmente único” (VALSINER, 2012, p. 56). É neste sentido que culturas ou mundos pessoais apresentam certa autonomia em relação à cultura coletiva. Ainda, é importante ressaltar que não existe isomorfismo entre os domínios pessoais/subjetivos e sociais/coletivos da experiência humana.

Além do mais, na construção de significações existe tensão entre aquilo que é valorado na cultura pessoal e aquilo que é valorado na cultura coletiva, assim a criação de novos signos acontece com vistas a resolver tal tensão (VALSINER; ROSA, 2007). Finalmente, os significados construídos conduzem as pessoas a reconstruir o mundo externo e objetivo, enquanto esse mundo reconstruído orientará, a posteriori, os processos de construção de significados (VALSINER, 2012). Nas palavras de Zittoun et al. (2013) “a cultura coletiva é constantemente (re)criada através das externalizações da pessoa, mas que não é uma imagem de espelho da cultura pessoal, nem a cultura pessoal é uma imagem de espelho da cultura coletiva” (p.113).

No que diz respeito à construção de significados, também é importante ressaltar que o ser humano está constantemente combinando signos para auxiliá-lo na sua adaptação ao

presente, ao mesmo tempo em que lida com as mais variadas possibilidades de futuro – um leque de incertezas (ABBEY; VALSINER, 2005). De acordo com Abbey e Valsiner (2005), a pessoa move-se do pequeno momento que constitui o presente para o momento indeterminado do futuro, que é sempre incerto (ABBEY; VALSINER, 2005; VALSINER, 2012).

Essa relação entre presente conhecido e futuro desconhecido pode ser elucidada considerando a relação $A \leftrightarrow \text{não-A}$. Vejamos primeiro essa relação na construção de significados: quando cria-se o significado A está sempre implicado o seu oposto o não-A (VALSINER, 2012), ou seja, cada significado carrega em si possibilidades outras que ele pode assumir. Como afirmam Valério e Lyra (2016), “no processo de construção de significados, em um contexto aqui-e-agora, são estabelecidas possibilidades de significados, incluindo o significado em foco e seus opostos divergentes” (p. 342). Assim, diante da existência simultânea de campos opostos de significação é possível compreender o conceito de ambivalência.

Focando agora na extensão temporal passado \leftrightarrow futuro, A é o passado conhecido, experienciado (ou até não experienciado, mas cogitado), ao passo que o não-A representa a gama de possibilidades prováveis, que se referem ao futuro ainda não experienciado. Nas palavras de Abbey e Valsiner (2005) “não-A é o campo que consiste em todas as possíveis transformações que A – no presente – não é, mas no que poderia se tornar no futuro” (p. 5). Nesse caso, ao realizar o futuro a partir do conjunto de possibilidades – ainda que incertas – a pessoa atua, no presente, dentre as diversas ambivalências entre A e não-A. A ambivalência existe, pois, a relação – de certeza – da pessoa com seu ambiente está em tensão com a expectativa incerta do futuro, no próximo encontro da pessoa com o ambiente (ABBEY; VALSINER, 2005).

A noção de ambivalência aqui apresenta é emprestada da psicologia topológica de Lewin (1936 apud ABBEY; VALSINER, 2005), a qual admite que há vetores para diferentes direções e de diferentes tamanhos, num espaço de forças de distintos graus de atração ou repulsão. Nesse sentido, uma experiência de vida é considerada ambivalente quando o indivíduo vivencia forças que o puxam para diferentes direções, tanto em termos materiais (como a decisão de comer salada ou um hambúrguer), quanto em termos que exigem a concomitante preparação para o presente e para o futuro.

Além disso, consoante a Valério e Lyra (2016), a ambivalência pode acontecer tanto no nível das significações mais particulares que constituem a cultura pessoal, como no nível da cultura coletiva, onde encontramos as significações compartilhadas. É importante sublinhar que

a ambivalência guiará as possíveis ações da pessoa. Podemos nos perguntar, mas como a ambivalência torna-se aparente? De acordo com Zittoun e colaboradores (2011), a ambivalência torna-se perceptível quando os sets semióticos para um determinado evento são incompatíveis.

Segundo esses autores, o processo semiótico tem uma trajetória rotineira, isto é, há rotas de ideias que seguimos mais que a outras, como um grupo de signos que são associados juntos, ou ainda, que acreditamos ser nossa identidade. Assim, nas situações cotidianas há padrões de signos, sentimentos e ações que seriam “preferidos” e esses padrões conformam um set semiótico. Além disso, na mesma perspectiva de que o significado é pessoal e coletivo, também o set semiótico é estabilizado coletivamente, ao mesmo tempo em que faz parte da cultura pessoal, sendo mobilizado diante de situações não cotidianas, uma vez que a pessoa deve dar uma resposta diferente daquelas que conformam seu set semiótico e que lhe são habituais. Em suma, uma ambivalência surge quando dois *sets* semióticos justapostos são mobilizados (ZITTOUN et al., 2011).

Conforme já ressaltamos, a experiência humana é individual e social. Essas experiências são individuais no sentido de serem corporificadas, pertencentes a uma pessoa e por ter uma qualidade sensória e emotiva. No entanto, apesar de serem únicas, acontecem em um mundo de coisas e pessoas que é parcialmente compartilhado. Zittoun e Gillespie (2016a; 2016b) se baseiam no conceito de Alfred Schuetz de realidade primordial (*paramount reality*) para se referir a esse mundo parcialmente compartilhado. Esse mundo inclui a existência de outros com quem interagimos, as coisas materiais, o tempo físico e as realidades sociais e simbólicas (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016a; 2016b). Dessa maneira, a realidade primordial inclui desde as montanhas até ao horizonte, o sistema educacional, a cadeira onde estamos sentados, a cama em que dormimos e ideias difundidas sobre o quanto ficar muito tempo sentados é um perigo à saúde ou o quanto de horas é necessário dormir para manter o bem-estar.

As pessoas, ao interagirem com essa realidade primordial, constituem esferas de experiência. As esferas de experiência

designam uma configuração de experiências, atividades, representações e sentimentos, recorrentemente acontecendo em um dado tipo de setting social (material ou simbólico) – é um dos vários padrões regulares e estabilizados de experiência em que uma pessoa provavelmente se envolverá regularmente. (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016a, p. 8, tradução nossa)

Assim, para Zittoun e Gillespie (2016a) uma esfera de experiência é específica de uma pessoa, a qual está engajada em uma certa conduta ou ação, em um dado ambiente social. Durante o cotidiano da vida, uma pessoa se move através dos mais variados contextos sociais e materiais – sejam a rua, a faculdade, o trabalho – que demandam certas maneiras de agir e

aceitação de normas mais ou menos explícitas. Se, por exemplo, a pessoa está em um escritório, ela pode se engajar construindo diferentes significados relacionados ao trabalho: resolver algum problema técnico, escrever um e-mail para o chefe. Por sua vez, se essa pessoa fala sobre suas férias, ela falará trazendo outros significados: demanda outros sentimentos, fala de sua família, etc.

Ainda é necessário realçar que as esferas de experiência têm diferentes relações com a realidade primordial, se considerarmos as experiências vividas. Nesse sentido, podem ser distinguidas dois tipos de esferas de experiência: as distais e as proximais. As experiências proximais são diretamente localizadas na realidade primordial, são ancoradas na experiência corporificada e em um dado momento aqui e agora. Essas experiências são materialmente delimitadas e socialmente limitadas. Elas ocorrem em um tempo irreversível e as ações têm efeitos causais (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016a).

Por outro lado, as experiências distais são todas as experiências que nos transportam para fora do ambiente imediato, ao passado, ao futuro, a abstrações e a mundos fictícios. Portanto, elas são vividas como se, parcialmente, fossem desconectadas dos limites do presente. Desse modo, as pessoas podem imaginar situações independentemente de sua localização corporal, elas vão além do tempo e do espaço e também da lógica e da causalidade. Por fim, faz-se necessário enfatizar que as pessoas podem constantemente alternar entre esferas de experiência. Mas como as pessoas podem alternar entre as esferas de experiência ou ainda sair do aqui e agora? Zittoun e Gillespie (2016b) ressaltam que tudo isso é possível através da imaginação, em um nível psicológico.

2.1.3 Processos Imaginativos

A imaginação tem sido alvo de reflexões desde a antiguidade, ganhando centralidade em discussões filosóficas e científicas (ZITTOUN; CERCCHIA, 2013). Assim, áreas como a psicologia, a filosofia e as ciências sociais têm revisado o conceito destacando aspectos distintos da imaginação (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016a).

A compreensão da imaginação humana passou por algumas transformações ao longo da história, tendo pouco valor por parte de alguns pensadores, enquanto para outros ela tem lugar de destaque. Platão, por exemplo, considerava a imaginação como um modo menor do pensamento e como uma pálida imitação da realidade (ZITTOUN; CERCCHIA, 2013). Aristóteles, por sua vez, entendeu a imaginação como a capacidade de evocar imagens sem a

presença do objeto (ZITTOUN; CERCCHIA, 2013), além disso, para este filósofo não havia distinção entre memória e imaginação, assim, a memória seria a imaginação sobre o passado. Partindo dessa noção, a imaginação é entendida apenas como reprodutora ou até mesmo derivada de eventos do passado (DANZIGER, 2008 apud ZITTOUN; GILLESPIE, 2016a). Já para Descartes (1641 apud ZITTOUN; GILLESPIE, 2016a) a imaginação é vista como inferior à razão, uma vez que a imaginação é reprodutiva e simplesmente replica imagens que advém dos sentidos.

Em contraposição, Giambattista Vico (1725/1948 apud CORNEJO, 2017) entende que só é possível acessar a realidade humana integrando a imaginação como elemento chave da intelectualidade. Nesse sentido, a imaginação não é compreendida somente como uma reprodução de imagens, mas como criativa. Além disso, ela preenche as lacunas que o conhecimento racional não dá conta (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016a).

Sartre (1936/1989 apud ZITTOUN; GILLESPIE, 2016a) conceitua a imaginação como uma propriedade da consciência humana, sendo a imaginação que viabiliza a pessoa para libertar-se da realidade das situações em que está envolvido. Dessa forma, é possível apreender o que está faltando, ir ao encontro do que está faltando e, até mesmo criá-lo. Finalmente, para Sartre, a imaginação apresenta-se como um requisito para que o ser humano se liberte da contingência das coisas e vá além das lembranças dos sentidos.

No que toca à psicologia, Zittoun e Cercchia (2013) apresentam duas noções correntes a respeito da imaginação: a primeira entende a imaginação como preenchimento de lacunas cognitivas e a segunda, como uma forma de expansão da experiência do sujeito no mundo.

Assim, de um lado, nos encontros com o mundo, o sujeito usa a imaginação para preencher lacunas surgidas de desequilíbrios cognitivos. Em outras palavras, o papel da imaginação é dar conta das lacunas cognitivas, sendo, portanto, a ferramenta usada pelas crianças para explicar aquilo que não entendem no mundo a sua volta (PIAGET, 1972 apud ARCHAMBAULT; VENET, 2007). Nesta perspectiva, a imaginação é entendida como uma etapa do desenvolvimento cognitivo, o qual almeja o pensamento formal. Dessa maneira, com o desenvolvimento, a imaginação passa a integrar a inteligência tornando possível a aquisição do pensamento formal. Essa noção converge com o posto por Piaget (1972 apud ARCHAMBAULT; VENET, 2007), que entende a imaginação contribuindo apenas para a compreensão de um determinado período de desenvolvimento, uma vez que não seria uma faculdade susceptível a refinar-se com a idade (ARCHAMBAULT; VENET, 2007).

Por sua vez, de acordo com Vygotsky (2009), a imaginação pertence ao grupo das funções mentais superiores, sendo construída na interação entre várias outras funções mentais. A princípio, este teórico enfatiza que a imaginação depende, em grande medida, das experiências do sujeito, uma vez que a atividade criadora da imaginação se apoia nas experiências anteriores o próprio sujeito. Contudo, a imaginação não depende apenas da experiência do próprio sujeito, mas ele pode se valer de experiências vividas por outras pessoas para alimentar a imaginação.

Dessa maneira, a imaginação assume outra função, transformando-se num modo de ampliação ou expansão da experiência humana, pois “tendo por base a narração ou a descrição de outrem, ele [o sujeito] pode imaginar o que não viu, o que não vivenciou diretamente em sua experiência pessoal” (VYGOTSKY, 2009, p. 25). Não obstante, para Zittoun e Cercchia (2013), a imaginação se alimenta de outros recursos, posto que as pessoas podem se basear, de fato, em suas próprias experiências, mas também na de outros sujeitos, em imagens, ficções, etc. Dessa forma, através desses recursos as pessoas podem encontrar novos modos de atuação que as farão abrir “novas avenidas no mundo real” (ZITTOUN; CERCCHIA, 2013, p. 322). Em outras palavras, o ser humano pode agir de maneiras alternativas, através de novas perspectivas e ideias.

Neste âmbito, os processos imaginativos abrem um espaço ou fundam uma modalidade de pensamento diferente, que findaria quando a pessoa ‘retorna’ à realidade. Assim, a imaginação pode ser entendida como uma excursão ou uma viagem, sendo um processo que cria ‘*loops*’ fora do presente. Finalmente, ela torna-se possível na medida em que a pessoa internaliza a linguagem e o sistema semiótico, o que a habilita a se distanciar das experiências do aqui e agora (ZITTOUN; CERCCHIA, 2013).

Nessa perspectiva, a imaginação segue no curso do pensamento, tendo seu gatilho disparado por meio de rupturas ou disjunções diante da experiência do sujeito com o mundo, sendo estas oportunidades privilegiadas para explorar alternativas ou gerar novas vivências (ZITTOUN; CERCCHIA, 2013). Ademais, os fenômenos que podem interferir na experiência humana, criando rupturas, alimentam o processo de construção de significados. Nas mais diversas esferas da vida, como na ciência e no senso comum, o processo de construir significações acontece numa tentativa de estabilizar as interferências na vida humana, com vistas a torná-las previsíveis (SALVATORE; ZITTOUN, 2011). E isso se torna possível por meio de processos imaginativos, uma vez que a capacidade imaginativa, alimentada por

processos cognitivos e afetivos, nos levaria a antecipar, predizer e reagir a situações com as quais não costumamos ser confrontados (ZITTOUN; CERCCHIA, 2013).

A imaginação é um processo de pensamento complexo, além de socialmente desenvolvido, o qual pode ser usado tanto para resolver necessidades e sonhos cotidianos de alguém como para encontrar soluções criativas na ciência, na sociedade ou em situações artísticas (VYGOTSKY, 2004 apud ZITTOUN; CERCCHIA, 2013).

Diante das incertezas da vida, principalmente do futuro que não pode ser predito, a imaginação – enquanto dimensão do processo de construção de significados – se mostra essencial para a adaptação do ser humano ao presente (VALÉRIO, 2013). Ainda, as experiências do passado modelam a forma como a pessoa constrói um sentido para o presente e também como prospectam o futuro. É por isso que Peirce (1935 apud VALSINER, 2012) afirma que “o futuro é sugerido pelo passado, ou melhor, é influenciado por sugestões do passado” (p. 42).

O futuro é incerto, no entanto, estamos sempre agindo em direção a esse futuro, nos preparando para ele (ABBEY; VALSINER, 2005). Essa preparação para o futuro envolve a nossa capacidade de prospecção, pois prospectamos possíveis rotas, possíveis ações. Tudo isso é viabilizado através da nossa capacidade semiótica e do processo imaginativo. É a nossa imaginação que nos permite sair do aqui e agora e visitar diferentes alternativas de futuro (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016a).

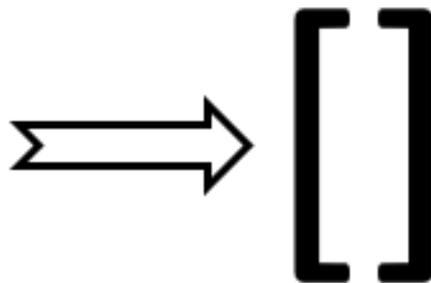
Valsiner (2019) afirma que a incerteza das consequências das próprias ações no futuro imediato é o que alimenta o desenvolvimento. Movemo-nos constantemente no espaço e no tempo (do passado para o futuro). Nesse movimento pelo mundo – no tempo e no espaço – encontramos-nos com coisas e objetos. Aqui é importante ressaltar que existe uma diferença entre coisas e objetos. As coisas existem independentemente dos atores, ao passo que os objetos implicam necessariamente uma relação com o ator. Assim, Valsiner (2019) explicita que é importante distinguir *coisa* de *objeto*.

Embora as coisas não tenham um relacionamento com o ator, elas podem ser transformadas em objetos. Assim, algo que existia ao nosso lado durante muito tempo pode se tornar proeminente, por causa de algum plano de ação recém-desenvolvido e se transformar em um objeto. É agindo sobre os objetos que as pessoas criam – por meio da resistência e capacidade de modificar-se desses objetos – o espaço de sua vida. Os objetos contestam ou vão em sentido contrário às ações humanas – uma vez que são uma parte da relação estabelecida: Ator <> Objeto (VALSINER, 2019). Assim, de acordo com Valsiner (2014a), “o papel crucial

nessa transformação é o papel do agente: agindo sobre as coisas na natureza, elas se tornam objetos. Esses objetos podem resistir às nossas ações (ficar contra nós – *Gegen + stand*), ou podem nos iludir (*evade us*)” (p. 153).

A concepção de objeto – *gegenstand* – foi caracterizada e usada pela filosofia e psicologia da língua alemã até o século XX. O *gegenstand* é um objeto que está envolvido no ato de objetar, ou seja, de se opor a uma ação (VALSINER, 2016). Ele pode ser representado da seguinte maneira:

Figura 3: Estrutura do *Gegenstand*



Fonte: Adaptado de Valsiner (2016).

Nessa representação o *gegenstand* inclui a orientação dirigida (\Rightarrow) junto com uma barreira de oposição (\llbracket). A orientação se opõe a barreira e a barreira se opõe a orientação (VALSINER, 2016).

Ainda é importante considerar as nuances da noção de *gegenstand*. Ele é um objeto que, quando se age sobre ele, esse resiste a alguns aspectos da ação. Portanto, o foco teórico está na contra-ação que uma ação desencadeia no objeto (VALSINER, 2014b). Objetos físicos resistem à ação humana por causa de sua inércia. Como exemplifica Valsiner (2014b), quando um jogador de bilhar acerta uma bola, ele pode esperar que ela desacelere, mas para a direção na qual foi atingida. O que não se espera é que a bola se mova para uma direção oposta àquela determinada pelo jogador. No entanto, isso não acontece da mesma maneira com os sistemas vivos, muito menos com as pessoas enquanto agentes auto-reflexivos que agem por sua própria vontade. Esses agentes – pessoas como objetos – podem resistir a qualquer direção em que podem ser empurrados, resistem pela contra-ação, ação essa que desafia a direção dada (seja neutralizando ou ignorando as sugestões sociais) ou pela escalada (movendo-se intencionalmente seguindo a direção sugerida, mas com maior energia do que a própria sugestão) (VALSINER, 2014b).

Podemos nos perguntar, como se dá essa relação Ator <> objeto, ou ainda, como uma coisa ganha o status de *gegenstand*. Segundo Tateo (2015), nós não apenas encontramos o mundo – de pessoas ou coisas –, mas nós vamos em direção a ele. Indo em direção ao mundo, isto é, quando agimos sobre algo ou alguém no mundo e a coisa se opõe a nossa vontade a condição da coisa muda. Podemos usar como exemplo a situação em que alguém (um agente) age puxando algo ou fazendo uma pergunta e a coisa se opõe à vontade do agente, seja não desatarraxando ou respondendo um não – a coisa deixa de ser coisa e passa a ser objeto, ou melhor, se torna um *gegenstand* (TATEO, 2015).

Como já mencionado acima, nós transformamos coisas em objetos, porém esses objetos não só existem, eles resistem aos nossos esforços de ação sobre eles. Nesse caso, não importa se a coisa é um animal, algo inanimado ou uma pessoa (VALSINER, 2014a; TATEO, 2017). Aqui é preciso ressaltar que objetos inanimados não têm intencionalidade, mas uma vez que transformamos coisas em objetos, nós – enquanto construtores desses objetos – começamos a lhes atribuir alguma forma de agência. Logo, o *gegenstand* resulta da nossa ação com coisas, projeção no objeto e nossa ação ao objeto projetado (VALSINER, 2014a).

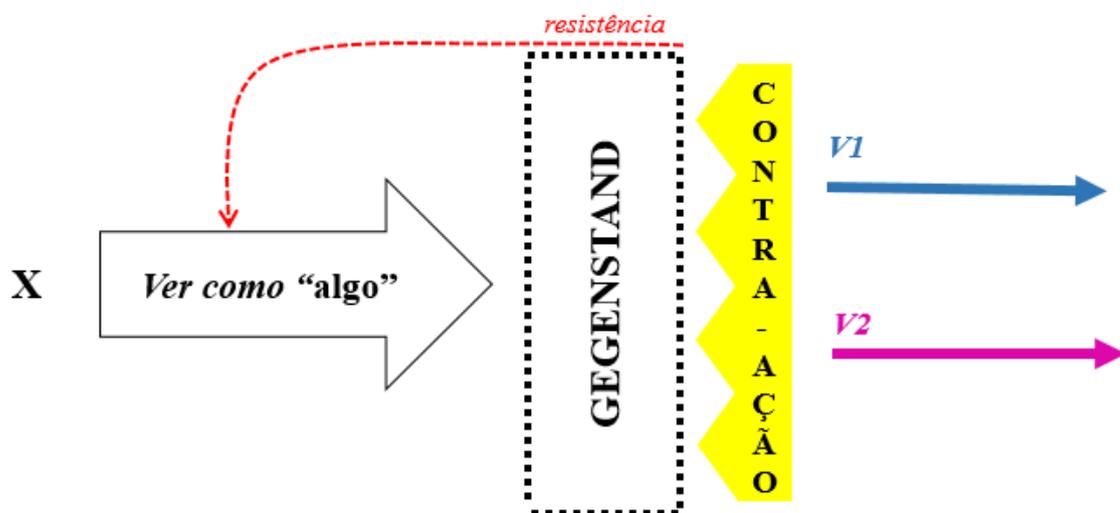
Para Tateo (2015) todos os objetos que habitam a nossa existência e com os quais lidamos se tornam *gegenstand* pelo trabalho da imaginação. O referido autor define a imaginação como uma função psicológica superior que é voltada para a manipulação de conjuntos complexos de signos icônicos e linguísticos. Com base nessa compreensão, Tateo (2015) afirma que o processo imaginativo tem papel fundamental na relação do ser humano com o mundo. Com o intuito de explicitar melhor esse processo e sua relação com a construção de significados, Tateo (2017) volta-se a noção de *ver como* utilizada por Wittgenstein. Desse modo, Tateo elucida que Wittgenstein (1958 apud TATEO, 2017) faz uma distinção entre o ato perceptivo da visão (ver) e o “ver como”. Nesses termos, o “ver como” é o estabelecimento deliberado de um relacionamento especial com o objeto através da ação de um agente sobre ele. Ainda, o “ver como” implica muito mais que o ato perceptivo de enxergar, pois, implica valorar a coisa vista e, assim, transformá-la em um *gegenstand*. Desse modo, então, a pessoa é um agente agindo sobre o objeto. Nesse sentido, o “ver como” é um processo de construção de significados que transforma, ao mesmo tempo, o agente, o objeto e a relação entre eles, ao menos temporariamente (TATEO, 2015).

Acerca dessa relação Agente <> *gegenstand* é importante frisar que, a partir da resistência imposta pelo *gegenstand*, o sujeito pode fazer uso de diferentes estratégias semióticas ou contra-ações, que implicam em direcionalidades distintas de ação, voltadas para

ele mesmo ou para o objeto que é foco de sua experiência (TATEO, 2015; 2017). Essas direcionalidades podem ser dadas nos termos de vetores, que serão as ações imaginadas e possíveis de serem executadas ou não pelo agente a partir de seu encontro com o *gegenstand*.

Todo esse processo pode ser ilustrado na figura 4 abaixo. O agente X valoriza a coisa, ou seja, a “vê como algo” e essa se transforma em um *gegenstand*. O *gegenstand* resiste à ação do sujeito X e, diante dessa resistência, o sujeito se utiliza de contra-ações (estratégias semióticas) para superar tal resistência. A partir dessas contra-ações é que são prospectados vetores de ação (V1; V2; Vn) que guiarão a direcionalidade da ação do sujeito. As possibilidades de vetores de ação são inúmeras, uma vez que dependem do encontro do agente com o objeto em um dado tempo e espaço (TATEO, 2017).

Figura 4. Relação Agente \diamond *gegenstand*.



Fonte: Adaptado de Tateo (2017) e Aguiar (2019).

Convém ressaltar que todo esse processo é semiótico: desde a valoração da coisa/pessoa/animal/situação etc. para, então, tornar-se *gegenstand*; das resistências do *gegenstand* prospectadas pelo agente, até às contra-ações que o agente usa para transpor ou não as resistências do *gegenstand*. Além disso, esse processo não se dá de maneira isolada, mas dentro de um contexto sociocultural. Nesse contexto é que ocorrem as negociações entre o sujeito e o objeto.

2.1.4 Relações dialógicas, dialogismo e a construção de significados

Valsiner (2012) declara que qualquer perspectiva pode ser considerada dialógica se assumir em seus pressupostos teóricos que um todo é composto por diferentes partes e que existe relação entre essas partes. Dito de outro modo, “as perspectivas dialógicas assumem um relacionamento do tipo “diálogo” entre essas partes posicionadas do sistema causal” (VALSINER, 2012, p. 107). A partir dessa perspectiva, os fenômenos são descritos considerando a relação entre opostos e explicados de uma maneira que evidencie um tipo de esquema sistêmico de causalidade.

Linell (2004), ao apresentar o que ele considera como as essências do dialogismo, refere que muitas vezes as palavras diálogo e dialógico (*dialogical*¹) são usados no dialogismo (*dialogism*) e na dialogicalidade (*dialogicality*), mas de maneira confusa. O referido autor segue apresentando a distinção entre dialogismo e dialogicalidade. Assim, dialogismo é o arcabouço epistemológico que diz respeito às categorias mais gerais a partir das quais a ação humana, a cognição e a comunicação são pensadas. Essa “epistemologia” seria, então, o delineamento teórico para como nós – enquanto seres humanos e enquanto pesquisadores – adquirimos conhecimento do mundo e como damos significado a esse mundo (LINELL, 2004).

Por sua vez, o termo dialogicalidade (ou dialogicidade) diz respeito a aspectos da condição humana, como por exemplo, que a nossa existência no mundo é totalmente interdependente com a existência dos outros (LINELL, 2004). Assim, a dialogicalidade refere-se à capacidade ou potencial da pessoa de construir significado, a qual constrói significado com ou em relação a outras pessoas. Ou ainda, é o aspecto da construção de significado de várias atividades (de pessoas ou outros sistemas de sentido) na percepção-ação, cognição ou comunicação, onde o indivíduo interage com o ambiente ou com os outros (LINELL, 2014).

A partir dessa distinção, Linell (2004) elucida que a dialogicalidade é tema das ciências humanas e culturais e o dialogismo é o arcabouço meta-teórico que considera a dialogicalidade sistematicamente, de modo que os dois estão estreitamente relacionados. Assim sendo, o dialogismo se baseia na suposição de que os seres humanos possuem dialogicalidade, isto é, têm habilidades para interagir com os outros na tentativa de realizar a construção de significado (LINELL, 2014).

Dessa maneira, o dialogismo lida com a construção dos significados humanos em interatividade e situados num contexto. Portanto, o dialogismo deve incluir uma teoria de que

¹ Termo original do autor.

a construção de significados de uma pessoa é interdependente, nos mais diferentes níveis, com os significados de outros construtores de significados. Esse pressuposto vai contra a ideia de que os indivíduos são completamente autônomos em sua construção de significados. Ou seja, para construir significados, o indivíduo depende, em alguma medida, de outras pessoas – as quais também são construtoras de significado. Portanto, a orientação para os outros e suas construções de significados são fundamentais no dialogismo (LINELL, 2014).

Segundo Salgado e Cunha (2018), é preciso assumir que o fundamento básico da vida humana se constitui nos relacionamentos sociais. Sendo essa a principal alegação de uma perspectiva dialógica. Neste sentido, assume-se que todo agente humano, ou seja, todo ego, relaciona-se e responde sempre a outro (seja uma audiência virtual e/ou material) sobre um certo objeto (MARKOVÁ, 2003 apud SALGADO; CUNHA, 2018) através de meios semióticos.

D’Alte e colaboradores (2007) ressaltam, no entanto, que não existe um corpo sólido e homogêneo para definir dialogismo. Apesar de existirem marcos acerca da noção de dialogismo e dialógica é difícil elencar princípios que abarquem todos os pensadores dessa área. Também Salgado e Cunha (2018) apontam essa falta de consenso na definição do que constitui uma perspectiva dialógica. No entanto, alguns princípios básicos têm sido delineados.

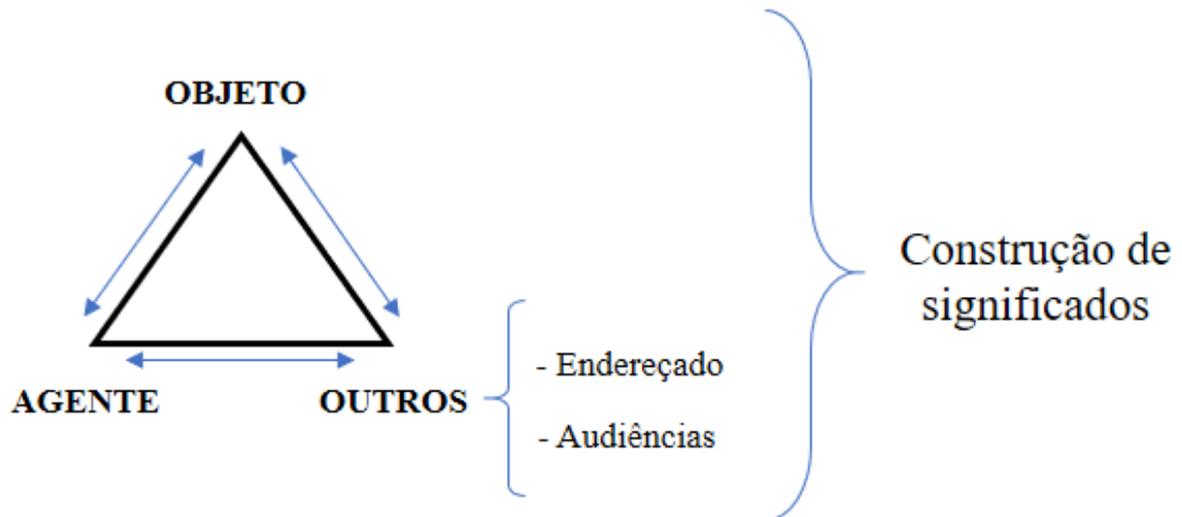
Assim, ressaltamos primeiro a (1) relação (*relationality*) – destacando o papel central das relações na vida humana (SALGADO; CUNHA, 2018). Nos termos do dialogismo, existir é estar em relação (D’ALTE et al., 2007). Tais relações são dinâmicas, implicando o princípio do (2) dinamismo; são mediadas por signos, trazendo à tona o princípio da (3) mediação semiótica. Ainda essas relações implicam um Outro, isso é o princípio da (4) alteridade. Com esse Outro são estabelecidas relações dialógicas, tocando no princípio da (5) dialogicidade, ocorrendo dentro de um contexto sociocultural, ressaltando o princípio da contextualidade (*contextuality*). Conforme Salgado e Cunha (2018), assume-se que todos esses aspectos estão implicados, simultaneamente, em toda e qualquer ação no âmbito psicológico.

Aqui é imprescindível destacar qual a compreensão que temos do ser humano. Assim, entendemos o homem “(...) como um agregado de relações sociais internalizadas (BAKHTIN, 1989; VYGOTSKY, 1988), cuja natureza se define pela relação com o outro, sempre mediada pela experiência subjetiva, no cerne da qual se produzem significados” (OLIVEIRA, M. C. S. L., 2016, p. 203).

Tendo em vista essa visão de homem, aqui salientamos o papel central da relação dialógica. Numa perspectiva dialógica, é através da atividade de um sujeito Agente (Eu), usando

meios semióticos para endereçar a Outros (sejam apenas outros virtuais ou outros potenciais) acerca de determinados Objetos que a construção de significados se torna possível (SALGADO; CUNHA; BENTO, 2013). Essa relação é ilustrada na figura 5.

Figura 5: Dinâmica dialógica e a construção de significados.



Fonte: Adaptado de Salgado, Cunha e Bento (2013).

É nesse sentido que o aspecto dialógico da experiência humana tem um importante destaque, posto que é essencial para a construção de significado (SALVATORE; ZITTOUN, 2011). Como estamos interessados em compreender a construção dos significados de suicídio, ter por alicerce uma compreensão dialógica da experiência humana torna-se imprescindível, uma vez que o contexto de suicídio, seja no âmbito da pessoa que tenta suicídio, no âmbito profissional ou no âmbito de instituição de assistência, envolve sempre diversas relações. Desta forma, podemos vislumbrar o fenômeno do suicídio sob a ótica de uma psicologia cultural semiótica dialógica.

2.2 SUICÍDIO: ASPECTOS HISTÓRICOS

O suicídio é revestido de variadas significações em civilizações e momentos históricos distintos, na sociedade e na vida particular das pessoas, sendo assim caracterizado por transformações histórico-culturais em seu significado. Conforme salientado por Berenchtein Netto (2007), essas transformações estão diretamente ligadas à visão de homem e de mundo de

cada sociedade e, por conseguinte, às noções de vida e morte construídas a cada momento da história. Assim, a fim de melhor compreender essas transformações, faz-se necessário voltar o nosso olhar para o suicídio tendo em vista seus aspectos históricos.

De acordo com o dicionário online Michaelis, o suicídio é (1) o “ato ou efeito de suicidar-se” e, em um sentido figurado é (2) a “ruína ou desgraça, provocada em si mesmo, espontaneamente ou por falta de discernimento” (MICHAELIS, 2018). Já, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2017), suicídio é “o ato de se matar deliberadamente”. Não obstante, o termo suicídio nem sempre foi a definição para o ato de se matar. Consoante a Veneu (1994) esse é o nome que a modernidade criou para designar a morte voluntária. Esse neologismo surgiu na Inglaterra, no século XVII, tendo origem latina: *suicidium*. Nesse termo *sui* quer dizer “próprio” ou “de si”, ao passo que *caedere*, *caedes* ou *cidium* carrega o sentido de matar, morte violenta ou imolação. Segundo Lessa (2017), esse termo tem semelhança com termos latinos que indicam outros tipos de morte, como *homicidium*, *infanticidium*, *parricidium*, *matricidium*. Para este autor, o parentesco entre esses termos evidencia a carga moral negativa que tem em seu âmago o crime.

Entretanto, a primeira referência da palavra suicídio num dicionário foi no *Oxford English Dictionary*, na Inglaterra no ano de 1660. No entanto, “um século mais tarde em 1775 a palavra suicídio não foi mencionada nos dicionários ingleses, provavelmente associada ao tabu e preconceito em torno do suicídio” (TENTATIVA, s/d).

De acordo com Veneu (1994), somente com o Iluminismo e o romance moderno é que o termo se popularizou e foi definitivamente inserido nos dicionários. Até esse momento histórico, “o gesto de dar-se morte era designado por perífrase como ‘ser homicida de si mesmo’, ‘matar-se’, ‘assassinar-se’, etc.” (VENEU, 1994, p. 14). Consoante a este autor, essa mudança de palavra não ocorreu aleatoriamente, mas reflete a mudança no entendimento coletivo no que diz respeito ao gesto de matar a si mesmo, ao mesmo em que representa uma mudança na postura perante a morte e na construção e constituição da subjetividade humana.

Dantas (2005) elucida que o suicídio é um fenômeno que sempre esteve presente na humanidade, mas ainda assim não se consegue precisar com exatidão quando ocorreu o primeiro suicídio. Segundo Minayo (2005), essa falta de registros do suicídio, pode ser explicado como um reflexo do mal-estar que esse tema costuma gerar nas pessoas. Em geral, a morte autoprovocada tem uma conotação negativa, principalmente em culturais de origem judaico-cristãs. À vista disso, no decorrer da história humana o suicídio teve significações diversas, bem como variados modos de compreensão, passando da significação de condenação

e penalização até a significação de permissão e encorajamento (WERLANG; ASNIZ, 2004). Assim, embora não seja nosso objetivo fornecer um percurso histórico do suicídio, é preciso atentar para alguns pontos históricos que são essenciais para compreendê-lo como um fenômeno histórico e cultural.

Neste ensejo, alguns autores como Dantas (2005) e Berenchtein Netto (2007) apresentam que o relato mais antigo acerca de suicídios se encontra na Enciclopédia Delta de História Geral, remontando a data de 2.500 a.C., na cidade de Ur, na Mesopotâmia. Neste registro conta-se que um grupo de pessoas bebeu uma bebida contendo veneno e, em seguida, aguardou a morte.

Remontando à Grécia Antiga, esse foi um período em que as opiniões sobre o suicídio eram diversas, de modo que ora ele era tolerado quando houvesse autorização do Estado. Contudo, quando não havia permissão do Estado era proibido prestar honras ao homem que tirasse sua vida. Além disso, o morto tinha sua mão cortada e enterrada separadamente (SERRA, 2008). Desse modo, o suicídio era compreendido como uma afronta ao modo vida comunitário e como uma forma de deslegitimar as leis, leis essas que guiavam a vida comunitária. Quando o Estado permitia a realização desse ato, ele era aceito pelas pessoas e deixava de se configurar como um delito (KALINA; KOVADLOFF, 1983). Não obstante, houve um momento em que os gregos comparavam o gesto suicida com, por exemplo, assassinato de familiares, de modo que tinham grande aversão ao ato suicida. A permissão dada pelo Estado, indicando até mesmo os meios a serem utilizados, exemplifica a pertença dos indivíduos ao Estado – mais do que a Deus –, o homem aqui é visto como uma peça da engrenagem do sistema (WERLANG, 2000).

Quanto à Roma, a atitude dos romanos frente ao suicídio é muito similar à dos gregos. Segundo o Código Justiniano², não havia punição para qualquer cidadão que se matasse, seja ao seu cadáver ou a seus familiares. No entanto, o suicídio devia ser justificado por algum motivo como doença, dor, loucura ou desonra. Além disso, não era aceito que alguém tirasse sua própria vida irracionalmente e sem explicitar sua causa. Dessa maneira, o suicídio não era punido como um crime, mas como uma irracionalidade (ALVAREZ, 1999).

Não obstante, as regras desse código se aplicavam apenas aos cidadãos. Nesse contexto, soldados e escravos não eram considerados cidadãos e, sim uma propriedade privada – no primeiro caso – e propriedade do estado – no segundo caso, de modo que não lhes era

² Conjunto de leis emitido de 529 a 534 por ordem de Justiniano I, então imperador de Roma.

justificável tirar sua vida voluntariamente. Nessas circunstâncias, o suicídio equivalia à deserção e, caso não chegasse a efetuar sua morte, a pessoa poderia sofrer as consequências disso (ALVAREZ, 1999).

Para Alvarez (1999), no contexto romano, a importância não era dada à morte em si, mas em como ela acontecia, em que circunstâncias e de que maneira. A morte devia acontecer de forma racional, num momento oportuno e de maneira digna, pois era isso que media o valor da vida de que cada pessoa.

Com o passar do tempo e a expansão do império romano, as leis em torno do suicídio foram se diluindo (KALINA; KOVADLOFF, 1983). Isso se deu, pois houve uma transformação nas relações entre o indivíduo e o Estado, de modo que pouco a pouco o indivíduo foi alcançando autonomia, e não era mais necessário expor ao público os motivos que levam uma pessoa a pensar em suicidar-se. Kalina e Kovadloff (1983) apontam que isso prenuncia a cisão entre o âmbito da vida privada e o âmbito da vida pública, cisão essa que se instituirá mais significativamente na Idade Média.

Segundo Alvarez (1999), as posturas dos romanos diante do suicídio e da morte foram apropriadas pelos cristãos, apesar destes últimos as terem modificado. Se para os romanos essa morte era uma maneira de provar o valor da vida, conforme elucidado acima, os cristãos tomam o suicídio como uma forma de martírio: “Da mesma forma que o batismo purgava o pecado original, o martírio apagava todas as transgressões posteriores” (p. 76).

Não obstante, percebe-se que há uma convivência de diferentes modos de pensar o suicídio no transcorrer da história. Da mesma maneira que na Grécia e Roma antigas circulavam atitudes distintas diante do suicídio, isso também ocorre durante o advento do cristianismo. Conforme salientado por Dantas (2005), “quatro séculos antes e quatro séculos depois de Cristo, o suicídio é ora tolerado, ora reprimido” (p. 49). Acerca disso, Minayo (2005) sublinha que esse momento constituiu “um longo período de ambiguidade interpretativa” por parte da igreja.

É importante ressaltar que no período de consolidação da Igreja Católica a vida era vista como intolerável, de modo que o objetivo a ser alcançado era a liberdade e a glória eterna, as quais eram possibilitadas pela redenção. A questão era “Por que, então, viver sem redenção quando a felicidade celestial estava a apenas uma punhalada de distância?” (ALVAREZ, 1999, p. 78-9).

Por outro lado, durante os primeiros séculos da era cristã uma rejeição ao ato suicida vai sendo configurada, de modo que se não houvesse um motivo válido para o suicídio haveria sanções materiais e econômicas (bens confiscados) e sanções morais (por exemplo, alguém que

se casasse com a viúva de um suicida seria punido por estar cometendo uma infâmia (DANTAS, 2005). Somente a partir do século VI a Igreja Católica instituiu leis que proibem o suicídio, assim sendo, ele passa a ser visto como um crime. O sexto mandamento da igreja (não matarás) é estendido e passa a abarcar o assassinato de si mesmo. É baseado nesse mandamento que Santo Agostinho buscou tecer argumentos para criar a lei que proíbe o suicídio, com vistas a conter a “suicidomania que assolava os primeiros cristãos e que até esse tempo, ainda tinha forte apelo entre os seus fiéis” (BERENCHTEIN NETTO, 2007, p. 25).

Logo, o suicídio passa a ser rigorosamente proibido pelo Concílio de Arles, realizado no ano de 425, sendo declarado como um crime (SERRA, 2008), ao mesmo tempo é entendido como efeito de furor demoníaco. À vista disso, a pessoa por estar possuída, apresentaria algum grau de inocência (KALINA; KOVADLOFF, 1983). Já no Concílio de Praga, em 563, ficou preconizado que aqueles que cometeram suicídio não receberiam nenhuma homenagem fúnebre e que o corpo também não seria acompanhado dos cânticos dos salmos ao ser descido à sepultura (SERRA, 2008).

Dessa maneira, a atitude de repressão perante a morte voluntária na Idade Média (séculos V a XV) advém do lugar ocupado pela igreja naquela época. Na Europa cristã, a vida é um dom divino e o indivíduo não é mais uma propriedade da comunidade. Nesse contexto, não há mais distinção entre a legalidade ou ilegalidade do suicídio, uma vez que tirar sua própria vida é um atentado contra Deus. Foi Deus quem criou o homem e é ele quem pode tirar a vida, não o próprio homem. Nessas circunstâncias, matar-se não só é um sacrilégio (KALINA; KOVADLOFF, 1983; ALVAREZ, 1999), mas também é o pecado mais mortal de um cristão, uma vez que o homem não tem o direito de abrir com suas próprias mãos o caminho para a vida eterna (LESSA, 2017).

No entanto, nessa mesma época, o suicídio era tratado de maneiras diferentes: por exemplo, o suicídio de pessoas da nobreza era visto como um ato de coragem, de amor, ou de loucura – essa última, porém, era desculpável. Por sua vez, a morte autoprovocada dos camponeses era vista como uma fuga das responsabilidades ou causada por inspiração diabólica, portanto, configurava-se como um ato de egoísmo e covardia (MINOIS, 1998 apud MINAYO, 2005). Nesse contexto, não era concebível que o homem são – física e espiritualmente – decidisse tirar sua própria vida por considerar que a vida não valia mais a pena. Avistar tal possibilidade já era um indício de loucura ou desequilíbrio mental, que nessa época era chamada de melancolia (LESSA, 2017).

Com a chegada do século XV, com a formação das cidades a substituição da economia feudal pela economia capitalista pouco a pouco a Igreja e o Estado vão perdendo o domínio sobre a vida dos indivíduos, conforme foi acontecendo com a expansão romana citada anteriormente. Em consequência dessas mudanças, o suicídio foi perdendo sua significação mais comunitária, tendo seu sentido reformulado (KALINA; KOVADLOFF, 1983). Esse período constitui o início da Idade Moderna (séculos XV a XVIII), a qual é inaugurada pelo Renascimento e suas ideias de expansão do individualismo, contestando valores tradicionais e as verdades absolutas através de ideias pluralistas. Para Veneu (1994), a medida que ia crescendo um reconhecimento e valorização do eu, as atitudes coletivas diante da morte iam sendo transformadas. Essa valorização vinha ocorrendo desde o século XII, quando se passou a reconhecer uma privacidade pessoal em lugar de uma mais coletiva. Conforme o referido autor, um dos primeiros sinais dessa mudança eram as sepulturas individuais, o ressurgimento de monumentos funerários e a distinção de quem era o morto, destacando, por exemplo, inscrições funerárias e efígies.

Na Idade Moderna, esse enaltecimento do individualismo fez parecer mais fluidas e complexas questões que antes não eram, como, por exemplo, questões morais da vida e da morte (ALVAREZ, 1999). Nesse período histórico, as pessoas vivenciaram mudanças culturais que levaram a angústias e desestabilização, representadas em romances que destacam questões intensas em torno do sentido da vida e, conseqüentemente, um crescimento de suicídios (MINAYO, 2005).

Somente com a revolução francesa o suicídio deixa de ser crime legal, pois são abolidas as leis que impunham o confisco dos bens e as difamações sobre o suicida (KALINA; KOVADLOFF, 1983; VENEU, 1994). A sociedade seguia reprimindo o suicídio até esse momento, no entanto, há uma mudança e o Estado não mais castiga o suicida, pois essa morte não mais prejudica a estabilidade do Estado. Nesse sentido, o suicídio perde seu impacto social e pesa agora sobre a pessoa que tira sua vida. Desse modo, o ato suicida começa a ser considerado a partir de características individuais. Assim, “não se contempla o suicídio com tolerância porque se o compreende, mas porque já não se lhe atribui maior transcendência coletiva” (KALINA; KOVADLOFF, 1983, p. 54).

Nesse ensejo, Veneu (1994) destaca que, no julgamento da morte voluntária, buscava-se distinguir o que era parte da loucura e o que era parte da razão. Destarte, as oposições que eram distinguidas nessa época – a saber, loucura *versus* razão, irresponsabilidade *versus* responsabilidade e determinação *versus* vontade – serão foco do debate sobre suicídio que

decorrerá nos séculos seguintes. Ainda, e de acordo com Dantas (2005), “o suicídio assumiu assim, um caráter que oscila entre o quase clandestino, ou francamente clandestino e o patológico” (p. 50).

Dantas (2005) ainda ressalta que focalizando a relação entre pessoa que se mata e sociedade, percebe-se que há um movimento social de prevenção do suicídio. Nesse sentido, há um confronto encoberto, onde de um lado estão os suicidados e de outro, aqueles que se opõe aos primeiros, geralmente representado pela igreja. Segundo a autora, o silêncio é imposto, pois nessas circunstâncias “o suicídio transformou-se em um mal mental, moral, físico e social” (p. 50).

Com a chegada do século XIX, inicia-se uma discussão acerca das faculdades mentais da pessoa que tenta se matar, assim é questionado se, durante o momento da tentativa, a pessoa tem ou não pleno controle de suas capacidades mentais (BERENCHTEIN NETTO, 2007). Também nesse século, sob influência do Iluminismo, a temática do suicídio foi perdendo o cunho religioso em sua definição, sendo mais reconhecido como um fato social que precisa ser situado dentro da história de cada sociedade. Essa mudança fez com que as penalizações materiais, físicas e morais sobre o suicídio passassem a ser objeto das normas sociais. Apesar disso, toda a valorização religiosa a respeito da temática se reflete fortemente nas posturas que perduram até os dias atuais (MINAYO, 2005). Ou seja, toda condenação moral e religiosa perdura, ainda que em menor medida, até os dias atuais.

No contexto ocidental moderno, persistem as compreensões de suicídio como algo condenável, prevalecendo uma ideia de culpa tanto aos indivíduos quanto à sociedade. Nas palavras de Minayo (2005) “permanecem as interdições sociais à autodestruição considerada, até hoje, ato contra Deus, debilidade mental, flagelo ligado ao materialismo, ‘uma doença do espírito, da consciência e da sociedade’” (p.219).

Essas atribuições acerca do suicídio, com o decorrer do tempo, vão sendo entendidas como naturalmente dadas, como inquestionáveis e irrefutáveis. Desse modo, “o ato de pôr fim à vida foi transfigurado como um tabu, que deveria ser a todo custo exterminado da vida social, já que esse ato carregava o estigma moral com conotações de comportamento desviante” (LESSA, 2017, p. 2). No mundo contemporâneo prevalece o enaltecimento da vida, da saúde e da felicidade. Assim, o suicídio gera julgamentos ambíguos, uma vez que se opõe aos ideais de saúde, bem-estar e qualidade de vida que são compartilhados na sociedade atual. Dessa maneira, “o suicídio é visto como um ato e fato que deve ser controlado, combatido e extirpado a partir de estratégias de tratamento, prevenção e cura” (LESSA, 2017, p. 2).

2.2.1 Como é visto em diferentes áreas da sociedade

O suicídio é um fenômeno complexo, de modo que vários setores da sociedade buscam abarcar o tema de alguma maneira. Nesse tópico tratamos como algumas esferas da sociedade compreendem esse tema, tais como, a filosofia, a teologia, a sociologia, o direito, a medicina e a psicologia.

Para falar de como a filosofia compreende o suicídio trazemos uma asserção de Camus (2008 apud FREITAS, A. P. A., 2013, p. 15), o qual a firma que: “Só há um problema filosófico verdadeiramente sério: é o suicídio. Julgar se a vida merece ou não ser vivida, é responder a uma questão fundamental de filosofia. O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, vem depois”. Com essa afirmativa constata-se a centralidade da reflexão a respeito do suicídio dentro da filosofia.

Segundo descrição de Abbagnano (2007), os filósofos se posicionam de maneiras opostas diante do suicídio. Para Agostinho e Tomás de Aquino esse ato poderia ser apreendido como condenável por ser contrário à vontade de Deus. Para Plotino e Schopenhauer o suicídio é uma forma de o homem ceder às paixões humanas e, finalmente, para Kant seria um meio de descumprir um dever que teria consigo mesmo, uma vez que “o homem tem a obrigação de conservar a vida unicamente pelo fato de ser uma pessoa” (KANT apud ABBAGNANO, 2007, p. 929).

Por outro lado, alguns outros filósofos consideravam o suicídio como algo que poderia ser permitido ou até mesmo necessário, se tiver como razões: (i) a renúncia da vida como um dever quando não se pode mais cumprir as obrigações sociais, na visão de Cícero; (ii) a afirmação da liberdade humana e única forma de resgatar a dignidade e a liberdade, para Epicuro e Sêneca; e (iii) como também um meio de sair de uma circunstância tal que não pode ser mais sustentada pela pessoa, conforme Hume, Jaspers e Sartre (ABBAGNANO, 2007).

Atualmente, no que tange aos campos científicos em que o suicídio é mais discutido (a saber, a sociologia, o direito, a teologia, a medicina e a psicologia), o ato de matar a si mesmo também assume diversos sentidos (HILLMAN, 2016). No que diz respeito à teologia, o suicídio é entendido como um tipo de homicídio. Essa compreensão advém do fato de existir dentre os mandamentos religiosos do cristianismo o “Não matarás!”. A partir desse mandamento é postulado que não se pode matar nem ao outro nem a si mesmo. Consoante a Hillman (2016, p. 40), é neste sentido que “a teologia nos ordena viver”. Ao ter em vista que é Deus quem cria a vida e somente ele teria o direito de tirá-la, o suicídio desestabiliza os fundamentos religiosos e se constitui, nesse âmbito, como o maior ato de rebelião (HILLMAN, 2016; RIGO, 2013).

Convém salientar que essa visão teológica é completamente ligada à influência judaico-cristã, sobre a qual já tratamos nesse marco teórico.

Na sociologia, o suicídio é concebido enquanto um fenômeno dependente de uma tendência coletiva social. Neste sentido, a morte autoprovocada revelaria algo que diz respeito a uma condição de um grupo ou sociedade. Portanto, caso um grupo apresente essa tendência, então o ato suicida realizado pelo indivíduo pertencente a esse grupo não poderia ser julgado como moral ou imoral. Nesse âmbito, o fenômeno de tirar a própria vida representa um enfraquecimento da estrutura social (DURKHEIM, 2000).

Por sua vez, no campo do direito – o qual é responsável por representar e aplicar a justiça –, o suicídio é visto como um ato que infringe a lei, pois desestabiliza o contrato social. Nessa esfera, o suicídio não pertence aos direitos dos homens, pois este não pode ser seu próprio executor. Assim, o modo de realizar a justiça quando alguém comete suicídio é, em geral, alegando a insanidade da pessoa. Isso é feito, pois ao ser considerada insana, a pessoa não estaria mais sob as regras do contrato social e, dessa forma, a morte da pessoa não desobedeceria às normas sociais (HILLMAN, 2016). No que diz respeito ao âmbito legislativo, temos o código penal brasileiro, no qual se estabelece que o ato do suicídio não é crime, nem mesmo em sua tentativa. No entanto, incitar ou fornecer quaisquer formas de auxílio para que alguém o faça constitui um crime previsto em lei (VILAS BOAS, 2017).

Finalmente, para a medicina o objetivo principal é promover o bem-estar, ou seja, a vida. Seguindo o modelo médico, promover a vida é adiar a morte. Como o suicídio significa a morte, o encontro com esse ato representa o encontro com o inimigo da prática médica. Nesse âmbito, então, o suicídio é entendido como uma aberração, um sintoma, algo a ser prevenido (HILLMAN, 2016), uma vez que perturba a ordem médica indo contra todos os seus esforços de manter a vida (RIGO, 2013). É no esteio da medicina, que outro enfoque foi sendo dado ao suicídio. Baseados nos fundamentos da psiquiatria – ramo da medicina que tem como foco pacientes que apresentam problemas mentais – que, Philippe Pinel e, posteriormente, Jean-Étienne Esquirol buscaram explicar as causas do suicídio. Com esse enfoque, o suicídio passa a fazer parte das doenças psiquiátricas, de maneira que se entendia que todos os que cometiam suicídio seriam mentalmente insanos (MINOIS, 1995 apud LESSA, 2017).

Quanto à psicologia, esta parece não integrar uma única concepção a respeito do suicídio. No entanto, esse tema não deixa de ser uma questão fundamental para a psicologia (KOVACS, 2013). Neste sentido, Goldim e colegas (2004 apud KOVACS, 2013) elucidam que os suicídios são fenômenos complexos e que envolvem o conhecimento de várias disciplinas.

Não obstante, a psicologia tende a ter um olhar de compreensão do sujeito, buscando entender seus dilemas e situações. Werlang (2013) assevera que os profissionais dessa área, devem atentar-se, pois os mais variados fatores podem ser um risco para o suicídio, como a presença de transtorno psiquiátrico, brigas na família, ou a perda de um emprego. Para a autora, sempre é preciso compreender alguma vulnerabilidade psicológica do sujeito.

Nesse sentido, e de acordo com Bleger (1984 apud BASTOS, 2009) os problemas humanos, dentre os quais está o suicídio, devem ser vistos para além de uma ótica individual – corrente na psicologia clássica. Segundo esse autor, existem dois tipos de compreensão: (1) um modelo individualista, onde o acontecimento se explica por questões individuais, pessoais e inerentes ao sujeito. Aqui nega-se pensar o suicídio “junto às questões inter-relacionais, institucionais ou sociais, inclusive do seu aspecto macropolítico” (p. 82).

Na segunda compreensão (2) o modelo psicossocial, avista o ato suicida junto às relações psicossociais. Aqui não se discute somente as questões individuais que constituem o sujeito, mas também suas repercussões históricas, inter-relacionais e institucionais (BASTOS, 2009). Hoje, à vista disso, chegamos a uma compreensão de que o suicídio “é um fenômeno multidimensional, a culminância de uma série de fatores de ordem ambiental, cultural, biológica, psicológica, política, tudo isto acumulado na biografia de um sujeito” (DAOLIO, 2010, p. 255).

Além dessas áreas elencadas até aqui, muitas disciplinas têm estudado sobre a morte autoprovocada. Freitas, J. L. e colaboradores (2013) realizaram uma revisão de literatura acerca do tema do suicídio, buscando teses, dissertações e artigos que tratavam do tema, entre os anos de 2002 e 2011. Os trabalhos encontrados por esses autores foram classificados nas seguintes áreas de conhecimento:

Psicologia, Psiquiatria, Saúde Pública/Coletiva, Medicina/ Ciências da Saúde, Ciências Sociais, Ciências Biológicas, Letras/Literatura, Enfermagem, Farmacologia, Direito, Epidemiologia, Interdisciplinar, Comunicação, Educação, Filosofia e Teologia. Na categoria Outros, agruparam-se: Química/Bioquímica, História, Planejamento Urbano e Regional, Probabilidade e Estatística, Epistemologia, Administração, Cinema, Memória social e Patrimônio Cultural, Educação Física, Nutrição, Odontologia, Geografia, Estrutura, Conformação e Estereoquímica, Ensino de Ciências, Fonoaudiologia e Geografia (FREITAS, J. L. et al., 2013, p. 253-4).

As autoras apresentam que a partir desses achados evidencia-se que esse tema tão humano é foco de interesse das mais diversas áreas de conhecimento. Ainda, para as autoras, essa busca pela compreensão do suicídio para além das áreas da saúde reflete a complexidade da temática da morte autoprovocada. Não obstante, é interessante notar que a psicologia é

responsável por grande parte da produção acadêmica em torno desse tema, totalizando 21% de todos os trabalhos encontrados. Ademais, cabe ressaltar que as responsáveis pela maior produção de investigações desse tema são as áreas de saúde (FREITAS, J. L. et al., 2013).

Esse achado é importante, uma vez que o suicídio passa a ser uma questão de saúde pública, por sua complexidade e difícil abordagem (OMS, 2014; WERLANG, 2013), de modo que se tem priorizado a prevenção do suicídio na saúde pública e políticas públicas mundiais

2.2.2 Prevenção do suicídio

Atualmente, ressalta-se sempre que há estratégias e intervenções para prevenir o suicídio de modo eficaz. Além disso, diante dos impactos provocados por esse fenômeno na sociedade, existem diversos protocolos e políticas de como agir diante da iminência de um suicídio, seja para evitá-lo, seja de como proceder após sua ocorrência.

Nesse intento, a Organização Mundial de Saúde (OMS) construiu diversos manuais, em várias línguas, com vistas a implementar formas de se prevenir o suicídio. O objetivo, então, é possibilitar que cada país construa sua estratégia de prevenção, partindo do princípio de que a prevenção ao suicídio é possível. No Brasil, por exemplo, o Conselho Federal de Psicologia publicou em 2013 o livro *O Suicídio e os Desafios para a Psicologia* a fim de promover o acesso público a informações de cunho profissional naquilo que concerne aos aspectos de prevenção e comportamentos associados ao suicídio. Dessa forma, os idealizadores desse livro ressaltam a importância de se tratar as possíveis causas que levam uma pessoa a tirar a própria vida, bem como de elaborar planos de ação que sejam adequados ao cenário brasileiro (CFP, 2013).

Já no ano de 2017 o Ministério da Saúde Brasileiro lançou três cartilhas intituladas *Suicídio: Saber, Prevenir e Agir*, voltadas: (1) à população em geral – a fim de identificar sinais em si, e em outras pessoas, de pensamentos ou comportamentos suicidas, bem como traz informações de como agir, o que não fazer, a quem recorrer, etc.; (2) aos profissionais de saúde – com o intuito de realçar a necessidade de notificar tentativas de suicídio, uma vez que a presença de tentativas prévias se mostra como risco de suicídio; e (3) aos jornalistas – com vistas a orientar como o suicídio deve ser noticiado nos meios de comunicação e assim evitar o efeito de contágio, ou seja, que outras pessoas tentem se matar da mesma forma, ou no mesmo lugar noticiado. Junto à distribuição dessas cartilhas, o Ministério da Saúde tem buscado

também capacitar profissionais que atuam diretamente na prevenção de suicídio e aqueles que atuam nas Redes de Urgência e Emergência.

Tudo isso evidencia um esforço em envolver toda a sociedade na prevenção do suicídio. Nesse esteio, Werlang (2013) afirma que toda a comunidade deve trabalhar em conjunto. Esta autora ainda propõe que a prevenção está para além dos profissionais da saúde, mas deve-se trabalhar com voluntários de bairros, de igrejas e de organizações não governamentais (ONGs). Considerando que a prevenção do suicídio, além de ser um desafio para a psicologia, é um desafio para toda a sociedade, Werlang (2013) reitera que é imprescindível desenvolver treinamentos para que se possa identificar qualquer indício relacionado ao suicídio. Dessa maneira, não só os profissionais de saúde devem ser treinados, mas também aqueles da área da educação e do direito, bem como engenheiros, arquitetos, bombeiros, policiais e outros profissionais. A autora propõe que é preciso um trabalho integrado e em rede, e nos mais diversos âmbitos. Destarte, por exemplo, no planejamento para a construção em espaços públicos, arquitetos e engenheiros já devem estar atentos para locais onde suicídios seriam possíveis e, assim, interditar o acesso.

Não obstante, essa parece ser ainda uma realidade distante, pois apesar de ser crescente a preocupação acerca do suicídio, é incipiente a estruturação de estratégias de prevenção ao suicídio (SOUZA et al., 2018). Isso foi evidenciado a partir de uma revisão de literatura na qual buscamos realizar um apanhado geral a respeito da prevenção do suicídio no Brasil, visualizando o que se tem publicado acerca do tema. A pesquisa foi realizada nos indexadores Scielo, PubMed e BVS, utilizando os descritores “suicídio”, “prevenção” e “prevenção do suicídio”. Dentre os 79 artigos encontrados, analisamos 34, pois foram excluídos todos os artigos que não tratavam de experiências no Brasil e os artigos duplicados. A partir da análise dos resumos dos artigos construímos seis categorias temáticas³.

Na categoria “1 – Identificação de fatores de risco e possíveis causas”, os artigos discorriam sobre causas como Envenenamento (PIRES et al., 2012; 2014); Agente e/ou substâncias tóxicos (GONDIM et al., 2017; AGADIR SANTOS; LEGAY; LOVISI, 2013); sobre Fatores associados à ideação suicida (SOUZA et al., 2010; BOTEAGA et al., 2005); e o Perfil de tentativas (MACENTE; SANTOS; ZANDONADE, 2009). Na categoria “2 – Associação com transtornos mentais e outras condições de saúde”, os autores tematizaram Ansiedade e depressão (ALVES et al., 2015); Depressão (CHACHAMOVICH et al., 2009);

³ Todas as referências dos autores citados nas seis categorias encontradas constam numa tabela no Apêndice E.

Transtorno bipolar (NERY-FERNANDES; MIRANDA-SCIPPA, 2013); e Gestação de risco (BENUTE et al., 2011).

Na categoria “3 – Epidemiologia de tentativas de suicídio”, foi focado a Notificação em serviço de saúde e hospitais (VELOSO et al., 2017; ROSA et al., 2016; MONTEIRO et al., 2015; WERNECK et al., 2006; SGOBIN et al., 2015); e Registro de casos de suicídio em município (ALVES; CADETE, 2015; BANDO et al., 2012) ou estado (ABASSE et al., 2009). Na quarta categoria “4 – Identificação de grupos considerados vulneráveis”, os artigos abordaram diferentes grupos, como Idosos (SCALCO et al., 2016; SERVIO; CAVALCANTE, 2013; MINAYO et al., 2012; ARMOND et al., 2017; CAVALCANTE; MINAYO, 2016); Adolescentes (SOUZA et al., 2010; TEIXEIRA-FILHO; RONDINI, 2012; VERA; KATZ, 2011); Universitários (SANTOS, 2017; VASCONCELOS-RAPOSO et al., 2016); Comparação entre sexos (STEFANELLO et al., 2008); e Médicos e estudantes de medicina (SANTA; CANTILINO, 2016).

Na categoria “5 – Avaliação de atitude, valores e prática de profissionais de saúde acerca do suicídio”, os autores abordaram o Impacto de capacitação (SANTOS et al., 2014); e as Visões, valores e atitudes dos médicos (RAMOS; FALCÃO, 2011) e de psicoterapeuta (FUKUMITSU, 2014). Por fim, na categoria “6 – Avaliação de programas de intervenção e prevenção do suicídio”, o único artigo encontrado versava sobre a Avaliação de programa de prevenção (CONTE et al., 2012).

Os artigos das quatro primeiras categorias não tratavam diretamente da prevenção ao suicídio, mas ao abordar fatores de risco, associação com condições de saúde, epidemiologia e grupos vulneráveis, eles apontavam a necessidade de estruturar estratégias de prevenção. Entretanto, a formulação dessas estratégias parece limitada, uma vez que pouco foi encontrado, destacando-se apenas um artigo que se propunha analisar a experiência de um programa de prevenção do suicídio (CONTE et al., 2012).

Além disso, em linhas gerais, a prevenção proposta pelos autores parecia ser muito focada em aspectos específicos de um determinado grupo, ao invés de se pensar numa prevenção do suicídio de maneira mais ampla, enquanto fenômeno social e decorrentes implicações na vida de quem dele faz uso ou busca prevenir que aconteça. Essa percepção converge com o que fora encontrado por Agadir Santos, Legay e Lovisi (2013), ao constatarem que são poucos os planos estratégicos voltados para a prevenção do suicídio, ao passo que há mais ações planejadas enfocando apenas alguns fatores associados à tentativa de suicídio ou em

estudos da área da saúde, alinhando-se ao que foi encontrado na revisão de Freitas, J. L. e colaboradores (2013), já mencionada nessa dissertação.

Outro aspecto a ser destacado a partir dessa revisão que realizamos, é que foram poucos os trabalhos envolvendo os profissionais que atuam na prevenção do suicídio – um total de três artigos. Embora seja necessário considerar que isso pode se dever ao fato de não inserirmos, por exemplo, a palavra “profissionais” na busca, essa limitação de trabalhos capturou a atenção da autora dessa dissertação. Conforme já elucidamos nesse tópico tem sido premente o esforço na prevenção do suicídio, além disso existem diversos manuais para orientar os profissionais para esse tipo de atuação.

Entretanto, pouco se fala de como esse profissional, em sua atuação na prevenção do suicídio, constrói significados a respeito das orientações e vivências relacionadas com a temática. Dessa forma, visando minimizar a escassa literatura, realizamos outras buscas acerca da atuação desses profissionais em outras áreas e o reflexo de sua atuação no seu bem-estar ou na produção de significados sobre si, bem como exploramos como a temática do suicídio é estudada em outros contextos de atuação, prevenção ou na academia. Com base nesse novo crivo de pesquisa foi possível explorar os contextos expressos no tópico a seguir.

2.2.3 Profissionais da prevenção e as repercussões do suicídio

O suicídio é um fenômeno cuja ocorrência ou sua tentativa causam profundos impactos na vida das pessoas. Entretanto, as pessoas são afetadas de modos distintos a depender do grau de envolvimento com o este fenômeno. Na investigação conduzida por Morais e Souza (2011) são evidenciadas algumas impactos geradas pelo contato com o fenômeno do suicídio. Os familiares de suicidas, idosos, líderes comunitários, gestores e professores de uma comunidade onde há grande incidência de suicídios apresentaram sentimentos de perplexidade, raiva, tristeza e angústia. Até as pessoas que não tinham vínculos afetivos com quem tirou a própria vida também se revelaram bastante afetados.

Nesse estudo de Morais e Souza (2011) foram investigadas pessoas com os mais diversos graus de envolvimento com o suicídio, contudo seguiremos trazendo à baila os profissionais que de alguma maneira lidam com o fenômeno da morte autoprovocada.

Cassorla (1984) afirma que muitas vezes as pessoas não dão importância às tentativas de suicídio, não sendo raro que equipes de saúde de prontos socorros ajam com desprezo à pessoa que tentou matar-se. Os médicos são treinados para salvar vidas, assim, diante de uma

pessoa que tentou suicídio, as equipes de saúde têm as premissas de seu treinamento confundidas ou até destruídas. Nesse sentido, eles se veem tentando lidar com pessoas que se encontram do lado da morte, e que por causa disso, podem ver esse profissional como um inimigo. Segundo esse autor, tal atitude se deve ao fato de as pessoas, em geral, não perceberem que existem outras facetas por trás do ato suicida (CASSORLA, 1984).

Silvia e Boemer (2004) realizaram uma investigação acerca de como o suicídio se mostra a profissionais médicos residentes de psiquiatria, a enfermeiros sem especialização na área e auxiliares de enfermagem de uma Clínica Psiquiátrica da Unidade de Emergência. Nos achados das autoras, encontra-se que o suicídio se mostra como algo que acontece em um momento de muito desespero. Os profissionais desse estudo entendem a ato do suicídio como um pedido de ajuda, mas ao mesmo tempo, apresentam um sentido de menor compreensão, assim o suicídio é entendido como algo usado para chamar à atenção. Não obstante, diante de atos autodestrutivos os profissionais também vivenciam uma diversidade de sentimentos. Eles se preocupam quanto ao acompanhamento dos pacientes e percebem que a instituição, por vezes, pode não viabilizar um cuidado abrangente. Dessa maneira, surgem sentimentos como culpa, impotência, frustração, fragilidade e desespero (SILVIA; BOEMER, 2004).

Consoante a isso, é importante destacar que atender pessoas que tentaram suicídio pode gerar sentimentos ambivalentes nos profissionais de saúde. Esses sentimentos emergem uma vez que os profissionais se deparam com a necessidade de atender o paciente que não quer viver, respeitando seus sentimentos – inclusive o desejo de morte – e mesmo assim devem ter condutas que, concretamente, impeçam que o suicídio ocorra (BERTOLOTE; MELLO-SANTOS; BOTEGA, 2010).

Segundo Gulfi e colegas (2010), os profissionais de saúde mental e profissionais sociais que tiveram um paciente suicida podem apresentar diferentes reações e mudanças em suas práticas. De acordo com Tavares (2013), todas as pessoas que têm alguma forma de convivência com alguém em risco de suicídio são afetadas. Dessa forma, pode-se perceber como essa afetação é elaborada através de diversas atuações profissionais, nos mais diversos cenários no campo da saúde (SANTOS et al., 2014; RAMOS; FALCÃO, 2011; FUKUMITSU, 2014)

Todos esses estudos versaram sobre as atitudes dos profissionais perante o suicídio ou tentativas de suicídio. A esse respeito, Freitas, A. P. A. (2013) afirma que são poucos os trabalhos que abordam essa temática na literatura. Além disso, pouco se encontra sobre quais os significados que estes profissionais atribuem às tentativas de suicídio que atendem no seu ambiente de trabalho. Por isso, a autora buscou entender quais os significados atribuídos a

tentativa de suicídio por profissionais que lidam com o suicídio a partir da especificidade das áreas de atuação investigadas.

Assim, Freitas, A. P. A. (2013) mostra em sua investigação que há uma polarização a respeito dos significados dados às tentativas de suicídio por profissionais de psicologia, medicina, serviço social e enfermagem. Por um lado, esses profissionais entendem a busca pelo suicídio como uma situação de sofrimento que denota as fragilidades do sujeito e, a partir dessa percepção, esses profissionais atuam de forma acolhedora. Contudo, ainda que os profissionais compreendam tal fragilidade, o suicídio também é concebido como um desrespeito à práxis do profissional.

Cassorla (1984), nesse aspecto, denuncia a existência de um certo preconceito por parte da sociedade em torno da pessoa que tenta o suicídio, expresso pelo desprezo, agressividade e, às vezes, do próprio maltrato que também é promovido pelos profissionais da área de saúde ao depararem-se com esta necessidade de assistência decorrente de um ato autoprovocado.

Essa postura parece decorrer de sua formação em que, em grande maioria, foram treinados para salvar vidas e lhes atenuar os sofrimentos, não parecendo haver competências para lidar com um paciente que deseja ou aparenta desejar a morte, quando o aparente sentimento de onipotência é substituído por uma certa impotência por não poder mais alcançar o outro. Assim, ao invés de se estabelecer uma relação desejável e de atenção à pessoa que necessita do atendimento, o que se observa, em geral, é uma relação conflitante e agressiva (SAMPAIO; BOEMER, 2000).

Nessa direção, vale destacar ainda que todos esses autores citados, apresentam essa tentativa de apresentar o suicídio enquanto uma criação histórica e cultural, mostrando que há uma relação entre o que se vivia em cada época e como o suicídio era visto. No entanto, eles não falam como isso se dá dinamicamente no sujeito, ou melhor, na relação entre sujeito e seu ambiente social. Fala-se de significações, mas não de como elas são construídas microgeneticamente. Aqui buscamos compreender como aquilo que é compartilhado socialmente atravessa o indivíduo que atua na prevenção de suicídio.

Nesse ponto, é possível, inclusive, avaliar como os gatilhos que levam a processos imaginativos se organizam a partir dos afetos em que a vivência dentro e fora do ambiente do trabalho promove uma cultura pessoal que se contrapõe à cultura coletiva sobre a temática. No entanto, de modo geral, quando se debruça sobre a literatura científica, pouco é referenciado essa relação entre Bombeiros e fenômeno do suicídio. Apesar de sempre estarem lá no sentido

de “salvar vidas”, quase nenhum deles refere sobre a atuação particular e decorrentes significações dessa classe de trabalho.

Dessa maneira, ao nos debruçarmos em contextos que se propõem intervir sobre esse fenômeno social, depara-se com o lugar dos bombeiros dentro da dinâmica social e das políticas que visam buscar formas de dar suporte e intervir nesse contexto. Nesse aspecto, os Bombeiros ocupam uma função relativamente diferente dos profissionais de saúde, em sentido de experiência, por estarem *in loco* e por causa das inúmeras possibilidades de como poderiam agir (de formas diferentes em situações de crise) ou serem afetados por esses eventos, o que poderiam despertar formas distintas de lidar com a questão do suicídio.

2.2.4 Contexto do bombeiro militar

A constituição brasileira (BRASIL, 1990) ao falar sobre a segurança pública, estabelece em seu artigo 144 que diversos órgãos são responsáveis por conservar a ordem pública, bem como a integridade e a segurança das pessoas e do patrimônio. Dentre os órgãos citados na lei está o corpo de bombeiros militares, no entanto, a existência e atuação deste órgão é muito anterior ao estabelecido na constituição.

À data 07 de agosto de 1636 foi criada a Companhia *Brantmeesters* em Pernambuco, constituindo o primeiro serviço voltado para a extinção de incêndio das Américas. Contudo, apenas em 02 de julho de 1856, Dom Pedro II regulamentou o primeiro serviço de extinção de incêndio do país através do Decreto imperial 1.775, em 02 de julho de 1856. Isso decorreu de sua preocupação com perigo de incêndios no Rio de Janeiro, capital do Brasil à época (HISTÓRIA, s/d).

Não obstante, sua institucionalização nos moldes atuais se deu apenas em 20 de outubro de 1887. Antes disso, o governador da Província de Pernambuco sancionou uma lei autorizando a criação de uma companhia com o objetivo de combater incêndios, a qual era mantida por meio de convênios com seguradoras. Até o ano de 1922 o corpo de bombeiros manteve-se sob essas circunstâncias, quando pela Lei 1.531 ele foi, então, anexado à polícia militar do estado e, mais tarde, em 1995, voltou a ser separado dessa polícia através de emenda constitucional estadual. Embora tenha passado por diversas mudanças em termos de afiliações institucionais, ao longo de sua história o corpo de bombeiros sempre teve como objetivo salvar vidas, além de proteger o patrimônio público (LIRA, 2011).

Consoante a isso, Toassi, Stolf e Oliveira (2006) elucidam que o objetivo maior dos soldados do corpo de bombeiros é “a manutenção da vida, a prevenção e a realização de atendimentos caracterizados pela eficácia e rapidez” (p. 286). Nesse esteio, dentre as atividades dos bombeiros militares são destacadas o controle de incêndios, salvamentos e resgate de pessoas acidentadas (LIRA, 2011).

Embora os bombeiros, segundo posto pela constituição federal, sejam profissionais ligados à segurança pública, o panorama da sociedade atual – na qual prevalecem situações diversas de acidentes, incêndios, desabamentos, enchentes, doenças decorrentes do estilo de vida contemporâneo – convoca a presença de profissionais voltados para o atendimento de emergências (MARTINS, 2004). Desse modo, desde a década de 90, os bombeiros têm sido convocados a atuar nesses serviços de caráter emergencial (TOASSI, 2009). Assim sendo, o contexto de atuação do corpo de bombeiros constitui-se por situações de emergência.

Além disso, nessas situações em que atua, o bombeiro precisa lidar com circunstâncias adversas, tais como tragédias, situações de perigo, pressa, sofrimento, cobranças e intempéries climáticas. Tudo isso torna o ritmo do serviço dos bombeiros algo dinamizado, onde há alternância entre períodos calmos e de pouca atividade e períodos de atividade intensa. Assim, a depender das ocorrências diárias, os profissionais estarão se deparando com situações de tragédia, de tensão e ansiedade. Portanto, é preciso uma adaptação do profissional às condições das ocorrências em que atua (TOASSI, 2009).

Nesse contexto, há uma constante atenção a tudo que pode ser utilizado nas ocorrências. De acordo com Toassi, Stolf e Oliveira (2006), esse cuidado é dispensado com vistas a prevenir acontecimentos que possam gerar tensão, arrependimento e sofrimento. Isso decorre do fato de os bombeiros sentirem que têm responsabilidade sobre os atendimentos cujos procedimentos não foram eficazes em decorrência da falta de manutenção de equipamentos usados no trabalho.

Neste ensejo, os bombeiros entendem que os erros e falhas provenientes do uso de equipamentos e tecnologias podem ser fatais, resultando em perda de vidas humanas, de modo, que eles se mostram cômicos das consequências de suas ações e fazem todo o possível para exercer a profissão com o máximo de responsabilidade (TOASSI; STOLF; OLIVEIRA, 2006).

Ainda, segundo Lira (2011), no ambiente militar a condição humana é de constante tensão e ambiguidade, uma vez que policiais e bombeiros estão sempre atuando entre polaridades como: ódio e amor, crueldade e bondade, punição e impunidade, injustiça e direito, dor e alegria, salvar vidas e perder a própria.

Ainda o corpo de bombeiros atua em ocorrências em que as pessoas que a serem resgatadas ou salvas podem apresentar desde algum distúrbio de comportamento associado a lesões corporais graves, bem como situações de agitação; também com risco de suicídio; comportamento agressivo que ameaçam tanto a própria integridade física e/ou a de terceiros; e, por fim, salvamentos em locais de difícil acesso, com necessidade de manobras de resgate ou salvamento específicas (SERRANO et al., s/d).

Levando-se em conta essa dinâmica institucional, quando explora-se a questão da prevenção do suicídio, essa classe de profissionais a vivencia de uma maneira única das demais que costumeiramente são estudadas e evidenciadas em publicações científicas. Diferentemente dos profissionais de saúde que recebem pessoas que pensam sobre a possibilidade de matar-se ou desencadearam atentados contra si necessitando de assistência, o corpo de bombeiros se depara com a imediatividade de lidar com o fenômeno em decurso, na busca, através de diálogo e estratégias para tentar salvar a vida do suposto suicida. Essa atuação de salvaguardar a sociedade dos riscos que a natureza traz para ela própria, faz com que os bombeiros ocupem, no imaginário social, uma imagem de heroísmo e entrega.

Por outro lado, a instituição do Corpo de Bombeiros e seus componentes são produtos e produtores de uma instituição total, com regras e regulamentos específicos. Esse encontro entre bombeiro e um ato suicida em que urge uma intervenção sobre o último, provoca tensões e ambivalências decorrentes da cultura pessoal (atravessada por quem o bombeiro é, bem como pelo lugar que ele ocupa) e as expectativas de uma cultura coletiva (ao tratar da temática do suicídio e das consequências dele). Nesse ponto é importante destacar que os bombeiros são percebidos no âmbito de uma cultura coletiva como “muito respeitados, são uma referência para a sociedade, em função da excelência dos serviços prestados” (SERRANO et al., s/d, p. 1).

Dessa forma, como fenômeno predominantemente afetivo, pode-se também explorar como a atuação do Corpo de bombeiros em momentos de tentativas de suicida, pela intensidade afetiva desse contexto, provocou a reelaboração na maneira de pensar sobre o suicídio e lidar com aqueles que fazem uso dele em suas vidas.

3 METODOLOGIA ADOTADA

Os encaminhamentos metodológicos que orientaram esse estudo são sustentados em uma perspectiva que destaca a constituição e a dinamicidade dos fenômenos humanos, e que, ocorrendo em um tempo irreversível que não se repete, busca entender a generalidade de contextos únicos (VALSINER, 2007). Essa perspectiva respeita o lugar da subjetividade do sujeito investigado e do pesquisador e entende que, na relação investigador-construção do dado, a mudança em um afeta o outro, uma vez que a experiência do pesquisador com o fenômeno é conectada com seus axiomas e construções teóricas (VALSINER, 2000). Considera-se, assim, a unicidade da experiência humana e a singularidade do fenômeno (SALVATORE; VALSINER, 2010). Embora só seja possível ‘capturar’ o que ocorre no presente, no aqui e agora do sujeito investigado, tanto o passado como o futuro prospectado compõem o fenômeno humano (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016).

O caminho metodológico construído nesta dissertação reuniu métodos qualitativos de caráter idiográfico (SALVATORE; VALSINER, 2010). Recorremos, assim, ao estudo de caso com o intuito de compreender a estrutura e organização dinâmica dos significados construídos pela pessoa na sua unicidade que, no entanto, apontam para a possibilidade de desvendar, nessa estrutura e organização dinâmica dos significados, a generalidade almejada na ciência (SALVATORE; VALSINER, 2010). Desse modo, podemos dizer que a ênfase é identificar as características processuais ou dinâmicas em termos de descrição e interpretação das transformações do fenômeno estudado, no presente caso, na construção de significados (VALSINER, 2014a; RONDEL, 2002-2003).

3.1 OBJETIVOS

Esta pesquisa teve como objetivo geral compreender, através de processos imaginativos, como se dá a dinâmica de (re)construção de significados de um bombeiro sobre suicídio, face às tensões entre sua história particular e da cultura coletiva na qual ele está inserido.

E para isto, foram delineados os seguintes objetivos específicos: (1) identificar as concepções, expectativas e afetos acerca do suicídio; (2) explorar projeções para o futuro imaginado que o bombeiro antevê para alguém que sobreviveu a uma tentativa de suicídio, assim como através da construção de um “memorial” imaginado para quem se suicidou.

3.2 PARTICIPANTE

Para essa pesquisa buscamos um grupo ou instituição que de alguma maneira atuasse na prevenção do suicídio. Assim, por ser uma instituição que sempre teve como objetivo salvar vidas (LIRA, 2011), escolhemos o Corpo de Bombeiros Militar de Pernambuco (CBM-PE). É importante destacar que os bombeiros atuam na prevenção do suicídio como um último recurso, pois eles são chamados em uma situação onde a pessoa já está tentando o suicídio. Além disso, nesse contexto há uma outra particularidade, uma vez que o bombeiro, na busca de salvar a vida de um outro que não mais a quer, arrisca a sua própria.

Deste modo, buscamos um participante considerando os seguintes critérios de inclusão: um bombeiro que (i) tivesse atuado em ocorrências de tentativas de suicídios, (ii) fosse maior de 18 anos, e (iii) concordasse em participar da pesquisa assinando o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) para maiores de 18 anos (Apêndice A).

Contatamos a instituição, a qual cedeu – após a apresentação do projeto aprovado e com seu CAAE (95480718.5.0000.5208), número do registro na Plataforma Brasil – as informações básicas para contatar os bombeiros e convidá-los para a pesquisa. Desse modo, o contato com o participante se deu através de representantes da instituição, a qual forneceu o contato de bombeiros que já atuaram em ocorrências de tentativa de suicídio. Após algumas conversas preliminares, um bombeiro se dispôs a participar do estudo. Assim, o bombeiro participante desta pesquisa é Pedro, que tem experiência de dez anos de trabalho no corpo de bombeiros.

3.3 CONSTRUÇÃO DE DADOS: INSTRUMENTOS, MÉTODO E PROCEDIMENTOS

Foram utilizados os seguintes instrumentos: três roteiros de entrevista semiestruturada (Apêndices B, C, e D), gravador de áudio, notebook, vídeo para tarefa instigadora da imaginação: “completar o desenrolar de uma cena na qual existe a desistência do suicídio” e “a construção de um memorial” (lápiz, canetas, papéis, e diversos outros objetos a serem incluídos pelo participante ou apresentados pela pesquisadora). Os procedimentos foram realizados em uma sala do quartel em que o participante trabalha.

Todos esses instrumentos foram utilizados ao longo de três etapas, as quais aconteceram com um intervalo de quinze dias entre elas, iniciando em outubro e finalizando em novembro de 2018. Antes do início das etapas, a pesquisadora contatou o participante informando-o acerca da proposta da pesquisa, esclarecendo cada uma das etapas e esclarecendo eventuais dúvidas sobre os objetivos do estudo. Após esse contato, foi combinado o primeiro dia de encontro.

A **Etapa 1** fora dividida em dois momentos. O primeiro momento se caracterizou numa conversa livre, na qual a pesquisadora apresentou de maneira minuciosa a proposta do estudo, entregou ao participante o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A) para ler junto com ele, esclarecer quaisquer dúvidas e, em seguida, o participante assinou o termo.

No segundo momento, foi realizada uma entrevista semiestruturada voltada para conhecer o participante e sua história. Para isso, um roteiro foi previamente elaborado (Apêndice B), sem, no entanto, restringir que outras perguntas fossem feitas durante a entrevista. As perguntas foram elaboradas a fim de elencar as mais diversas nuances em torno dos significados construídos acerca da temática do suicídio na vida particular do sujeito e no grupo que atua como bombeiro. Nessa entrevista foram exploradas diversas possibilidades: a) o que a pessoa entende sobre suicídio; b) como se sente ao falar do assunto, resgatando experiências marcantes em sua atuação como bombeiro; c) que tipo de qualificação recebeu para atuar com essa demanda, dentre outras questões. Além disso, perguntou-se sobre aspectos da atuação do participante na prevenção de suicídio, indagando a respeito do que levou a pessoa àquele grupo, o que move a pessoa a atuar junto a essa temática, como esse assunto é tratado em outros grupos que a pessoa participa, como a família, escola/universidade, grupos religiosos, etc.

Finalmente, após encerrada as atividades dessa etapa, o participante recebeu a seguinte instrução para a etapa 2: *“Gostaria que você escolhesse uma experiência significativa que você teve com a temática do suicídio, seja no Corpo de Bombeiros, seja de algum filme, música ou outro recurso. No próximo encontro, peço que você traga algo (uma foto, um desenho, um objeto, um recorte de revista, uma ilustração, uma obra de arte entre tantas outras formas) que represente do melhor modo essa experiência para que possamos conversar sobre ela”*.

Após a finalização dessa etapa, decorreu-se uma fase de análise preliminar, uma vez que a análise aconteceu concomitantemente a construção dos dados. Para isso, o primeiro passo foi a transcrição na íntegra da entrevista. Em seguida, foi realizada a leitura de toda a transcrição, destacando quais significações sobre suicídio eram trazidas pelo participante e quais os núcleos de tensão acerca da temática. A partir disso, a pesquisadora elencava aspectos a serem aprofundados na entrevista seguinte, bem como quais informações ou situações precisavam ser melhor elucidadas, elaborando o roteiro para a segunda entrevista (Apêndice C). Assim, a primeira entrevista deu subsídios para a orientação e estruturação das entrevistas seguintes.

A **Etapa 2** deu-se em três momentos distintos. O primeiro momento iniciou-se de modo informal, perguntando-se a respeito de como o participante passou os dias antes desse encontro

e o que poderia ter pensado sobre a temática. Isso era feito com o intuito de deixar a pessoa mais à vontade. Em seguida, o participante foi convidado a apresentar e falar se tinha uma experiência significativa com relação a temática do suicídio, conforme solicitado na etapa anterior. Aqui, o participante relatou ter uma experiência significativa, mas que não teve tempo de pensar em algo que representasse essa experiência.

Posteriormente, no segundo momento, deu-se início à segunda entrevista, enfocando mais especificamente em aspectos a serem aprofundados e/ou melhor elucidados, a partir da primeira entrevista. Também buscou-se observar as reconsiderações feitas ou não pelo participante acerca do que ele havia contado no encontro anterior. Com isso, pretendeu-se entender mais profundamente as concepções, expectativas, sentimentos e afetos acerca do suicídio apresentadas pelo participante e como essas se relacionam ao seu trabalho e outros possíveis grupos que a pessoa participa (esferas de experiência).

No terceiro momento, a fim de conhecer e explorar as projeções para o futuro que o bombeiro imagina para alguém que sobreviveu a uma tentativa de suicídio, foi apresentado um trecho de um minuto e dezessete segundos do filme (animação) “*A pequena loja de suicídios*” (2012), no qual um homem tenta pular de uma ponte, mas não o faz. Após a apresentação do trecho do filme, o participante era indagado com a questão: “*Como você acha que será o futuro/a vida dessa pessoa deste momento em diante?*”. Nesta tarefa, buscou-se conhecer quais as projeções para o futuro imaginado que o bombeiro antevê para alguém que sobreviveu a uma tentativa de suicídio.

Finalmente, o participante recebeu a seguinte instrução para a etapa 3: “*Para a próxima atividade, gostaria que você construísse algo que faça menção a alguém, que faça parte de sua história ou não, que cometeu suicídio. Para isso você pode trazer, no próximo encontro, materiais diversos para essa construção. Por exemplo, você poderá trazer objetos como papeis, pedras, fotos, caixas, recortes de revista, lápis, canetas, dentre outros (e também pode solicitar que eu traga algum desses objetos). Sinta-se livre para se expressar como quiser ou pensar. Não precisa fazer algum sentido no momento das escolhas e elaboração, mas posteriormente falaremos a respeito dessa construção.*” A partir disso, a pesquisadora deu alguns exemplos do que poderia ser construído, como esculturas, memoriais, mensagens, cartazes, dentre outros, sempre deixando o participante livre para escolher algo que se sentisse confortável em construir.

Após o término da etapa 2 ocorreu mais uma fase de análise. Foi realizada a transcrição de toda a entrevista e, em seguida, sua leitura na íntegra. Nesta transcrição, focalizou-se a entrevista e as construções do participante acerca do trecho do filme. Com base nos destaques

elencados pela pesquisadora, fora construído o roteiro para a terceira entrevista (Apêndice D). Além disso, alguns dias antes da data marcada para o encontro que constituía a terceira etapa, a pesquisadora entrou em contato com o participante, a fim de saber se ele gostaria que fosse levado algum material em específico, no entanto, ele informou que ainda não havia pensado no que fazer.

A **Etapa 3** foi composta por dois momentos. No primeiro, o participante foi convidado a construir aquilo que pensou que seria uma maneira de lembrar alguém que morreu por suicídio. Por meio dessa tarefa, visou-se explorar as projeções para o futuro imaginado quanto ao suicídio concretizado, bem como os sentimentos e afetos evocados acerca da temática. Além disso, pretendeu-se usá-lo como elemento que suscite no participante a reflexão acerca do que outras pessoas pensariam sobre o recurso construído. Não obstante, logo de início, o participante contou que não havia pensado no que fazer e também explicou porque não faria algo como um memorial, conforme lhe fora solicitado (os detalhes dessa tarefa serão melhor explicitados na sessão de resultados e análise). Então, neste momento foram exploradas as significações acerca desse posicionamento do participante em relação a tarefa.

No segundo momento aconteceu a terceira entrevista, a qual, apesar de ter um roteiro elaborado a partir da segunda entrevista, foi mais aberta e dirigida para esclarecer aspectos outros que deixaram alguma dúvida. Esta também foi realizada ressaltando as questões que ainda não tinham sido esclarecidas e examinando possíveis pontos de tensão nas significações construídas pelo participante. Por fim, fora focado como a pessoa sentiu-se ao participar da pesquisa, e buscou-se fechar as questões que ficaram em aberto, de modo a concluir a participação da pessoa no estudo.

3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Terminadas todas as etapas de construção dos dados, e buscando compreender o papel da imaginação na dinâmica de (re) construção de significados de um bombeiro sobre suicídio, optamos por dividir a análise em cinco situações. Essa escolha foi feita a partir das releituras de todas as transcrições, pois percebemos que as situações têm particularidades quanto ao significado evidenciado nelas. No decorrer das etapas, houve tanto momentos mais livres (entrevistas), quanto momentos mais diretivos (tarefas). Nos momentos de conversa mais livres, mesmo seguindo um roteiro de entrevista, a pesquisadora deixava que o participante falasse livremente sobre o conteúdo em questão. Nos momentos mais diretivos, o participante era

convocado a responder a uma tarefa em específico, como por exemplo falar sobre o vídeo ou sobre a construção do “memorial”⁴.

Fazemos essa distinção, a princípio, uma vez que é no aqui-e-agora do sujeito investigado que a construção de significados ocorre, sendo possível ‘capturar’ apenas o que ocorre no tempo presente (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016a). Convém sublinhar, no entanto, que todo fenômeno humano é composto tanto pelo passado como pelo futuro prospectado.

As situações elegidas são: (A) Primeira vez que ouviu sobre suicídio, (B) Primeira experiência com tentativa de suicídio; (C) Experiências marcantes; (D) Tarefa de imaginação; e (E) Construção do memorial.

Em cada uma dessas situações fizemos o seguinte: 1) destacamos trechos nas transcrições que demonstravam as concepções, expectativas e os possíveis afetos ligados ao suicídio – todas essas observações apontam para os significados construídos e/ou reconstruídos por Pedro.

Além disso, tendo como foco a relação dialógica, em cada uma dessas situações procuramos, nas externalizações de Pedro, identificar o Agente, a quem ele se dirigia (o endereçado), o objeto negociado e as audiências evocadas, uma vez que os significados são construídos nessa relação (SALGADO; CUNHA; BENTO, 2013). Nesse ponto, observou-se a interação dinâmica entre os constituintes da tríade dialógica e como a presença dos outros com os quais o participante se relacionava influenciavam ou não nos significados construídos.

Ainda em cada uma das situações, a fim de compreender como a imaginação participa na construção de significados, voltamo-nos para a concepção de *gegenstand* desenvolvida por Tateo (2015; 2017). Aqui buscamos em cada uma das situações identificar com qual objeto o participante criava uma relação significativa, observando as resistências do *gegenstand*, as estratégias semióticas as quais o sujeito investigado recorria e quais as direcionalidades que emergiam de toda essa interação.

⁴ Usamos o termo memorial como uma maneira de sintetizar a tarefa proposta, pois a instrução dessa tarefa deixava o participante livre para escolher como queria realizar ou não essa tarefa.

4 RESULTADOS E ANÁLISE

Afim de organizarmos a apresentação dos dados para o leitor, optamos por dividi-los em situações. Essas foram elencadas posto que nesses momentos acreditamos que a construção de significados – impulsionada pelos processos imaginativos – em sua dinâmica dialógica se torna mais evidente. Assim, primeiro faremos uma apresentação de quem é o sujeito investigado, em seguida, prosseguiremos apresentando as cinco situações para, por fim, fazermos uma síntese dos dados construídos e analisados.

4.1 CONHECENDO PEDRO

Pedro⁵ tem 33 anos, é casado, pai de três filhos, católico, mas não praticante. Reside na região metropolitana do Recife e considera-se de classe média. Ele é bombeiro militar há cerca de 10 anos, atuando desde o início de sua carreira em diversas ocorrências de salvamento com ou sem vítimas, e dentre essas, atua em ocorrências de tentativas de suicídio.

Antes de ingressar no Corpo de Bombeiros Militar de Pernambuco (CBM), Pedro havia tentado vestibular para um curso superior durante 4 anos seguidos, tendo sido reprovado em todos. Apenas no quinto ano de tentativas, ele fora aprovado no vestibular para um curso superior, como também nos concursos para o Curso de Formação de Oficiais do CBM e o Curso de Formação da Polícia Militar. Não obstante, ele decidiu por ingressar no CBM. Essa decisão de Pedro foi, em alguma medida, influenciada por seu irmão, uma vez que esse também trabalha no contexto militar. Além disso, seu irmão ainda sugeriu que, ingressando no corpo de bombeiros, Pedro ganharia estabilidade financeira e, posteriormente, poderia cursar o curso superior que desejava.

Pedro relatou que a princípio não queria ser militar, pois tinha uma outra visão acerca do militarismo. Em suas palavras: *“Acho que a... como a sociedade passa, né? que o militar é arrogante, (...) é prepotente, (...) é ignorante (...). Eu tinha essa visão. Pensa muito que militar é rigoroso sem necessidade (...)”*. Por outro lado, Pedro rememora que tinha admiração pela atuação dos bombeiros: *“Na minha infân-... Acho que toda criança já pensou um dia em ser um bombeiro militar. Aí na minha infância eu pensei em ser bombeiro militar, né? (...)”*.

Assim, no tocante à decisão de ser bombeiro, Pedro afirma que *“(...) foi mais por uma decisão financeira do que por aptidão profissional. (...)”*. Contudo, posteriormente, ele se

⁵ Nome fictício.

identificou com a profissão, de modo que, agora, em suas palavras, “(...) Agora, após a formação, após as vivências, eu me identifiquei com a profissão... Não pretendo sair dela de forma alguma!”.

Pedro relata que o tempo de formação dura um total de três anos e, em seguida, cada bombeiro decide em qual especificidade do corpo de bombeiros ele deseja atuar. No caso, de Pedro ele se mantém no mesmo quartel desde a conclusão dos três anos de formação. Convém ressaltar que nessa formação inicial, os bombeiros não recebem um treinamento específico para atuarem em tentativas de suicídio, apesar de essa atuação ser possível desde o início, caso eles sejam chamados para alguma ocorrência.

Pedro decidiu por se especializar nessa área após a sua primeira ocorrência com tentativa de suicídio (falaremos disso mais profundamente no tópico 4.3). Após isso ele acaba se tornando referência nessa temática, sendo reconhecido por seus pares como um especialista no assunto tentativas de suicídio.

Tendo conhecido um pouco de quem é o participante deste estudo, seguimos agora com a apresentação das situações elencadas para entendermos a dinâmica de construção de significados de um bombeiro sobre suicídio.

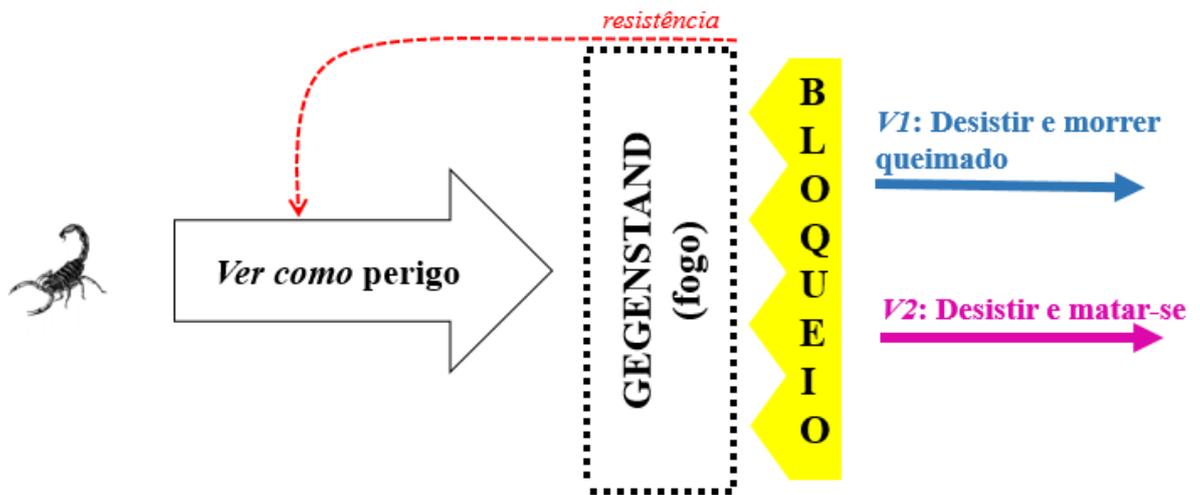
4.2 SITUAÇÃO A: PRIMEIRA VEZ QUE OUVIU FALAR SOBRE SUICÍDIO

No contexto de entrevista encontramos significações que são apresentadas em três situações. Nessa situação A (Primeira vez que ouviu sobre suicídio), Pedro fora questionado se lembrava da primeira vez que ouviu falar sobre suicídio. Na lembrança trazida, ele relata que aos 12 anos, numa conversa com um amigo, esse lhe disse que “o escorpião (...) se matava, quando está rodeado pelo fogo”. A fim de situar esse acontecimento dentro das significações de Pedro, faz-se necessário enfatizar que no mundo – realidade primordial (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016a; 2016b) – vivenciamos diversas situações nas quais nos relacionamos com outras pessoas e com objetos. Nas mais variadas circunstâncias estamos agindo sobre alguém ou alguma coisa e essa “coisa” se opõe a nossa vontade. Ao agir sobre a coisa, essa se torna um objeto – um *gegenstand* –, podendo então resistir a nossa ação. Agindo sobre a coisa e valorando-a, o sujeito “vê como”, indo além do ato perceptivo de ver, e assim estabelece uma relação com o objeto. Ele é, portanto, um agente agindo sobre o objeto (TATEO, 2017).

Na ocasião relatada por Pedro, ele diz que o escorpião se mata quando está rodeado por fogo. Assim, se – hipoteticamente – assumíssemos que o escorpião é um agente, este encontra-se diante do fogo, que é visto como um perigo a sua vida e, portanto, torna-se um *gegenstand*

que lhe impõe uma resistência. Face à resistência do *gegenstand*, o escorpião teria apenas duas direcionalidades possíveis: a sua direcionalidade poderia ser seguindo o vetor de ação (V1) – desistir e morrer queimado ou, seguindo o vetor de ação (V2) – desistir e matar-se. Apenas essas duas direções são possíveis, uma vez que o inseto não conjectura quaisquer possibilidades de contornar a resistência do *gegenstand*, vislumbrando outras direcionalidades como fugir do fogo, por exemplo. O inseto teria, então, uma contra-ação de bloqueio, na qual não é possível desconstruir as resistências do *gegenstand*. Essa dinâmica é ilustrada na figura 6.

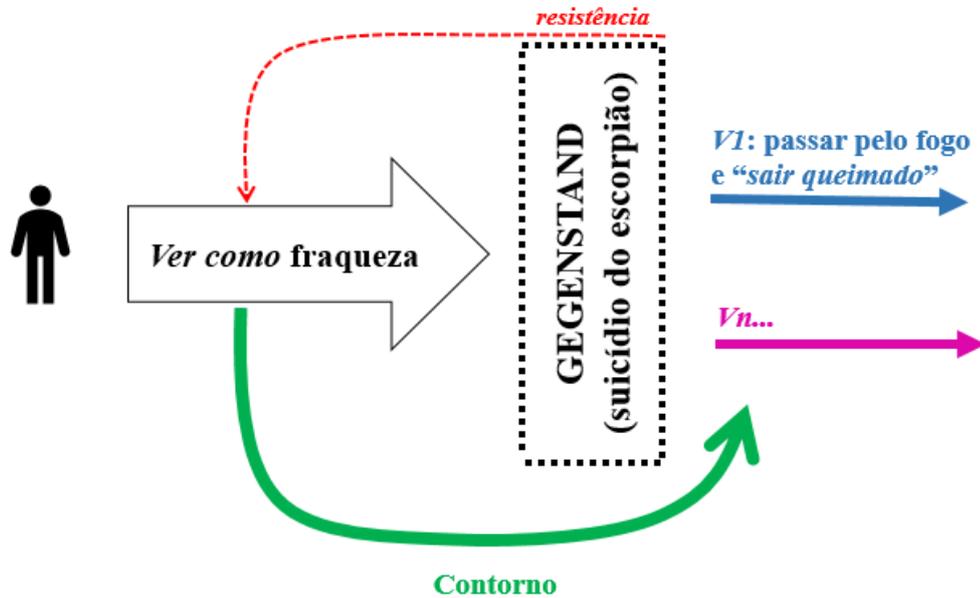
Figura 6: Simulação da relação entre o escorpião e o *gegenstand*.



Fonte: Adaptado de Tateo (2017) e Aguiar (2019).

Continuando nosso enfoque sobre a situação A (primeira vez que Pedro ouviu sobre suicídio), trazemos agora a visão de Pedro acerca da situação do escorpião ilustrada na figura 6 acima. Agora, temos Pedro relacionando-se com o objeto “suicídio de um escorpião”, onde o escorpião é visto como fraco: “*O escorpião é um fraco, se matar por causa do fogo... ele devia correr e sair queimado e tal*”. À vista disso, podemos observar Pedro valorando o ato de matar-se como fraqueza. Pedro não visualiza outras possibilidades para o escorpião, tais como assustado ou acuado perante o fogo, mas apenas como fraco. É dessa maneira que ele evoca uma corrente de construções de significados pessoais sobre o suicídio que o valoram como fraqueza. Essa dinâmica pode ser vista na figura 7 a seguir.

Figura 7: Relação de Pedro com o *gegenstand* (suicídio do escorpião) e sua direcionalidade.



Fonte: Adaptado de Tateo (2017) e Aguiar (2019).

A partir da resistência imposta pelo *gegenstand*, o sujeito pode fazer uso de diferentes estratégias semióticas, que implicam em direcionalidades distintas de ação, para ele mesmo ou para o objeto que é foco de sua experiência (TATEO, 2017; VALSINER, 2014a). Nesse caso, diante do *gegenstand* (suicídio do escorpião) Pedro o contorna, eliminando o risco do fogo. Logo, ele prospecta que a ação do escorpião deveria ser o vetor de ação (V1) passar pelo fogo e “sair queimado”, excluindo a possibilidade de permanecer na situação de perigo. Aqui Pedro faz uso de uma estratégia semiótica denominada de contorno, pela qual a resistência do *gegenstand* é contornada e outras significações são construídas.

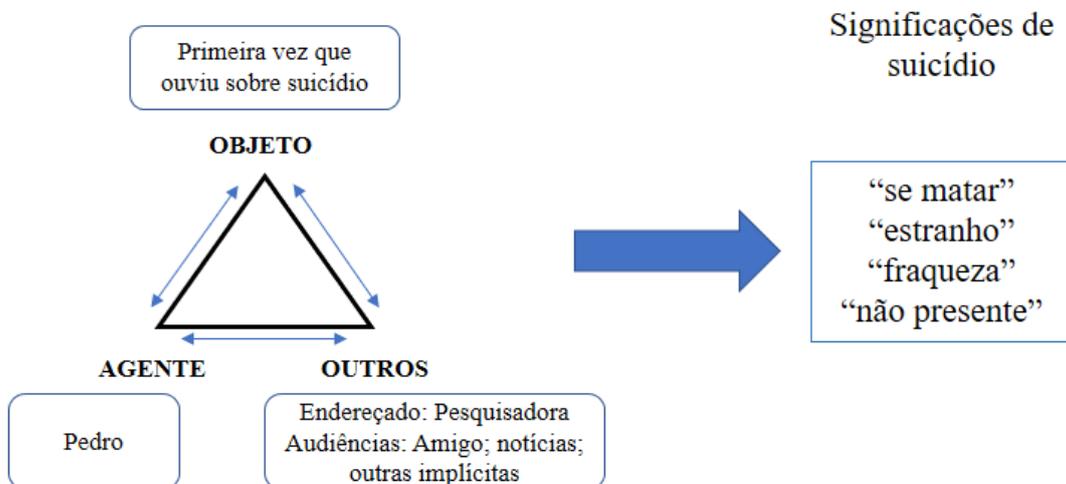
Ainda que essa situação rememorada por Pedro não seja ligada ao suicídio de uma pessoa, fica nítida a estranheza dele diante de uma situação que envolve o “se matar”. Isso pode ser visto quando ele afirma: “*Eu disse, ‘pô, que negócio estranho’*”. Elencamos como hipótese que ele se incomoda com o fato do escorpião só fazer uso de estratégias semióticas de bloqueio, ou seja, com direcionalidades que dialogam com o suicídio, vendo-o como possibilidade. Para Pedro, tudo isso é inconcebível, “*porque a gente nasce pra sobreviver*”. Assim, esses significados rememorados fazem Pedro pensar que, se estivesse nessa mesma situação do escorpião – arrodado pelo fogo – jamais optaria pela desistência da vida. Ao prospectar-se estar no lugar desse animal, e optar por outros tipos de contra-ações, é que Pedro valoriza o

escorpião como fraco. A fraqueza advém do fato deste animal não conseguir lançar mão de outra estratégia semiótica (por exemplo, o contorno, como fez Pedro). Isso nos faz refletir: então, para Pedro, todo mundo que opta por desistir da vida em face as resistências que o viver opõe seria alguém fraco?

Não responderemos essa pergunta ainda, posto que começamos a examinar agora os sentidos construídos por Pedro acerca do suicídio. Retomaremos essa pergunta mais à frente, embora ela tenha emergido desde já e a sua sinalização se faz imprescindível para o rumo que tomamos nessa análise. Por hora, cabe destacarmos que, apesar desse sentido (matar-se é fraqueza) ter sido construído por Pedro na época de sua adolescência, ao rememorar e visitar essas noções e concepções anteriores, elas parecem ser mantidas e reafirmadas no tempo atual.

Ainda, é importante salientar que essa concepção de Pedro não se dá de maneira isolada. Compreendemos Pedro como uma pessoa que, como todos os sujeitos, são ativos e construtores de significado, e que conferem sentido a tudo a sua volta. Ademais, toda significação pessoal (cultura pessoal) produzida é sempre negociada com as significações compartilhadas na cultura mais ampla (cultura coletiva) (VALSINER, 2012; 2014a). Assim, a todo instante as pessoas negociam – acerca de um objeto – com os Outros. Destarte, para compreender melhor a construção dessa significação de Pedro (se matar é fraqueza), focalizamos como ela foi construída dinamicamente dentro da relação Eu-Outros-Objeto. Tais significações são elucidadas na representação abaixo (Figura 8).

Figura 8: Significados construídos por Pedro na primeira vez que ouviu sobre suicídio.



Fonte: Adaptado de Salgado, Cunha e Bento (2013).

Explicamos, então, a figura acima. Nela, o Agente (Pedro adolescente) negocia sobre um Objeto (a primeira vez que ouviu sobre suicídio), com o Outro. Importante sublinhar que não existe apenas um Outro, mas vários Outros, pois todo ato comunicativo é endereçado a um “você”, dentro de um “mundo de teias conceituais e socioculturais tecidas” (p. 21) junto a outras pessoas “alguém/nós/elas” (LINELL, 2004). Assim, quando nos referimos aos Outros, falamos de duas partes aqui nomeadas de: (1) o Endereçado⁶, é a segunda parte, o “você”, pois é o alvo do Agente e (2) as Audiências são a terceira parte, os terceiros ou ainda, outros que são evocados na fala do Agente, como “alguém”, “nós”, “eles/elas” (SALGADO; CUNHA; BENTO, 2013; LINELL, 2004). No relato acima, o Endereçado é a pesquisadora, pois Pedro estava respondendo à pergunta feita por ela, ao passo que as Audiências evocadas são o amigo, notícias e outras audiências implícitas e não acessíveis.

As audiências evocadas podem corresponder a outras pessoas ou instituições da sociedade, cuja presença (concreta ou virtual) faz com que o agente se oriente tanto considerando o que ele diz ou pode dizer, ao mesmo tempo em que prospecta como essas audiências podem reagir (SALGADO; CUNHA; BENTO, 2013; LINELL, 2004). À vista disso, são as audiências evocadas na fala de Pedro – o amigo, notícias sobre suicídio e outras audiências da sociedade – que, possivelmente, lhe apresentaram a concepção de suicídio e também essa sensação de estranheza em relação ao “matar-se”. As audiências evocadas trazem sentidos diversos que são compartilhados na sociedade, sentidos estes que convidam o sujeito a reorganizar seus próprios sentidos mantendo-os, fortalecendo-os ou abandonando-os, mas sempre em constante reconstrução. Assim, percebemos que existe sempre uma interação dinâmica entre cada um dos elementos que compõe a tríade dialógica.

Dentro desse cenário, é importante destacarmos que, na sociedade, em geral, o suicídio é visto por adolescentes como um ato recriminável, sendo caracterizado como estupidez, covardia ou fraqueza (OLIVEIRA, A., 2003). Assim sendo, Pedro pode ter internalizado essas significações ofertadas pela cultura coletiva e tê-las partilhado (externalizado) em sua adolescência – o que seria comum e, como aponta a literatura, esperado pela sua faixa etária. Todavia, parece que esses sentidos gerais sobre o suicídio se mantiveram até em sua idade adulta – ou seja, até a atualidade.

A manutenção desse sentido parece ser assegurada pelo fato que essa temática foi pouco revisitada por Pedro. Assim, os sentidos construídos na adolescência não foram reconstruídos

⁶ Termo usado por Salgado, Cunha e Bento (2013) para designar, dentre os outros com quem um agente interage, aquele que é alvo de seu discurso ou resposta.

no decorrer do tempo. Segundo ele relata, “*Aí de lá pra cá uma história ou outra de alguém que se matou tal, mas nunca foi tão presente assim (...) Mais com notícias mesmo*”. Esse tema não fazer parte do cotidiano de Pedro, não é algo raro, posto que debater sobre suicídio, assim como ocorre com as temáticas sobre a morte e o morrer, não é recorrente na rotina das pessoas (DAOLIO; SILVA, 2009).

Essa temática apenas se torna presente em sua vida após o seu ingresso no corpo de bombeiros. À vista disso é que exploraremos as significações de suicídio na situação B, na qual destaca-se a primeira vez em que Pedro atuou numa tentativa de suicídio.

4.3 SITUAÇÃO B: PRIMEIRA EXPERIÊNCIA NUMA OCORRÊNCIA COM TENTATIVA DE SUICÍDIO

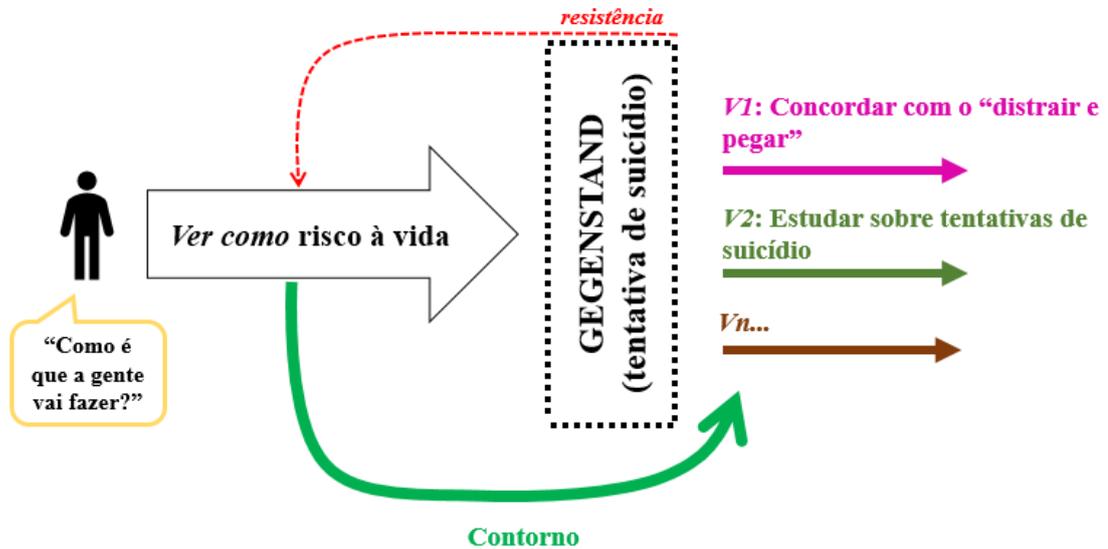
Ao narrar sobre sua primeira experiência numa ocorrência com tentativa de suicídio, Pedro não fala diretamente sobre suas concepções de suicídio. Percebemos, no decorrer das entrevistas, que o participante tinha certa dificuldade em se implicar no que era perguntado – mesmo quando as perguntas eram diretivas (ex: o que você acha sobre o suicídio?). Pedro acabava sempre exemplificando em sua atuação, recorrendo a instruções ou concepções “politicamente corretas” advindas de órgãos de saúde ou cursos que realizara.

Nessa situação em particular, Pedro nos contou como foi atuar nessa ocorrência com tentativa de suicídio, destacando a atuação de bombeiro e o que era preciso fazer para salvar a pessoa (o suicida), conforme podemos atestar no excerto abaixo:

Pedro: “(...) deu entrada a ocorrência “Tentativa de suicídio na ponte (...) da [Cidade X], uma mulher tentando se matar”. Ai eu nunca tinha pegado uma ocorrência, foi quando eu perguntei pra guarnição... ‘Oh, vê só... como é que a gente vai fazer? Qual é a ideia de vocês aí?’. Ai eu lembro até do graduado ele disse... ‘Não meu chefe, o senhor distrai e a gente pega ela’. ... ‘Só isso?’. ‘É’. Eu achei estranho essa maneira de atuar, porque me pareceu meio que empírica, sabe? (...)”

Além disso, essa situação foi examinada considerando a relação estabelecida entre Pedro e sua primeira ocorrência com tentativa de suicídio. Para isso buscamos ilustrar abaixo, na figura 9, como se deu essa relação.

Figura 9: Relação de Pedro com o *gegenstand* (tentativa de suicídio) e sua direcionalidade.



Fonte: Adaptado de Tateo (2017) e Aguiar (2019).

Nessa experiência, Pedro valora a tentativa de suicídio como um risco à vida da pessoa, isto é, ao “ver como” (TATEO, 2017) ele transforma a coisa “tentativa de suicídio” em *gegenstand*, estabelecendo com ela uma relação significativa. Além disso, Pedro se posiciona dizendo não saber o que fazer diante desse risco, porém, ele recorre a estratégias semióticas que contornem o *gegenstand*. Nesse caso, ele contorna o *gegenstand*, de modo que a partir dessa contra-ação, surgem como vetores de ação o V1 (concordar com “distrair e pegar”), o V2 (estudar sobre tentativas de suicídio) e Vn (outras possibilidades de ação). Depreendendo do fato de que todo “ver como” é culturalmente orientado (TATEO, 2017), neste caso, se o *gegenstand* (tentativa de suicídio) foi valorado como um risco, então as direcionalidades de ação do sujeito dizem respeito de como eliminar esse risco ou como tirar a pessoa da situação de risco a sua vida.

A direcionalidade a ser seguida depende de variadas condições que orientarão o sujeito em sua ação (TATEO, 2017). No caso de Pedro, além de achar estranho uma maneira de atuar em que precise distrair a pessoa para que outros bombeiros a retirem da situação de risco, ele prospecta que a ocorrência poderia ser mais complexa. Nesse sentido, ele afirma: “*Foi muito tranquilo a ocorrência, mas ficou aquilo na cabeça: e se for complexo? Ela [a mulher que estava tentando suicídio] tava numa ponte... como a gente vai fazer, hein?*”. Assim, no contexto cultural em que Pedro está inserido, a relação dinâmica entre agente-*gegenstand* possibilitou

que a direcionalidade seguida por ele fosse estudar e buscar entender sobre a atuação em tentativas de suicídio.

Essa situação ainda pode ser analisada salientando agora a relação Eu-Outros-Objeto. Então, vemos Pedro bombeiro (Agente) enfocando na experiência de sua primeira ocorrência com tentativa de suicídio (Objeto), dirigindo-se a pesquisadora (Endereçado) e evocando a guarnição e a pessoa que estava tentando suicídio como Audiências. Neste ponto, é preciso destacar que diferente da primeira situação apresentada, que aconteceu num ambiente familiar/amizade de Pedro (esfera de experiência), essa segunda ocasião se deu quando Pedro tornou-se bombeiro, ou seja, em um contexto de trabalho. Além disso, ela acontece dentro do quartel e configura a atuação dele enquanto profissional. O corpo de bombeiros tem como função salvar vidas (LIRA, 2011), portanto, podemos conjecturar que, dentro da situação onde alguém está tentando se matar, a prioridade desse profissional é salvar a pessoa (como retiro ela dessa situação?) em detrimento de quaisquer que sejam as concepções pessoais do profissional atuante sobre suicídio.

Ainda, a preocupação de Pedro é com os procedimentos a serem realizados nesse tipo de ocorrência, ou seja, com o que se deve fazer para salvar a pessoa que tenta suicídio. Assim, os sentidos construídos aqui estão mais voltados em como evitar a morte de alguém, sentidos esses que são assegurados pelas audiências convocadas por Pedro. A guarnição, enquanto audiência interna, assegura esse sentido de “o que fazer” e “quais procedimentos realizar” a fim de salvar a pessoa que tenta suicídio, que é também uma audiência, e é aquela que precisa ser salva. As audiências fazem parte do contexto cultural onde salvar a vida é primordial, orientando, portanto, a direcionalidade seguida por Pedro em estudar sobre suicídio e se especializar na atuação de ocorrências que envolvem algum risco de morte autoprovocada.

O que nos parece, então, é que, para Pedro, essa nova experiência com suicídio foi como qualquer outra do seu trabalho: a diferença era que, ao contrário do que caracterizava as outras ocorrências – em que ele havia sido treinado e informado sobre como proceder –, nessa ele não sabe como proceder. Porém, partilhava com as demais o fato de ser uma vida a ser salva. Assim, Pedro parece se colocar como a última defesa ou recurso entre a linha do “viver” e o “morrer”. Caso falhasse, falharia, também, em cumprir a sua função enquanto profissional – de defender a vida.

Nesse sentido, a construção de significados e, portanto, as estratégias semióticas montadas para lidar com os objetos, parecem estar sendo orientadas por um signo hipergeneralizado: “proteger a vida”. Logo, nesse cenário o suicida e suicídio é alguém que

coloca em risco não só a própria vida, como também, para Pedro, coloca em risco os sentidos de si (cultura pessoal), ou ainda, de forma mais clara, colocam à prova “Pedro como bombeiro” no lugar de agente. Afinal ser um bombeiro implica seguir um código (constituição brasileira) que orienta a integridade, segurança das pessoas e do patrimônio (BRASIL, 1990). Ou, nas palavras de Lira (2011), a função dos bombeiros, independentemente do tempo histórico é salvar vidas e proteger o patrimônio.

Assim sendo, evitar a concretização do suicídio pode ser compreendido como algo que realimenta seus sentidos de si (cultura pessoal), permitindo se manter no lugar de Pedro como bombeiro. Assumir esse lugar perante os Outros se faz tão primordial que as direcionalidades vislumbradas por Pedro nesse primeiro encontro com o suicídio dentro da esfera de experiência (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016a; 2016b) profissional, vislumbra direções que permitam extinguir os riscos que a resistência do *gegenstand* apresenta para si. Pedro não só evita a existência daquele suicídio (utilizando direcionalidade V1 – concordar com “distrair e pegar” o suicida) como também procura evitar qualquer possibilidade de suicídio futuro (ao buscar entender, através de cursos como prevenir e lidar com suicídios – direcionalidade V2).

Vejamos, então, como isso se mantém em sua atuação profissional no decorrer do tempo. Ao longo de sua atuação como bombeiro militar, Pedro teve diversas experiências envolvendo o salvamento de pessoas, não obstante ao ser indagado a respeito de qual experiência foi a mais marcante ao longo de sua carreira, ele destaca duas ocorrências. Tratamos dessas duas ocorrências no próximo tópico.

4.4 SITUAÇÃO C: EXPERIÊNCIA MAIS MARCANTE DE SUA ATUAÇÃO

No tocante a Situação C (experiência mais marcante de sua atuação), Pedro conta que duas ocorrências foram marcantes para ele: uma aconteceu no ano de 2015 e a outra havia acontecido uma semana antes da realização da primeira etapa deste estudo.

Sobre a ocorrência do ano de 2015, Pedro relata vários aspectos que justificam porque essa ocorrência foi tão importante para ele. Assim, primeiro, ele conta que a ocorrência “(...) da [torre de transmissão de energia elétrica] foi marcante, porque o diálogo foi muito difícil, muito difícil... [O homem que tentou suicídio] Me xingou bastante... me xingou bastante e ele parecia ter informações técnicas (...). Marcante também porque... [pausa] é... [pausa] As técnicas que eu utilizei... deram certo e a gente só sabe se dá certo se testar, né? Deu certo! [Pausa] “E marcante porque... talvez eu morresse na ocorrência. [pausa]”.

Nessa experiência, temos Pedro diante de uma tentativa de suicídio, em que um homem tentou provocar sua própria morte subindo numa torre de transmissão elétrica. Nessa situação, Pedro vê a pessoa como suicida, ou seja, o homem que está no alto da torre de transmissão é alguém que quer se matar.

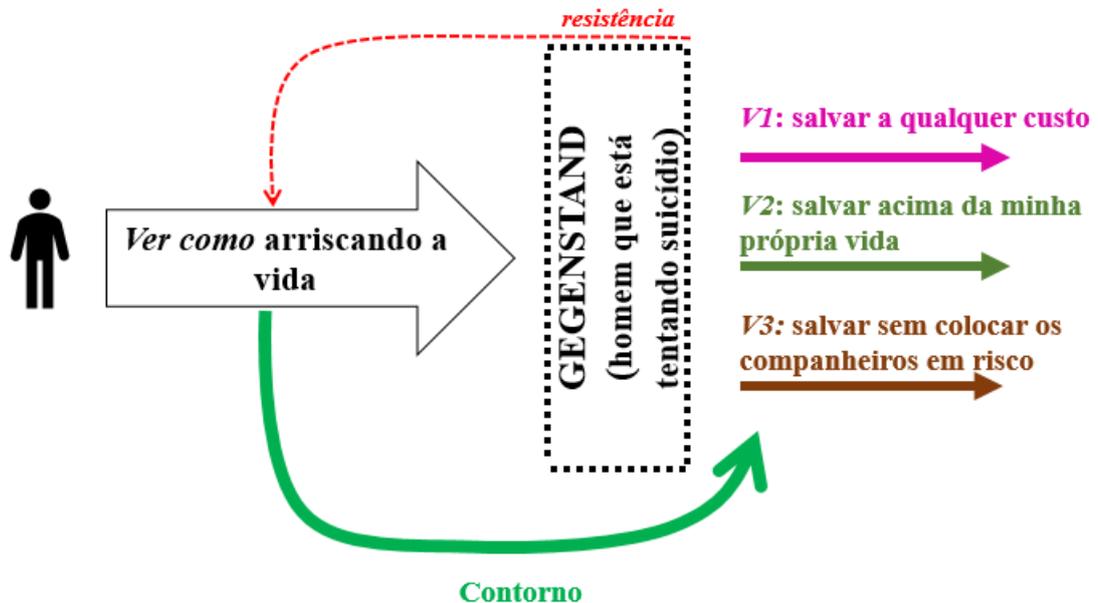
Ainda, nesse encontro, Pedro transforma esse homem em *gegenstand*, posto que ele oferece resistências às suas tentativas de aproximação. Ou, ademais, ele coloca em cheque todos os conhecimentos que Pedro buscou – através de treinamentos – para evitar falhar nesse tipo de situação. Desta forma, ao deparar-se com esse suicida, nessa situação peculiar, Pedro vislumbra, também, uma possibilidade de fracasso. Pedro, inclusive, destacou essa experiência como significativa por ter sido árdua, alegando que “*o diálogo foi muito difícil, muito difícil*”.

Outra resistência surgida nesse encontro com o *gegenstand* é o risco à vida de Pedro. Ele relata que em todas as ocorrências há o risco de morte, contudo, nessa ocorrência em específico o risco foi muito próximo, pois, apesar de a torre de energia ter sido desligada com a chegada do corpo de bombeiros, eles (a vítima e os dois bombeiros que estavam atuando) sofreram um choque elétrico.

Não obstante, diante dessas tantas resistências, Pedro lança mão de estratégias semióticas que o possibilitassem salvar aquele homem, o outro bombeiro e também a si mesmo (de forma subjetiva, reafirmando o lugar de Pedro como bombeiro). Assim, Pedro tenta a todo custo contornar as resistências do *gegenstand*, orientado pelo signo hipergeneralizado salvar vidas. Pedro – enquanto bombeiro – estava na posição de tentar convencer o homem a desistir de se matar. Nesse contexto, a máxima que guia a conduta de Pedro é o salvar vidas. Além disso, na sociedade – cultura coletiva – é compartilhada a noção de que o suicídio não é aceito e, portanto, deve ser impedido, sendo essa a tarefa do bombeiro. Assim, salvá-lo, é reafirmar ser bombeiro – ou ainda, ser um bom bombeiro.

Dessa maneira, todas as direcionalidades vislumbram impedir o suicídio a qualquer custo e, portanto, salvar aquela vida. Conforme, podemos ver essa dinâmica de Pedro em relação ao homem que tentou suicídio na figura 10 abaixo.

Figura 10: Relação de Pedro com o *gegenstand* (homem que está tentando suicídio) e sua direcionalidade.



Fonte: Adaptado de Tateo (2017) e Aguiar (2019).

Assim, surgem como vetores de ação: V1 – salvar a qualquer custo, V2 – salvar acima da minha própria vida; V3 – salvar sem colocar os companheiros em risco. Ainda, em nenhum momento Pedro cogitou desistir de salvar a vida daquele homem. Pelo contrário, ele enfatiza que “*Não se tem mensuração de... quem deve morrer e quem deve viver. A gente vai lá pra fazer nosso trabalho, não tem vida que é mais importante e vida menos importante. Tem A vida*”. Todavia, embora afirme que não exista vida mais importante, nessa situação de resgate, era como se a vida salva fosse reafirmar a sua própria.

Ainda, faz-se necessário ressaltar a relação Eu-Outro-Objeto. Nessa situação destacamos que o Agente é Pedro bombeiro, o Endereçado é a pesquisadora, o Objeto é a experiência marcante. As Audiências evocadas são o homem que tentou suicídio, o outro bombeiro que estava com Pedro na torre de transmissão, outros bombeiros envolvidos na operação, civis e outras audiências implícitas. Essa relação dialógica permite vislumbrar Pedro se colocando no lugar de bombeiro – em que tem que salvar pessoas, salvar vidas. É por Pedro se colocar nesse lugar que as significações de suicídio são ligadas e circunscritas a Pedro enquanto bombeiro.

A formação do corpo de bombeiros faz com que se configure um conjunto de signos em que a atuação do bombeiro deve acontecer num curto espaço de tempo, ou seja nessas situações

cotidianas há padrões de signos, sentimentos e ações que seriam “preferidos”, conformando um set semiótico. Por sua vez, a atuação em tentativas de suicídio demanda outras configurações semióticas para se ajustar a especificidade desse tipo de ocorrência.

A postura da pessoa que tenta suicídio diverge da postura de outras pessoas que os bombeiros costumam socorrer, pois como afirma Pedro: “(...) normalmente as vítimas que a gente pega, colaboram porque ela quer viver”. Já “A ocorrência do suicida, paradoxalmente, por conta disso, a pessoa que você vai salvar, vai cuspir em você, vai lhe xingar, vai jogar telha em você (...). Vai fazer de tudo pra você não se aproximar...”. Logo, o bombeiro se vê numa situação de salvar alguém que aparentemente não quer ser salvo. Isso mobiliza no bombeiro sentimentos e atitudes bem diversificadas.

De um lado, o bombeiro sente o que Pedro afirma ser “sua ansiedade enquanto ser humano de resolver a situação” e também “como profissional a gente vai pra resolver a situação, e a gente querendo resolver a gente fica com uma ansiedade muito grande, entendeu? A... a... a nossa formação é sempre ter um atendimento muito rápido”. Assim, os significados de suicídio são construídos e reconstruídos mediante esses aspectos.

Diante desse tipo de situação, Pedro afirma que o lado dele como homem pode ser afetado (esfera de experiência mais pessoal), levando-o a querer revidar o xingamento que recebe. No entanto, o treinamento recebido lhe auxilia a entender que ele é o profissional e que a outra pessoa é quem precisa de ajuda. Deparamo-nos aqui com uma negociação entre os sentidos pessoais (Pedro como homem) e os sentidos coletivos (treinamento). A partir dessa negociação, os significados construídos envolvem o suicídio como alvo de ajuda – ajuda essa que deve ser prestada, no momento da emergência, pelo bombeiro. Desse modo, “aquela pessoa que tá ali... está numa situação desfavorável e ela tá canalizando a dor dela pra você. Então você tem que suportar essa dor pra poder tentar ajudar (...)”. “Pronto aí... você... pra lhe salvar, eu vou ser esse seu saco de pancada.”.

Em suma, por Pedro se colocar no lugar de bombeiro (este é meu trabalho, minha missão), então o suicida é valorado como alguém que atenta contra a vida e, por isso, o bombeiro tem que agir a partir de vetores de ações que somente avistam o salvar a vida.

Toda essa dinâmica entre Pedro, o *gegenstand*, e os outros (endereçado e audiências) permitiu que essa ocorrência de salvamento fosse significada como uma experiência marcante. Essa ocorrência deixou de ser apenas a coisa “ocorrência de tentativa de suicídio” e foi transformada em *gegenstand*, sendo vista como marcante. Assim, Pedro selecionou aspectos que fizeram a experiência sair do status de coisa – uma ocorrência, um trabalho do dia a dia do

bombeiro – para ser então considerada marcante. Convém salientar aqui que essa ocorrência parece assumir um lugar importante para Pedro, posto que ele falou dessa situação para a pesquisadora antes mesmo do início das entrevistas, ao combinarem os dias dos encontros. Ele contou que fez um registro escrito dessa experiência, como um estudo de caso e, costumeiramente, a apresenta como exemplo para outros bombeiros.

Podemos encontrar uma dinâmica similar a essa quando exploramos a segunda experiência dita como marcante para Pedro. Essa ocorrência aconteceu na última semana de setembro de 2018, isto é, uma semana antes da primeira entrevista com Pedro. Em seu relato, Pedro afirma que essa foi uma ocorrência bastante difícil, pois, similarmente ao relatado acima, nessa segunda experiência Pedro fala a respeito da dificuldade de dialogar com a pessoa que tenta suicídio: *“O diálogo também foi muito difícil, jogando telha pra cima da gente, bastante perigoso por conta disso também, local dele de muito difícil acesso...”*.

Neste caso, um homem havia subido no telhado de uma casa, andava sobre o telhado e jogava telhas em que se aproximava, por isso a ocorrência *“(...) deu entrada como tentativa de suicídio... porque o cara tava... Ele tava pondo a vida dele... muito em risco... Quem põe muito em risco é que quer tentar o suicídio. Mas assim, ele na abordagem em nenhum momento... transpareceu que queria morrer (...)”*.

Novamente, enfocando na dinâmica entre agente e *gegenstand*, temos Pedro valorando a pessoa que tenta suicídio como quem põe a vida em risco. Como já fora mencionado, situado em um contexto em que o salvar vidas predomina, ao encontrar-se com uma tentativa de suicídio, essa é vista como pôr a vida em risco. É interessante que tentar suicídio é significado sempre pelo participante enquanto “pôr a vida em risco”. Ainda, como coloca-se em risco, é trabalho do bombeiro extinguir esse cenário, conduzindo a pessoa a um contexto seguro e, portanto, protegendo a vida. Assim sendo, para Pedro, um suicida não é alguém cujo sofrimento deve ser escutado, acolhido. Pelo contrário, as técnicas de diálogo que ele utiliza são ou para distrair o suicida, ou para persuadi-lo a optar pela continuidade de sua vida. Acerca disso, Pedro conta que – frente uma situação de suicídio – há dois tipos de procedimento:

Na verdade assim, é... existe o procedimento, né? Que é a desistência voluntária ou a desistência forçada, né? O resgate voluntário e o resgate forçado. Ele... parecia apenas transtornado, tava querendo se matar, mas por conta de visões de... coisas que estavam perseguindo ele, que tavam querendo matar ele... Como ele quer se matar e ele tá fugindo de algo que quer matar ele? Entendeu? Ele tava apenas com surto psicótico e precisava sair daquele momento ali pra... não cometer o suicídio. Mas ele não tava querendo sair de lá voluntariamente, ele só saiu porque foi forçado mesmo. Até quando a gente botou, botei ele no cesto lá, eu fiz “Tem calma, que vai

ficar tudo certo! — Não mais, eu quero me matar, quero me matar! — Não, tenha calma, a gente vai encaminhar o senhor pro hospital, o senhor vai ser avaliado por profissionais... mais especializados do que eu até, e aí vai poder orientar o senhor melhor.” Aí a gente desceu, deixou ele na ambulância e deixou ele lá, assim, voluntariamente, acho que ele não ia sair dali nem tão cedo, passamos duas horas lá.

Assim, ao mesmo tempo que Pedro vê, em certa medida, o suicida como alguém que está em sofrimento psíquico, essa valoração não chega perto da significação de “alguém que atenta contra a vida” ou, ainda “alguém que se põe em risco”. Isso porque, como já explicitamos, essas duas últimas significações relacionam-se com o lugar que Pedro assume (Pedro bombeiro) perante os Outros. Nesse sentido, há algo que é esperado socialmente dele ao assumir esse lugar: que proteja vidas a todo custo. Assim, o trabalho de *orientar* – nas palavras dele – cabe a outros profissionais.

Sobre sua atuação – e os dois tipos de abordagem que emprega – ele completa: “*Porque dá certo, a gente vê aqui que às vezes pouca coisa evita que uma vida seja... seja perdida. Poucas coisas, só de escutar o outro você já tá fazendo grande coisa, então... dá certo, dá muito certo...*”. E, ainda:

Eu acredito que... é muito importante... o conhecimento que dá a ferramenta pra que a gente salve a vida das pessoas. E pesquisando a gente vê que.. o sobrevivente ao suicídio se arrepende muito... E se arrepende muito, muito mesmo por ter tentado suicídio [A sirene toca novamente] ... por ter tentado o suicídio e vê com outros olhos aquela situação dele. Então... vejo isso como muito importante pra dar uma oportunidade na... na... situação de a pessoa ter uma outra... Uma outra saída, uma outra... uma outra oportunidade. Então vejo como... não só salvar a vida, né? É preservar a vida... A vida, a vida é muito importante, né? Não tem como medir a vida... Uma vida pra uma pessoa que... que veio ao mundo e tá passando por necessidade, como é que você tem condições de dizer que a vida é importante pra ela? É. Eu não acho que é à toa, que a gente veio o mundo não, pra isso a gente tem que preservar e não permitir que uma situação ou outra antecipe a morte, né? Eu acho que isso é uma antecipação do ciclo de vida, a prevenção pra mim eu acho que é uma coisa muito importante.

Nesse trecho fica explícito aquilo que destacamos antes – que Pedro utiliza os conhecimentos obtidos para transpor as resistências do *gegenstand* prospectadas e, então, salvar vidas. Esse recorte ainda nos possibilita contemplar duas novas informações: a primeira é significar que – ao salvar vidas – possibilita ao suicida uma nova “*oportunidade*”. Nesse sentido, não é só salvar uma vida que é importante, mas também preservar e possibilitar sua continuidade no tempo.

A segunda informação está implícita no trecho “*a vida é muito importante, né?*” e “*não acho que é à toa que a gente veio para o mundo não*”. Ambas frases destacam como a atuação

de Pedro, bem como o signo hipergeneralizado “salvar/preservar vidas” é também orientado por um outro signo hipergeneralizado: sua espiritualidade. Pedro diz não ser mais vinculado a nenhuma religião em particular – embora tenha crescido com influências católicas por parte dos pais. Conta, ademais, que atualmente sua relação é direto com Deus, para destacar que, apesar de não ser um católico praticante (ir à igreja dentre outras demandas de um cristão) ele, ainda assim, respeita os credos cristãos.

Esse signo hipergeneralizado é o que, inclusive, possibilita Pedro significar o lugar Pedro bombeiro. Ele diz:

(...) eu pensei que foi Deus que me permitiu eu reprovar em ciência da computação, porque se eu fizesse ciência da computação jamais eu ia ser bombeiro. Então, eu comecei a ter isso como uma missão divina. Rapaz eu tô aqui... Eu vim aqui pra salvar vida, Deus me permitiu que eu fosse um bombeiro pra poder... [salvar vidas].

Ser “Pedro bombeiro” foi uma missão divina, logo, salvar vidas, também é uma missão divina. Salvar vidas é um local imprescindível nessa religião, posto que defende um dom de Deus: a vida. Nas culturas de origem judaico-cristãs a morte autoprovocada tem uma conotação negativa (MINAYO, 2005), posto que foi Deus que criou o homem e só ele pode tirar a vida (KALINA; KOVADLOFF, 1983; ALVAREZ, 1999), podendo o matar-se ser, inclusive, entendido como um crime (BERENCHTTEIN NETO, 2007). Minayo (2005) bem resume: “permanecem as interdições sociais à autodestruição considerada, até hoje, ato contra Deus, debilidade mental, flagelo ligado ao materialismo, ‘uma doença do espírito, da consciência e da sociedade’” (p.219)

Por partilhar dessas compreensões religiosas, para Pedro, atentar contra a própria vida pode ser como um pecado, algo que deve ser evitado – talvez por isso, ele compreenda que suicidar-se seja como um ato de fraqueza, pois quem é forte deveria manter o dom da vida que é conferida por Deus. Reforçando o que Minayo (2005) propõe – de que tentar suicídio está atrelada a uma debilidade mental. Essa significação também pode ser reiterada, quando Pedro afirma que antes de ser bombeiro sempre associou o suicídio à presença de algum problema mental “*Sempre achei... se a pessoa quer se matar, só pode ter problema mental. Porque a gente nasce pra sobreviver. A nossa natureza é essa. A gente nasce... pra sobreviver*”.

Ou, ainda, para Pedro as pessoas suicidas seriam fracas por não conseguirem ressignificar os objetos que lhe causam tensão ou sofrimento – buscando criar ou fortalecer os fatores de proteção possíveis, nas palavras de Pedro – para que pudessem continuar a viver. O

que retomaria o exemplo do escorpião conferido por ele na primeira situação aqui elencada (situação A).

Nesse sentido, para Pedro, qualquer pessoa que, frente às resistências do *gegenstand* suicídio não buscasse executar estratégias semióticas de contorno – e, portanto, lidar com as resistências que a vida impõe e criar direcionalidades que combatam isso –, seria, para ele, uma pessoa fraca. Essa valoração advém não só de suas crenças religiosas, imperadas pelo signo generalizado “missão divina”, como também da cultura coletiva – que incentiva e obriga o viver por meio do que Foucault chama de biopolítica⁷.

Essas significações são destacadas pelo uso de termos como “*desprezo a vida*” – utilizado por Pedro para falar de como o suicida se relaciona com a vida. O suicídio – bem como o suicida –, assim, tentaria contra uma dádiva divina, o que coloca em jogo não só o lugar que Pedro assume (Pedro bombeiro), como também suas crenças – signo hipergeneralizado “*missão divina*” que orienta sua vida e seu trabalho.

Ambas as situações mais marcantes para o bombeiro – e aqui destacadas – foram assim valoradas justamente por colocar em cheque esses sentidos. E, como bem destaca Valsiner (2012) é na barreira de A<>Não-A que as significações se produzem. É, então, no contato com o extremo oposto (a saber, não-vida, não-viver) que Pedro acaba produzindo significações sobre o *gegenstand* e construindo ações (direcionalidades) embasado no que prospecta para si e para o suicida.

4.5 SITUAÇÃO D: TAREFA DE IMAGINAÇÃO

Enquanto nas três situações anteriores os conteúdos trazidos foram construídos livremente no contexto de entrevista, a situação a ser descrita nesse tópico e no seguinte se deu de uma maneira mais diretiva, posto que o participante foi solicitado a realizar uma tarefa específica: a tarefa instigadora dos processos imaginativos. Na Situação D (tarefa de imaginação), a partir do vídeo apresentado, Pedro foi posto diante de uma situação hipotética em que alguém busca uma maneira de tirar sua própria vida. Ao ser questionado sobre o possível futuro dessa pessoa, Pedro responde enfatizando a incerteza do futuro “*Não dá pra saber*”. No

⁷ Biopolítica é um termo cunhado por Foucault (apud JUDITH, 2005) para tratar das políticas de controle dos corpos, em prol da prolongação da vida que surgem com o nascimento do liberalismo. Assim, ela busca “governar a vida” (apud JUDITH, 2005, p.27). Ela é viabilizada a partir de instituições (ex: hospitais) e das relações sociais (ex: o lugar que cada um deve ocupar na sociedade). Assim, pela biopolítica, significados bom<>não-bom, saudável<>não-saudável, normal<>patológico, permitido<>não-permitido são partilhados pela cultura coletiva, delimitando o que seria ideal para o viver.

entanto, diante dessa incerteza, ele logo recorre a informações que circulam na cultura coletiva para falar do futuro de uma pessoa que tentou suicídio.

Acerca desse futuro, ele prospecta que dois caminhos podem surgir: ou o suicida (1) começa a ressignificar sua própria vida, buscando se aproximar de fatores de proteção (fatores que aproximam a pessoa da vida) ou (2) busca meios mais eficazes para tentar suicídio novamente. Percebamos que essas duas significações não se excluem, pois se circulam significados ambíguos na sociedade (cultura coletiva), esses podem emergir nas construções individuais do sujeito (cultura pessoal).

Embora ambas sejam possíveis, essa segunda maneira de ver a pessoa que tenta suicídio parece ser a significação dominante dentre os sentidos de suicídio construídos por Pedro. Ela, por sua vez, está ancorada em algo que é bastante presente na cultura coletiva na qual Pedro está inserido. Em suas palavras: “(...) *O que tem é a estatística, acho que é da Organização Mundial de Saúde, é de que 70% dos casos que tentam uma vez tenta de novo, então se for pela estatística vai haver uma chance de 70% de ela tentar de novo. Acho que é isso!*”. A partir dessa asserção vê-se que a significação construída por Pedro é fruto de uma negociação entre os sentidos pessoais e as mensagens partilhadas na cultura coletiva. São essas significações negociadas com o contexto que alimentam as prospecções de Pedro.

A fim de compreendermos mais profundamente como se dá essa negociação entre significados pessoais e coletivos, lançamos nosso olhar para a relação dialógica Eu-Outros-Objeto. Ao longo da realização dessa tarefa foi percebida uma constante mudança entre os constituintes dessa relação. Em geral, Pedro (agente) se dirige à pesquisadora (endereçado), negociando sobre o futuro de alguém que tenta suicídio (objeto), evocando variadas audiências. No exemplo acima, a principal audiência evocada é Organização Mundial de Saúde. Essa instituição traz a urgência da prevenção do suicídio, pois entende sua grande ocorrência como um problema de saúde pública em todo o mundo. Dessa maneira, essa audiência – cuja presença é virtual – guia os sentidos construídos pelo agente em seu encontro com o mundo.

Em outro momento, segundo Pedro, pela sociedade a pessoa será vista como “*fracassado, ser vista como um maluco, como doido, como burro, como idiota, como... incapaz de matar a si mesmo (...) Ele vai sofrer bastante, pela sociedade ele vai sofrer bastante.*”. Aqui a audiência evocada é a própria sociedade, ou ainda as pessoas que constituem a sociedade. Ainda, ele recorre às significações que circulam na cultura coletiva. A evocação dessa audiência assegura que quem tenta suicídio pode ser visto de várias formas, contudo todas essas formas são carregadas de valoração negativa. Isso pode ser explicado – conforme já explicitado na

situação C – pelo fato de que a morte autoprovocada carrega uma conotação negativa em sociedades de origem judaico-cristãs (MINAYO, 2005), como é o caso da sociedade em que vivemos.

Essa conotação negativa evidenciada pela presença da audiência sociedade se estende também quando há a evocação da audiência família. Nesse ensejo, Pedro acrescenta como a família seria impactada pela tentativa de suicídio de uma pessoa. Assim, ele conta que a família pode sentir-se culpada, “*vai sofrer um pouco*”, de maneira que a pessoa pode ser até hostilizada por ter gerado preocupação à família. Ele alega que, por causa disso, poucas pessoas poderão se aproximar para ajudar. Desse modo, a falta de ajuda, segundo a visão de Pedro, pode ser um fator que leve a pessoa a tentar suicídio novamente, como ele mesmo atesta: “*Acho que também é por isso, um dos motivos, né? De 70% dos casos de suicídio a pessoa tenta de novo. Não tem outro caminho assim.*”. Aqui, ele recorre novamente à informação da Organização Mundial de Saúde de que quem tenta suicídio uma vez, tentará de novo. Ou seja, os significados de suicídio construídos por Pedro envolvem a susceptibilidade que a pessoa tem de continuar tentando provocar a sua própria morte.

Nesse esteio, convém salientar que é na relação de interação com os outros que todos essas significações são trazidas à tona, posto que toda a construção de significados de uma pessoa é interdependente com os significados de outros construtores de significados (LINELL, 2014). Assim, nenhum significado é construído por um sujeito isoladamente. Esse aspecto reitera como a presença das audiências (sejam concretas ou virtualmente) modulam tais construções. Quando se tem como foco a relação dialógica considera-se que a interação entre cada um dos constituintes da tríade é essencial na construção dos significados. Por exemplo, se o agente está em uma determinada posição em relação aos outros e ao objeto que é negociado a corrente de significados a ser construída seguirá por um lado e não por outro. Isso pode ser visualizado no caso de Pedro.

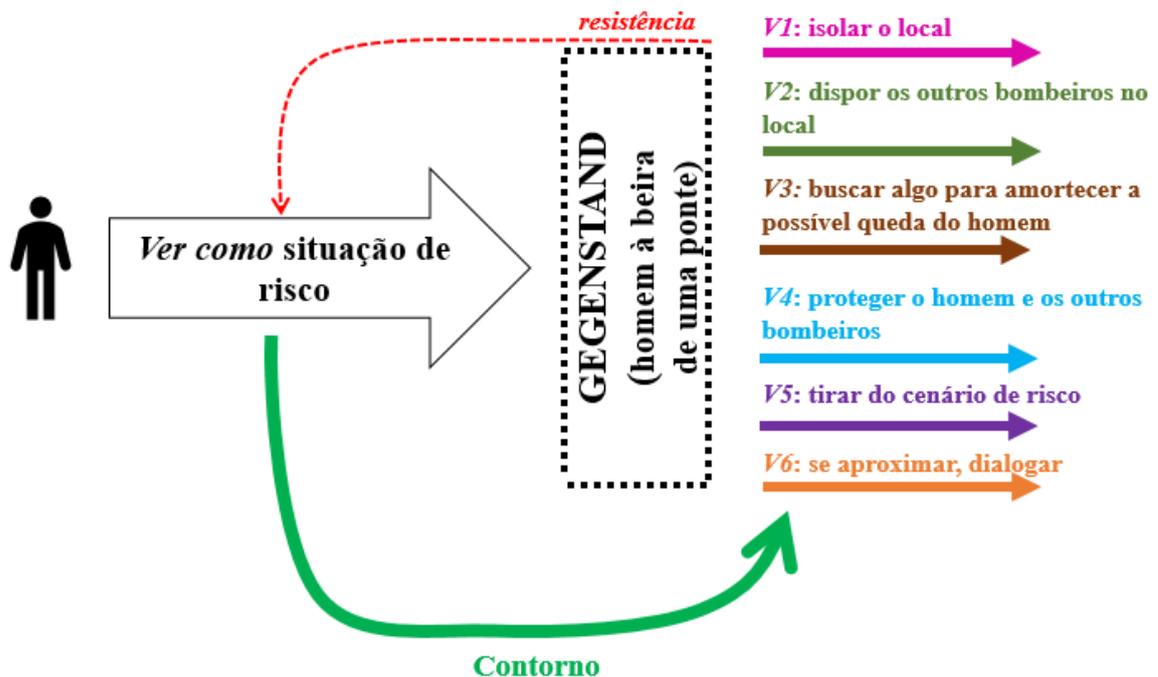
Na maior parte do tempo, ele está falando enquanto Pedro o bombeiro. Assim nessa posição, Pedro se relaciona com outros (a pesquisadora, outros bombeiros, a sociedade) sobre o objeto suicídio – objeto esse que faz parte do seu contexto de trabalho. Dessa maneira, os sentidos produzidos serão fruto das mensagens, dos signos que circulam nesse contexto. Esse contexto é uma esfera de experiência, pois configura uma série de experiências e atividades que acontecem em um determinado ambiente social. No caso de Pedro, esta é a esfera de experiência trabalho. Dentro de uma esfera de experiência específica a pessoa está engajada em uma certa conduta e recorre aos seus padrões de signos, sentimentos e ações (set semiótico) diante das

situações do dia a dia. Isso pode ser atestado à medida que seguirmos nossa ênfase sobre a tarefa de imaginação.

Na segunda parte dessa tarefa Pedro foi indagado sobre como seria a atuação do corpo de bombeiros naquela situação apresentada no vídeo. Para analisarmos esse momento da situação recorreremos a noção de *gegenstand*, já apresentada nas situações anteriores.

Pedro está diante da situação hipotética na qual um homem quer se jogar de uma ponte. Pedro (bombeiro) valora essa situação vendo-a como uma situação de risco e, portanto, transformando-a em um *gegenstand*. Ao ver essa situação como de risco, Pedro antecipa, através do trabalho da imaginação, as resistências do *gegenstand* e lança mão da estratégia semiótica de contorno, com o intuito de ultrapassar tais resistências. A partir dessa contra-ação de contorno, são imaginadas as seguintes direcionalidades para a ação de Pedro: V1 – isolar o local; V2 – dispor os outros bombeiros no local; V3 – buscar algo para amortecer a possível queda do homem; V4 – proteger o homem e os outros bombeiros; V5 – tirar do cenário de risco; V6 – se aproximar, dialogar; dentre outros vetores de ação que poderiam surgir. Podemos ver essa dinâmica na figura 11 abaixo.

Figura 11: Relação de Pedro com o *gegenstand* (homem à beira de uma ponte) e sua direcionalidade.



Fonte: Adaptado de Tateo (2017) e Aguiar (2019).

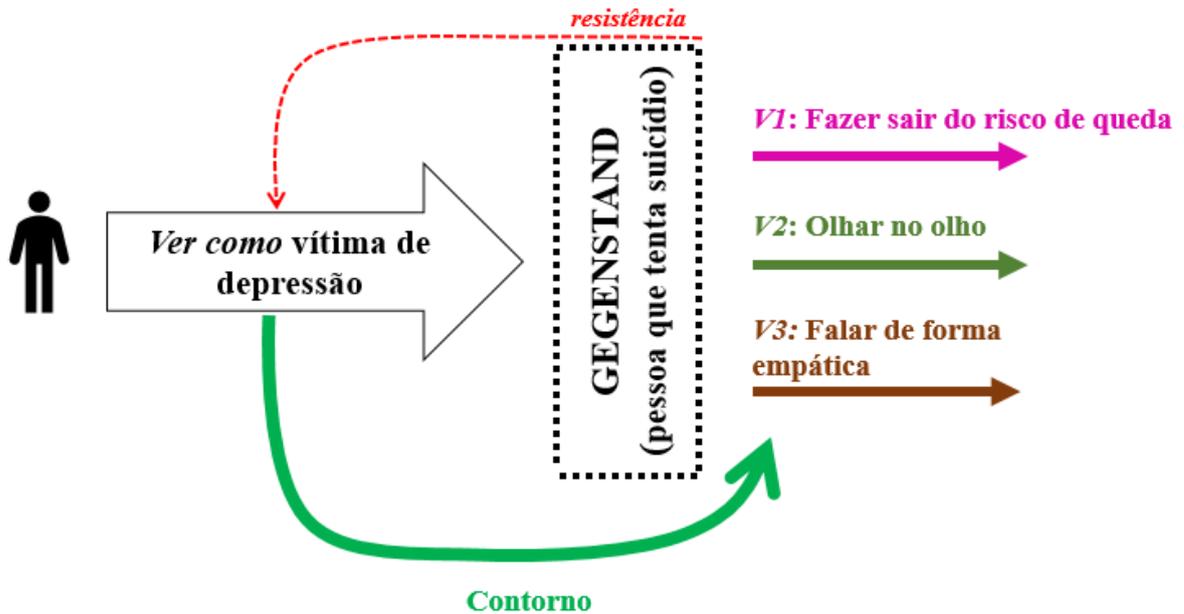
Baseado nessa dinâmica entre o agente e o *gegenstand*, o suicídio é construído como um risco à vida e é função do bombeiro proteger a vida. Aqui a pessoa se encontra num local elevado e, portanto, numa situação que a expõe ao risco de morte. Nesse sentido, o que o bombeiro deve fazer é retirar a pessoa daquele lugar “(...) *meu primeiro objetivo é tirar ele desse cenário de risco...*” e “(...) *sempre tentar fazer com que ele deixasse de observar o risco, sair do risco daquela precipitação para vim mais pra cá. (...)*”, construindo uma significação ligada ao salvamento da vida daquela pessoa. Desse modo, todos os vetores de ação prospectados por Pedro são construídos a partir dos signos que compõem seu set semiótico.

Em sua relação com o ambiente é destacada a esfera de experiência que diz respeito ao trabalho, entretanto, dentro dessa esfera de experiência Pedro ocupa duas posições: 1) ele é bombeiro, mas também há ocorrências em que 2) ele é o comandante da operação. As direcionalidades sugeridas acima já demarcam essas duas posições. Os vetores de V1 até V4 ilustram ações que competem a Pedro enquanto comandante da operação em decurso. Por sua vez, os vetores de ação V5 e V6 são as ações prospectadas por Pedro enquanto o bombeiro que tentará convencer a pessoa a desistir do suicídio.

Quando Pedro se prospecta como o bombeiro responsável pelo diálogo com a vítima, outra relação é construída. Assim, Pedro agora está diante de um homem que quer se jogar da ponte e outras características, para além de ser uma situação de risco, são percebidas por Pedro. Nesse momento, ele ressalta outras características da pessoa que tenta suicídio, tais como: “*ele ombros baixos, caídos, pálpebras... escuras, baixa, sobancelha para baixo também. Ele provavelmente é uma vítima de... depressão*”.

Nesse novo encontro, Pedro valora a pessoa que tenta suicídio como vítima de depressão, segundo ilustrado na figura 12 a seguir.

Figura 12: Relação de Pedro com o *gegenstand* (pessoa que tenta suicídio) e sua direcionalidade.



Fonte: Adaptado de Tateo (2017) e Aguiar (2019).

Ao transformar a pessoa em *gegenstand*, Pedro antecipa suas resistências afirmando que, provavelmente a pessoa xingará o bombeiro – essa prospecção tem alicerce nas experiências concretas de Pedro com outras ocorrências de tentativa de suicídio como as relatadas na situação C. Além disso, vendo o homem como vítima de depressão, Pedro prospecta que a pessoa provavelmente não quer morrer “*ele quer... viver, mas não que conviver com a situação que ele tá passando*”. Pedro constrói esse sentido em negociação com o que circula na cultura coletiva de “*Éhh... 90% dos casos, né? Estatisticamente o suicida são ambivalente: ele quer morrer e quer viver*”.

É tendo todo esse plano de fundo que Pedro, diante das resistências do *gegenstand*, procura contorná-lo por meio da estratégia semiótica de contorno. Assim, são produzidos os vetores de ação: V1 – Fazer sair do risco de queda; V2 – Olhar no olho; V3 – Falar de forma empática. Todas essas direcionalidades são avistadas na medida em que a pessoa deixa de ser apenas uma coisa e passa a ser vista pelo agente como vítima de depressão. Essa nova construção de significados operada pelo “ver como” transformou o agente, o objeto e a relação entre eles, de modo que orientará a atuação de Pedro.

Por fim, ainda acerca dessa experiência hipotética, Pedro procura sempre explicitar os elementos que fortaleceriam os seus argumentos para tentar convencer o homem a desistir de tentar suicídio. Ou seja, há uma ênfase nas técnicas que utilizaria no diálogo com o homem. Pedro, ainda ressalta que *“uma atitude natural do ser humano que é... a... ajudar o outro e... a tendência natural de instinto de sobrevivência, sobreviver e fazer com que o outro sobreviva.”* E finaliza afirmando que *“Se ele não procurar soluções por ele mesmo, ele vai tentar de novo.”*

4.6 SITUAÇÃO E: CONSTRUÇÃO DO “MEMORIAL”

Na situação E, Pedro foi convidado a construir algo que fizesse menção a alguém que morreu por suicídio, ou seja, algo que pudesse ser deixado para lembrar a pessoa (por exemplo: cartaz, escultura, memorial, algo escrito, dentre outros). A partir da demanda dessa tarefa, nos deparamos com dois diferentes pontos interessantes.

Nesses dois momentos destacamos diferentes posicionamentos de Pedro em relação a construção ou não do memorial: no primeiro focaliza-se porque não se deve construir um memorial, mas sim construir algo que valorize a vida; e no segundo, Pedro explana seu propósito de construir um símbolo que represente o curso de treinamento para ocorrências de tentativa de suicídio para os outros bombeiros de sua corporação.

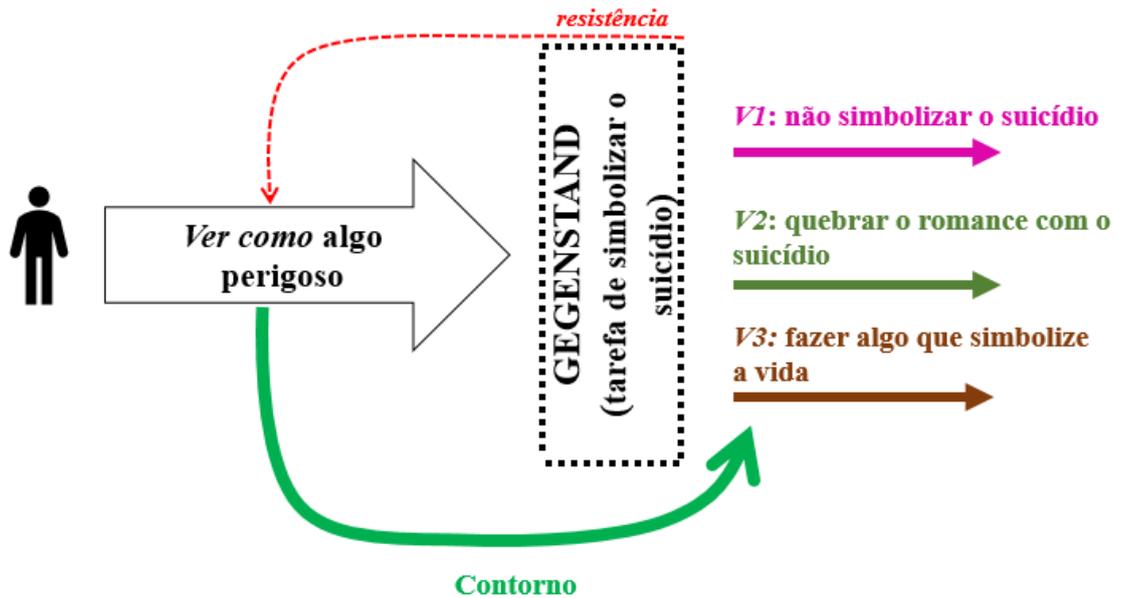
No primeiro momento, Pedro fala sobre os motivos pelos quais ele acredita que não se deve fazer um memorial no sentido de lembrar alguém que morreu por suicídio. Mediante a solicitação para Pedro realizar essa tarefa, Pedro não a vê apenas como mais uma etapa da pesquisa que ele participa, por outro lado, ele transforma essa tarefa de simbolizar o suicídio em algo perigoso. Assim, simbolizar o suicídio é visto como perigoso. Em suas palavras *“Vê só... isso... isso é extremamente perigoso, porque... de certa forma, você pode tá incentivando o suicídio.”*. A isso ele acrescenta: *“Então, ideias de simbolizar o suicídio, eu vejo como ideia de... valorizar o ato”*.

Analisando essa situação a partir da dinâmica entre agente e *gegenstand*, temos Pedro valorando a tarefa de simbolizar o suicídio como algo perigoso. Ele inicia afirmando: *“Vê só... isso... isso é extremamente perigoso porque... de certa forma, você pode tá incentivando o suicídio”*. Aqui, Pedro entende que o suicídio é algo que pode ser incentivado e que, por isso, existe perigo em construir algo que o incentive de alguma maneira.

Diante dessa valoração, o *gegenstand* resiste, impondo a Pedro que ele contra-atue, nesse caso, contornando as resistências do *gegenstand*. Com isso, as direcionalidades

vislumbradas são: V1 – não simbolizar o suicídio; V2 – quebrar o romance com o suicídio; V3 – fazer algo que simbolize a vida. Podemos ver essa dinâmica na figura 13.

Figura 13: Relação de Pedro com o *gegenstand* (tarefa de simbolizar o suicídio) e sua direcionalidade.



Fonte: Adaptado de Tateo (2017) e Aguiar (2019).

Todas essas direcionalidades se apoiam na ideia – compartilhada pela cultura coletiva na qual Pedro está inserida – de que o suicídio deve ser prevenido, bem como deve ser evitada qualquer ação/coisa que pudesse levar alguma pessoa ao suicídio.

Além disso, ele segue relatando que existem pessoas que buscam o suicídio para serem escutadas e deixar marcas nas pessoas que estão vivas. Essa visão de Pedro segue na mesma direção daquela de profissionais de saúde que, algumas vezes, entendem o suicídio como um artifício usado para chamar atenção (SILVIA; BOEMER, 2004).

Então, em sua visão, se essas pessoas encontrarem um símbolo que valoriza o ato do suicídio, isso poderia levá-las a pensar em tentar o suicídio. Em suas palavras: “(...) eu acho que isso causa o efeito exatamente contrário ao que a gente quer, ao invés de a gente evitar o suicídio a gente vai tá estimulando, a gente vai estar romantizando o ato ‘suicídio’, e o suicídio não deve ser romantizado.”.

Conforme já apresentamos na fundamentação teórica, o suicídio hoje é visto como um problema, cuja prevenção deve ser priorizada na saúde pública. Depreendemos, então, que qualquer ação divergente dessa ideia, mesmo que seja apenas prospectada, não se apresenta dentro do campo de possibilidades de ação de Pedro.

Cabe destacar como esse posicionamento de Pedro é negociado na interação com a pesquisadora. Assim, aqui trazemos à baila relação Eu-Outro-Objeto a fim de analisarmos essa faceta. Neste caso, Pedro (enquanto agente) se dirige à pesquisadora (endereçado alvo da resposta do agente), negociando sobre construir uma simbolização do suicídio (Objeto). Nessa relação, ainda são evocadas audiências diversas, tais como as pessoas que podem tentar suicídio, as instituições de prevenção ao suicídio, dentre outras audiências implícitas.

Nessa relação, especificamente, vê-se Pedro considerando mais fortemente o lugar da pesquisadora para se posicionar quanto a construção de seus significados. Ele afirma que *“porque é seu trabalho, não vai ser divulgado, mas assim, mas nesse sentido de simbolizar suicídio, simbolizar pra lembrar as pessoas que morreram no suicídio e tal, acho que não deve ser feito não”*. Aqui percebemos como ele considera que, na corrente pesquisa, o que fosse construído para simbolizar o suicídio, mesmo não sendo divulgado, não deve ser feito. Ele fala, em parte, ancorado naquilo que circula acerca da prevenção de suicídio, pois em hipótese alguma os meios pelos quais alguém tentou tirar a própria vida podem ser divulgados. Em suas palavras: *“(...) porque não é indicado a gente divulgar meios (...)”*.

Aqui novamente, Pedro reitera o sentido de que existe uma certa admiração em torno do suicídio, ou seja, que há uma *“romantização”* do suicídio, e que essa que deveria ser evitada. Podemos atestar isso no seguinte trecho: *“(...) E o suicídio ele quando... ele é romantizado ele acaba estimulando pra que outros em busca, não da morte, em busca desse romance em si, procure o suicídio... então simbolizar... não deveria simbolizar o suicídio, deveria simbolizar a vida. (...)”*.

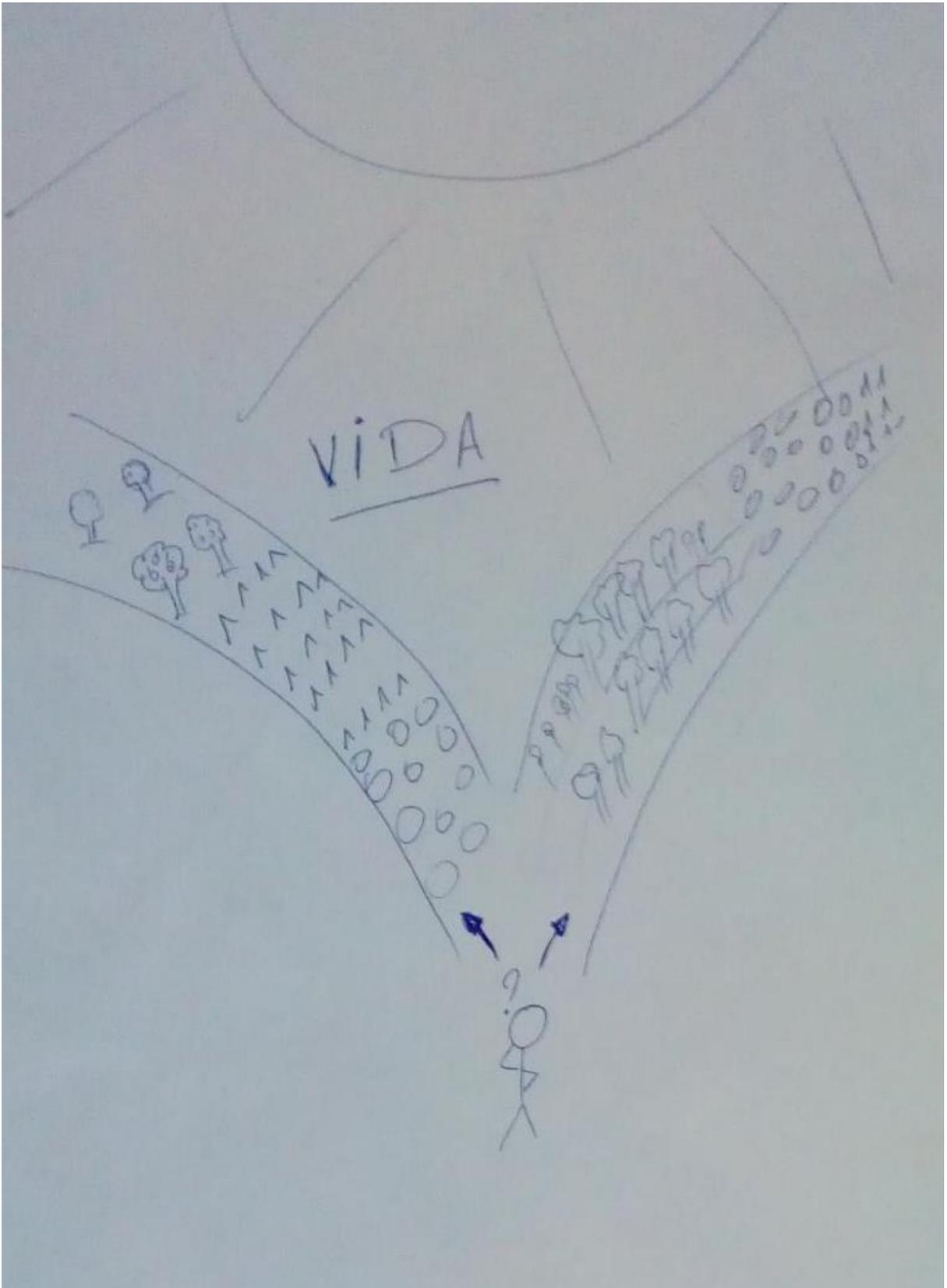
A partir dessas significações Pedro segue uma corrente de significados que exalta a vida, enfatizando que esta é que deve ser simbolizada e não o suicídio. Dessa maneira, ele realça que o suicídio não deve ser uma possibilidade para nenhuma pessoa *“É que ele [problemas da vida] vai existir, mas... que a pessoa se apegue a..., a Deus, se acreditar em Deus, ou aquela que as coisas que ela acredita que o mantém firme pra poder seguir”*.

Para Pedro, diante das situações da vida a pessoa tem dois caminhos: um deles é agradável, arborizado, com muitas flores, é o caminho que as pessoas buscam, pois seria sem problemas. Porém, mais à frente no caminho há pedras, que seriam as dificuldades da vida. O

outro caminho começa com pedras e espinhos, de modo que só mais à frente surgem as flores. Quando Pedro vai explicando esses caminhos, ele entende que essa é uma forma de simbolizar a vida: “*Então se fosse pra desenhar alguma coisa eu acho faria assim....*”. Nesse ensejo, à medida que a direcionalidade “simbolizar a vida” é prospectada, então se abre como possibilidade a realização da atividade.

Quando a pesquisadora sugere que ele pode desenhar se quiser, ele alega: “... *E não seria um símbolo de pessoas que se matassem, seria um símbolo da vida, pra gente quebrar essa... Esse romance do suicídio.*”. Após isso Pedro desenhou a figura a seguir (figura 14).

Figura 14: Simbolização da vida.



Fonte: Própria

Nessa figura, além dos dois caminhos explicitados por Pedro, vemos um sol, sobre o qual ele explica: “(...) Ao... ao... ao fim das duas uma luz iluminando, o que simbolizaria a esperança. Então eu acredito que a vida é exatamente assim (...)”. Com isso depreendemos que, para Pedro – não somente em sua esfera de experiência profissional – a vida é tida como um valor absoluto, mas também em sua esfera de experiência, que podemos chamar de Pedro enquanto pessoa. Para ele, “A única certeza que a gente tem, é que se manter vivo pode-se melhorar, é uma possibilidade, não há certeza. Mas se matando você acaba com o caminho, você pega bota um x aqui no caminho e termina.”. Nesse âmbito, a vida é muito importante e, portanto, o que mais importa é manter-se vivo.

Essas construções de Pedro estão atravessadas pelas mensagens que têm prevalecido na sociedade contemporânea, tais como a exaltação da vida, da felicidade e saúde. Pode-se depreender que por esse motivo é o que o entendimento sobre suicídio diz respeito às estratégias de tratamento e prevenção que podem combater ou eliminar o suicídio (LESSA, 2017).

Ainda, tendo em vista a direcionalidade imaginada (simbolizar a vida), é que se abre uma outra maneira de falar sobre suicídio. Pedro quer construir um símbolo (um brevê que é colocado nas fardas dos militares) para representar o curso para o treinamento em tentativa de suicídio do corpo de bombeiros. Segundo ele, cada curso de especialização que os bombeiros participam possui um símbolo que representa o curso. Pedro, na tentativa de instaurar e institucionalizar o curso de treinamento para ocorrências de tentativa de suicídio, quer também construir o símbolo que representa esse curso. Em suas palavras: “*Eu tô tentando construir um símbolo que represente o (...) o curso [de treinamento para ocorrências] de tentativa de suicídio, entendeu? Só que o que eu quero representar é a operação, entendeu? Não o ato suicida...*”.

Nesse ponto, mais uma vez destacamos como Pedro não vislumbra nenhuma possibilidade de aludir ao tema do suicídio fora dos moldes da prevenção e evitação do suicídio. Nessa direção, ele afirma que sua tentativa de representação é oposta à proposta de construir um memorial sugerida na pesquisa, atestando que:

A representação que você me pediu é um pouco diferente, porque... o que você me pediu foi a representação para uma lembrança dessas pessoas, entendeu? E que eu acredito que não deveria ser... (...) mas assim, mas nesse sentido de simbolizar suicídio, simbolizar pra lembrar as pessoas que morreram no suicídio e tal, acho que não deve ser feito não.

Esse posicionamento de Pedro a respeito do suicídio pode, em alguma medida, estar ligado ao fato de provocar a própria morte ter sido transformado em um tabu, devendo ser, então, extirpado da vida social (LESSA, 2017). Junto a isso, transpassa nos significados

construídos por Pedro, o ideal de vida. Isso é percebido quando Pedro relata que o objetivo do símbolo que pretende elaborar é representar o que acontece na ocorrência, que é salvar vidas. Isso é reiterado quando ele fala: “*é tentar representar a ocorrência... real, mas, colocando um viés ideológico de esperança. (...)*”.

Não obstante, ao buscar representar a ocorrência de tentativa de suicídio ele encontra-se num impasse, pois para representar a ocorrência ele precisaria inserir no símbolo a situação em que uma pessoa estaria tentando suicídio, quando há uma convenção de que não se pode divulgar por quais meios as pessoas se matam. Isso pode ser visto no trecho abaixo

não é indicado a gente propagar os métodos, por exemplo, enforcamento, precipitação... arma de fogo. Não é indicado isso. Mas a gente imaginou... colocando uma situação de uma ocorrência, colocando um tentante, o abordador⁸ e os abordadores táticos, todos dentro de um mesmo cenário. (...)

Nessa circunstância, constata-se que Pedro vive uma ocasião em que experiencia uma ambivalência. Essa experiência é caracterizada por forças que puxam a pessoa para diferentes direções (ABBEY; VALSINER, 2005). À vista disso, de um lado Pedro é puxado em direção a representar a operação do bombeiro durante uma tentativa de suicídio, tendo que circunscrever como se dá a tentativa. Por outro lado, fazer isso é uma maneira de divulgar os possíveis meios de se cometer suicídio – fato que é incoerente com a atuação do bombeiro, pois, ele busca sempre evitar que um suicídio ocorra.

A ambivalência entre essas duas direções (representar a operação e não divulgar meios) acontece no âmbito das significações mais particulares que constituem a cultura pessoal de Pedro, pois, evocam padrões de signos (set semióticos) que não são compatíveis. Não obstante, a ambivalência se dá na interação com a cultura coletiva, uma vez que é esta que partilha a compreensão de que não se pode divulgar métodos que findem no suicídio.

Existe sempre uma tensão entre o que se valora no nível da cultura pessoal e aquilo que se valora no nível da cultura coletiva (VALSINER; ROSA, 2007), de modo que o ser humano está sempre construindo significados para resolver as tensões e ambivalências. Porém, neste caso, Pedro parece não ter chegado ainda a uma resolução desta ambivalência. Isso pode ser inferido, posto que o curso de treinamento planejado ainda não foi realizado.

Não obstante, mesmo não sendo resolvida, essa ambivalência orienta a construção de significados de Pedro, bem como sua atuação no mundo. Conforme fora elucidado na

⁸ De acordo com Pedro, o abordador é o bombeiro responsável por estabelecer o diálogo com a pessoa que está tentando suicídio afim de convencer essa pessoa a desistir da tentativa. Já os abordadores táticos são outros bombeiros que se posicionam próximo a pessoa que está tentando suicídio, para impedi-la caso tente efetivar o suicídio.

fundamentação teórica, a situação de ambivalência pode ser apreendida considerando a relação $A \leftrightarrow \text{não-A}$ (VALSINER, 2012), de modo que a construção de todo significado carrega em si possibilidades outras que ele pode assumir. Assim, uma vez que essa situação permanece, os possíveis significados a serem construídos por Pedro estarão sempre sendo produzidos considerando a existência simultânea de campos opostos de significação (VALSINER, 2012; VALÉRIO; LYRA, 2016). Não obstante, em toda essa construção de Pedro, considerando as tensões entre cultura pessoal e coletiva, bem como a relação dialógica e as prospecções realizadas, sobressai a defesa da vida, de modo que ele relata “*eu tenho que agir, eu tenho que prevenir, tenho que salvar, tenho que ajudar essa pessoa. Então, quando me vem suicídio, me vem na mente ação. Se alguma pessoa pensou nisso, eu tenho que agir pra evitar que isso aconteça.*”.

5 CONSIDERAÇÕES GERAIS

Nesta dissertação apresentamos a análise de um estudo de caso de um bombeiro que atua na prevenção do suicídio. Ao longo da análise destacamos as construções e reconstruções dos significados de suicídio, tendo em vista o papel dos processos imaginativos e as relações dialógicas estabelecidas pelo sujeito enquanto um construtor de significados no mundo.

Tivemos como alvo de nosso estudo uma temática entendida como delicada na sociedade em que vivemos: o suicídio. Essa temática tem sido objeto de diversos teóricos, além de ser abarcada pelas mais variadas áreas, prevalecendo em grande medida o interesse do campo da saúde – afinal, numa esfera mundial, a prevenção do suicídio tornou-se uma prioridade na saúde pública.

Com o intuito de compreender as nuances acerca das significações de suicídio, nos interessamos por um contexto de prevenção de suicídio, ou seja, um contexto em que as pessoas geralmente escolhem por lidar com a temática. Depreende-se que lidar com uma temática tão sensível poderia suscitar as mais diversas significações no sujeito que se defronta com o tema. Nesse sentido, fez-se imprescindível pensar em vários contextos onde acontecem a prevenção do suicídio, elegendo-se um contexto em que os profissionais envolvidos atuam como que na linha de frente do suicídio. Assim, escolhemos o contexto em que atua o bombeiro militar, o qual é chamado a socorrer a pessoa que tenta suicídio. Diferente de outros profissionais que lidam com o suicídio ou suas tentativas, o bombeiro atua no local em que uma tentativa de suicídio decorre. O bombeiro é um profissional orientado por um conjunto de regras e passa por treinamentos com o objetivo de o capacitar para salvar vidas da maneira mais eficiente.

Para compreendermos como se dá a dinâmica de construção de significados de um bombeiro acerca do suicídio, buscamos observar as externalizações do sujeito investigado, uma vez que é apenas por meio daquilo que é externalizado no contexto do aqui e agora que podemos ter algum acesso aquilo que constitui a psique humana (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016a).

Convém realçar que, em sua relação com o mundo ou com a realidade primordial (se usarmos o conceito adotado por Zittoun e Gillespie, 2016a), o ser humano está o tempo todo construindo significados, pois esse é o cerne do funcionamento psicológico (SALVATORE; ZITTOUN, 2011). À vista disso, em nossa análise optamos por mostrar diferentes relações do sujeito investigado com o fenômeno em foco, por isso elencamos diferentes situações em que Pedro se deparou com o tema suicídio.

Em cada uma dessas situações pudemos, ainda, investigar um processo psicológico que é fundamental na construção de significados: a imaginação. É por meio da imaginação que o ser humano pode sair, temporariamente, do aqui e agora e visitar possíveis futuros. Essa compreensão de imaginação é teorizada por Zittoun e Gillespie (2016a; 2016b), no entanto, para essa análise focalizamos na noção de imaginação segundo definido por Tateo (2015; 2017). Este autor compreende a imaginação como uma função psicológica superior que é voltada para a manipulação de conjuntos complexos de signos icônicos e linguísticos. Essa concepção de imaginação é fundamental para entendermos a relação que estabelecemos com o mundo das coisas. Transformamos coisas em *gegenstand* através do papel da imaginação (TATEO, 2015).

Também pudemos observar que a construção dos significados não se dá de maneira isolada, mas dentro de uma relação, relação essa que é dialógica – ou seja, assume a interação do sujeito agente com um outro, negociando sobre um determinado objeto (SALGADO; CUNHA; BENTO, 2013). Considerando a relação dialógica, Salgado, Cunha e Bento (2013) formalizaram um modelo para se estudar posições do self, nós, no entanto, partimos desse modelo para investigar as construções de significado que emergem da relação dialógica.

A partir do enfoque nessa relação pudemos vislumbrar como os significados que Pedro constrói de suicídio, bem como da pessoa que tenta se matar, estão ligados ao lugar dele como bombeiro. Nesse sentido, Pedro não fala diretamente o que pensa do suicídio, o que acha que é suicídio, ou ainda como se sente a respeito do tema. Por sua vez, ele alude ao tema a partir da atuação de prevenção que desenvolve. As significações construídas perpassam pelos conhecimentos que obteve em cursos e leituras diversas, em diálogo com aquilo que faz parte dos sentidos pessoais. Há assim uma constante negociação entre aquilo que é interno e externo a esse sujeito.

Em suas construções percebemos que é bastante forte a ideia de salvar vidas, salvar vidas opera como um signo hipergeneralizado que guia as ações de Pedro. Nesse ponto, podemos inferir que salvar vidas é tão mais importante que isso suprime falar sobre suicídio. Essa fala dele só se dá mais livremente em circunstâncias que são evidentes o caráter preventivo seja em sua vida particular, seja dentro do quartel dando instrução a outros bombeiros.

Ao longo desse estudo pudemos nos perguntar o que é particular, idiossincrático desse bombeiro? Após finalizar a pesquisa, vislumbramos que o que mais particulariza este sujeito é a dança entre esferas de experiências que são semioticamente mediadas pelo ideal de salvar vidas. Esse ideal é tão importante na regulação da construção de significados de Pedro que faz com que ele se perceba como responsável por salvar pessoas. Essa responsabilidade pessoal de

Pedro é unida aquilo que é compartilhado na instituição em que ele trabalha posto que os bombeiros tendem a se responsabilizar pelas pessoas que vão salvar.

Isso pode ser evidenciado por meio das prospecções feitas por Pedro. Diante do *gegenstand* (suicídio ou tentativas de suicídio ou ainda a própria pessoa que tenta o suicídio), Pedro recorre sempre a estratégias semióticas (contra-ações) que o possibilitem contornar ideias que dialoguem com a possibilidade de ocorrência do suicídio. Nesse aspecto, avistamos como os processos imaginativos estão intimamente ligados com a construção de significados.

Consideramos que esse enfoque nos processos imaginativos, bem como a focalização na interação entre os constituintes da relação dialógica viabilizam uma outra maneira de investigar o processo de construção de significados. Mais especificamente percebemos que estudar um fenômeno tão complexo e envolto das mais variadas significações, é um caminho que se abre para tocarmos em um assunto que tem sido tão presente ao longo da história da humanidade. Manter essa temática sob o silêncio tende a ampliar o preconceito e as posturas negativas em relação ao suicídio. Assim, é imprescindível que sejam possibilitados espaços sociais em que as pessoas, mais especificamente aqueles que atuam na prevenção do suicídio, possam dialogar, falar de suas divergências e convergências sobre a temática e assim construir novos significados sobre o suicídio.

Embora exista todo um empenho teórico-metodológico que articulasse os fundamentos teóricos dessa pesquisa, encontramos alguns desafios. O primeiro deles foi quanto a encontrar uma metodologia que pudesse viabilizar o estudo de um fenômeno que não é estático, mas está em constante mudança. Nesse processo, também foi um desafio pensar em um método que pudesse acessar aquilo que se diz para além do âmbito verbal. Seria esperado nos termos apenas as verbalizações do sujeito de pesquisa. No entanto, se fizéssemos isso, como poderíamos nos aproximar das afetações e sentimentos do participante, como considerar aquilo que não é verbalizado? Assim, foi preciso articular diferentes métodos para perceber as diversas nuances que envolvem os significados de suicídio. Esse tipo de desafio poderia ter-se apresentado como uma limitação, não obstante, é importante que o pesquisador e a pesquisadora sintam-se sempre instigados a encontrar outros meios de acessar os fenômenos psicológicos tendo em vista a sua interface afetiva.

Uma limitação desse estudo deu-se pela impossibilidade de se analisar outros participantes que realizaram etapas propostas pelo estudo. Isso se deu pelo grande volume de dados construídos, de modo que, como escolha metodológica foi elegido investigar as significações do bombeiro sobre suicídio. O contexto de atuação do bombeiro caracteriza-se

por seu contato imediato com aquele que tenta suicídio. No entanto, isso em nada diminuiu a importância da atuação de outros profissionais e dos mais variados contextos. Assim consideramos que uma maneira de ampliar o estudo sobre a construção de significados do suicídio pode vislumbrar a participação de psicólogos, assistentes sociais, fisioterapeutas, médicos, profissionais em formação, voluntários de contextos religiosos, bem como aqueles que, como o bombeiro se encontram nas situações de emergência de tentativa de suicídio, como policiais e profissionais do SAMU.

Assim, entendemos que essa pesquisa possui relevância não só pelo que ela apresenta, mas pelos desdobramentos que representa, uma vez que trazer à baila todas essas questões concernentes ao suicídio e à morte indica a violação de tabus da sociedade.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Verbete: Suicídio. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ABBEY, E.; VALSINER, J. Emergence of Meanings Through Ambivalence. **Forum: Qualitative Social Research**, v. 6, n. 1, Art. 23. 2004.
- AGADIR SANTOS, S., LEGAY, L. F.; LOVISI, G. M. **Substâncias tóxicas e tentativas e suicídios: considerações sobre acesso e medidas restritivas**. Caderno Saúde coletiva, v. 21, n. 1, p. 53-61, 2013.
- AGUIAR, M. B. **“Marcas (in)visíveis”: a dinâmica rememorativa-imaginativa na (re)construção do self dialógico do adolescente que praticou autolesão**. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.
- ALVAREZ, A. **O Deus selvagem: Um estudo do suicídio**. Tradução de Sônia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ARCHAMBAULT, A.; VENET, M. Le développement de l'imagination selon Piaget et Vygotsky: d'un acte spontané à une activité consciente. **Revue des sciences de l'éducation**, v. 33, n. 1, p. 5-24, 2007.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BASTOS, R. L. Suicídios, Psicologia e vínculos: uma leitura psicossocial. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 67-92, 2009.
- BERENCHTEIN NETTO, N. **Suicídio: uma análise psicossocial a partir do materialismo histórico dialético**. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
- BERTOLETE, J. M.; MELLO-SANTOS, C.; BOTEGA, N. J. Detecção do risco de suicídio nos serviços de emergência psiquiátrica. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 32, p. 87-S95, outubro 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462010000600005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 out. 2017.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988**. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990. 168 p.
- CASSORLA, R. M. S. **O que é suicídio**. Editora Brasiliense. Coleção primeiros passos. São Paulo, 1984.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **O Suicídio e os Desafios para a Psicologia**. Brasília: CFP, 2013.
- CONTE, M. *et al.* **Programa de Prevenção ao Suicídio: estudo de caso em um município do sul do Brasil**. Ciênc. Saúde coletiva, v. 17, n. 8, p. 2017-2026, 2012.

CORNEJO, C. From Fantasy to Imagination. *In*: WAGONER, B.; DE LUNA, I. B.; AWAD, S. H. **The Psychology of Imagination: History, Theory and New Research Horizons**. United States: Information Age Publishing, incorporated, 2017, p. 47-66.

COSTA, E. V.; LYRA, M. C. D. P. Como a mente se torna social para Barbara Rogoff? A questão da centralidade do sujeito. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 3, p. 637-647, 2002.

D'ALTE, I. *et al.* Self dialógico: um convite a uma abordagem alternativa ao problema da identidade pessoal. **Interacções**. n. 6, p. 8-31, 2007.

DANTAS, D. S. A significação da morte voluntária: Estudo sobre o papel da mídia em suicídios contemporâneos. **Lumina** – Juiz de Fora, v. 8, n. 1/2, p. 47-61, jan./dez., 2005.

DAOLIO, E. R.; SILVA, J. V. Os significados e os motivos do suicídio: as representações sociais de pessoas residentes em Bragança Paulista, SP. **Bioethikos**, Centro Universitário São Camilo, v. 1, n.3, p. 68-76, 2009.

DAOLIO, E. Suicídio: um alerta para uma sociedade autodestrutiva. **Editorial Bolina: Saúde Coletiva**, v. 44, n. 7, p. 253-258, 2010.

DURKHEIM, E. **O suicídio: estudo de Sociologia**. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FREITAS, A. P. A. **“Da sua vida cuida eu!”**: Os significados das tentativas de suicídio para profissionais de saúde. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2013.

FREITAS, J. L., *et al.* Revisão Bibliométrica das Produções Acadêmicas sobre o Suicídio entre 2002 e 2011. **Psicologia em Pesquisa**, UFJF, v.7, n. 2, p. 251-260, 2013.

FREITAS, M. T. A. **Vygotsky e Bakhtin – Psicologia e educação: um intertexto**. 3 ed. São Paulo: Atica, 1996.

FUKUMITSU, K. O. O psicoterapeuta diante do comportamento suicida. **Psicologia USP**, v. 25, n.3, p. 270-275, 2014.

GULFI, A. *et al.* The impact of patient suicide on the professional reactions and practices of mental health caregivers and social workers. **Crisis**, v. 31 n. 4, p. 202-210, 2010.

HILLMAN, J. **Suicídio e alma**. Petrópolis: Vozes, 2016.

HISTÓRIA do Corpo de Bombeiros Militar de Pernambuco. Disponível em: <http://www.bombeiros.pe.gov.br/web/cbmpe/historia>. Acesso em 10 de dezembro de 2018.

JUDITH, R. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

KALINA, E.; KOVADLOFF, S. **As cerimônias da destruição**. Tradução de Sônia Alberti. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

KOVACS, M. J. Revisão crítica sobre conflitos éticos envolvidos na situação de suicídio. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, n. 15, v. 3, p. 69-82, 2013.

LESSA, M. B. F. Um Estudo Sobre a Moralização do Suicídio. *In*: FEIJOO, A. M. **Suicídio – Entre o Morrer e o Viver**. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 1ª edição, 2017.

LINELL, P. **A dialogical notebook: Afterthoughts after Rethinking**. 2014

LINELL, P. **Essentials of dialogism**: Aspects and elements of a dialogical approach to language, communication and cognition. 2004.

LINKIN PARK. One more light. *In*: LINKIN PARK. **One more light**. Los Angeles: Warner Bros Records, 2017. Download digital, streaming.

LIRA, W. M. **Instituições de segurança pública e práticas psicológicas: A segurança emocional dos agentes de segurança**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Universidade Católica de Pernambuco, Recife. 2011. 274f.

LYRA, M. C. D. P. Prefácio à edição brasileira. *In*: Valsiner, J. **Fundamentos de uma psicologia cultural**: mundo da mente, mundos da vida. Porto Alegre: Artmed, 2012.

MARTINS, P. P. S. **Atendimento pré-hospitalar: atribuição e responsabilidade de quem? Uma reflexão crítica a partir do serviço de Corpo de Bombeiros e das políticas de saúde para o Brasil à luz da filosofia da práxis**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. 2004. 264f.

MELO, B. S. S. C.; BARROS, J. F. C. L. Consequências do Suicídio para as Relações Sócioafetivas dos Familiares na Posvenção. **Revista FSA**, Teresina, v. 14, n. 2, p. 129-145, 2017.

MICHAELIS. **Verbete Suicídio**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/suic%C3%ADdio/>. Acesso em: 10 dez 2018.

MINAYO, M. C. S. Suicídio: violência auto-inflingida. *In*: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005, p. 205-240.

OLIVEIRA, A. **Ilusões: a melodia e o sentido da vida na idade das emoções. Representações sociais da morte, do suicídio e da música na adolescência**. Dissertação (Doutorado em Psicologia Social), Lisboa: ISCTE, 2003.

OLIVEIRA, M. C. S. L. Desenvolvimento do self e processos de hiperindividualização: interrogações à Psicologia Dialógica. **Psicologia USP**, v. 27, n. 2, p. 201-211, 2016.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 2005.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Preventing suicide: a global imperative**. WHO

Library Cataloguing in Publication Data, 2014. Disponível em:
http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/131056/1/9789241564779_eng.pdf?ua=1&ua=1
Acesso em: 26 abr. 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Suicide**. 2017. Disponível em:
<http://www.who.int/topics/suicide/en/>. Acesso em: 26 abr. 2017.

RAMOS, I. N. B.; FALCÃO, E. B. M. Suicídio: um tema pouco conhecido na formação médica. **Revista brasileira de educação médica**, v. 35, n. 4, p. 507-516, 2011.

RIGO, S. C. Suicídio: uma questão de saúde pública e um desafio para a psicologia clínica – Capítulo III. *In*: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **O Suicídio e os Desafios para a Psicologia**. Brasília: CFP, 2013, p. 30-40.

RONDEL, L. D. S. Las perspectivas nomotética e ideográfica en el trato a la realidad estudiada por las ciencias sociales. **Orientación y Consulta**, v. 9, n. 1, p.1-11, 2002-2003.

SALGADO, J.; CUNHA, C. The Human Experience: A Dialogical Account of Self and Feelings. *In*: ROSA, A.; VALSINER, J. (Eds.) **The Cambridge Handbook of Sociocultural Psychology**. Publisher: Cambridge University Press. 2018. p 503-517.

SALGADO, J; CUNHA, C; BENTO, T. Positioning Microanalysis: Studying the Self Through the Exploration of Dialogical Processes. **Integrative Physiological and Behavioral Science**, n. 47, v. 3, 2013.

SALVATORE, S.; VALSINER, J. Between the general and the unique overcoming the nomothetic versus idiographic opposition. **Theory & Psychology**, v. 20, n.6, p. 817-833, 2010.

SALVATORE, S.; ZITTOUN, T. Outlines of a psychoanalytically informed cultural psychology. *In*: ZITTOUN, T.; SALVATORE, S. **Cultural Psychology and Psychoanalysis: pathways to synthesis**. Charlotte, North Carolina: IAP, 2011, p 1-48.

SAMPAIO, M. A.; BOEMER, M. R. Suicídio – um ensaio em busca de um des-velamento do tema. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 34, n. 4, p. 325-31, 2000.

SANTOS, J. C. *et al.* Impacto da formação “+Contigo” nos conhecimentos e atitudes dos profissionais de saúde acerca do suicídio. **Revista Latino-Americana de Enfermagem** [online], v. 22, n.4, p. 679-684, 2014.

SERRA, J. M. P. O suicídio considerado como uma das belas artes. **Artigos Lusosofia**, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2008.

SERRANO, A. I. et al. **Bombeiros e outros socorristas em urgências de saúde mental: Sugestões para procedimentos**. s/d.

SILVA, V. P.; BOEMER, M. R. O suicídio em seu mostrar-se a profissionais de saúde. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 6, n. 2, p. 143-152, 2004.

SOUZA, J. N. *et al.* **A prevenção do suicídio: uma revisão de literatura integrativa.** Comunicação oral em I Simpósio nordestino de prevenção e posvenção do suicídio. 2018.

TATEO, L. Just an Illusion? Imagination as Higher Mental Function. **Journal of Psychology & Psychotherapy**, 5: 216, 2015.

TATEO, L. Seeing Imagination as Resistance and Resistance as Imagination. *In*: Chaudhary, N. *et al.* (Eds). **Resistance in Everyday Life: Constructing Cultural Experiences.** Springer, 2017, p. 233-245.

TAVARES, M. S. A. Suicídio: o luto dos sobreviventes – Capítulo IV. *In*: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **O Suicídio e os Desafios para a Psicologia.** Brasília: CFP, 2013, p. 45-58.

TENTATIVA de suicídio: Revisão Bibliográfica. s/d. Disponível em: https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/781/2/Tese%20Final_.pdf. Acesso em: 02 dez 2018.

TOASSI, A. J. **Heróis de Fumaça: um estudo sobre os sentidos do trabalho para profissionais bombeiros.** 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

TOASSI, A. J.; STOLF, M. C; OLIVEIRA, M. R. Inserção tecnológica no trabalho: Etnografia das significações profissionais de bombeiros. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 26, n. 2, p. 280-293, 2006.

VALÉRIO, T. A M. **“O filho adotivo não vem de fora, vem de dentro”:** Um estudo sobre trajetórias de vidas e a construção de significados sobre a decisão de adotar na perspectiva da psicologia cultural semiótica. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

VALÉRIO, T; LYRA, M. Significados ambivalentes no processo de adoção: um estudo de caso. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 21, n. 2 p. 337-348, abr./jun., 2016.

VALSINER, J. **Culture and the development of children's action: a cultural-historical theory of human development.** 2. ed. New York: Wiley. 1997.

VALSINER, J. **An invitation to Cultural Psychology.** London: Sage Publications, 2014a.

VALSINER, J. **Culture and human development.** London: Sage Publications, 2000.

VALSINER, J. **Fundamentos de uma psicologia cultural:** mundo da mente, mundos da vida. Porto Alegre: Artmed, 2012.

VALSINER, J. Culture in psychology: Towards the study of structured, highly variable, and self-regulatory psychological phenomena. *In*: MARSICO, P.; VALSINER, J. **Beyond the Mind: Cultural Dynamics of the Psyche.** Editora Information Age Publishing, INC. United States of America. 2018. p. 3-24.

VALSINER, J. Functional Reality of the Quasi-Real: Gegenstands Theorie and Cultural Psychology Today. **Culture & Psychology**, vol. 20, n. 3, p. 285–307, 2014b.

VALSINER, J. **Ornamented Lives**. Charlotte, NC: Information Age Publishers, 2019

VALSINER, J. The human psyche on the border of irreversible time: forward-oriented semiosis. **Paper in International Congress of Psychology Yokohama**, July 27, 2016.

VALSINER, J.; ROSA, A. The myth, and beyond: Ontology of psyche and epistemology of psychology. *In*: VALSINER, J.; ROSA, A. (Eds.). **The Cambridge Handbook of Sociocultural Psychology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 23-39.

VENEU, M. G. **Ou não ser: uma introdução à história do suicídio no ocidente**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

VIGOTSKY, L. S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico**. São Paulo: Ática, 2009.

VILAS BOAS, C. F. Suicídio sob a perspectiva do Direito - ligeira abordagem. *In*: ZANLUQUI, L. V.; SEI, M. B. (Orgs.) **Suicídio: já parou para pensar?** Londrina: UEL, 2017. p. 22-28.

WERLANG, B. S. G. **Proposta de uma entrevista semi-estruturada para autópsia psicológica em casos de suicídio**. 2000. (Tese de doutorado não publicada). Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas, 2000.

WERLANG, B. S. G.; ASNIZ, N. Perspectivo histórico-religiosa. *In*: WERLANG, B.G.; BOTEGA, N. J. **Comportamento suicida**. Porto Alegre, RS: Artmed Editora, 2004. p. 59-74.

WERLANG, B. Suicídio: uma questão de saúde pública e um desafio para a psicologia clínica – Capítulo II. *In*: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **O Suicídio e os Desafios para a Psicologia**. Brasília: CFP, 2013, p. 25-9.

WILDE, W. **Sozinho eu não daria conta da inundação**. Instagram, 27 dez. 2018. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Br5Ks4zgHe8/?igshid=1q4o0o5lalyfd>. Acesso em: 27 dez. 18.

ZITTOUN, T., *et al.* People in transitions in Worlds in transition: ambivalence in the transition to womanhood during World War II. *In*: BASTOS, A. C. S.; URIKO, K.; VALSINER, J. (Eds). **Cultural Dynamics of Women's Lives**. North Carolina, Information Age Publishing, 2011. p. 59–77.

ZITTOUN, T., *et al.* **Melodies of living**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

ZITTOUN, T.; CERCHIA, F. Imagination as expansion of experience. **Integrative Psychology Behavior Science**, v. 47, n. 3, p. 305-324, 2013.

ZITTOUN, T.; GILLESPIE, A. **Imagination in human and cultural development**. London: Routledge, 2016a.

ZITTOUN, T.; GILLESPIE, A. Imagination: creating alternatives in everyday life. *In*: GLAVEANU, V. P. **The palgrave handbook of creativity and culture research**. Palgrave Macmillan, 2016b. p. 225-239.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MAIORES DE 18 ANOS

Universidade Federal de Pernambuco

Centro de Filosofia e Ciências Humanas | 8º andar
Recife PE | 50670-901 | Brasil
Fone 55 [81] 2126 7330 | Fax 55 [81] 2126 7331

www.ufpe.br/psicologia/cognitiva.htm
cognitivaufpe@gmail.br



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Recife, ____ de _____ de 2018.

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa “**Processos rememorativos e imaginativos: investigando a (re) construção de significados do suicídio em grupos de prevenção**”, que está sob a responsabilidade da pesquisadora **Janicleide Nascimento de Souza**, com endereço _____, CEP: _____, fone: _____, e-mail: _____, do Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva da UFPE, sob a orientação da Professora Dra. Maria C. D. P. Lyra, Telefone: _____, e-mail: _____.

Caso esse termo de consentimento contenha informações que não lhe sejam compreensíveis, as suas dúvidas podem ser esclarecidas com a responsável por esta pesquisa. Apenas ao final, quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde com a realização do estudo, pedimos que rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via lhe será entregue e a outra ficará com a pesquisadora responsável.

Você estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

Informações sobre a pesquisa

Nesta pesquisa, buscamos entender a dinâmica de (re) construção de significados acerca do suicídio em grupos de socorristas e voluntários que se dedicam à prevenção de suicídio. Assim, suas contribuições ajudarão a uma melhor compreensão sobre os processos de rememoração e imaginação implicados na construção de significados acerca do suicídio. Caso concorde em participar, serão realizadas 3 etapas (que serão gravadas e/ou filmadas), nas quais você responderá a entrevistas, tarefas de rememoração e tarefas instigadoras da imaginação. Cada encontro se dará com um intervalo de 15 dias entre cada um deles, sendo acordados entre o participante e a pesquisadora de modo a ser conveniente para ambos.

Por se tratar de um tema sensível e tido como tabu na sociedade, você poderá sentir-se afetivamente mobilizado (a) ou desconfortável em expor o que pensa e/ou sente a respeito do suicídio, como também pouco à vontade para falar sobre sua experiência com essa temática. Isso pode gerar desconforto ou ansiedade. Caso isso venha a ocorrer durante qualquer etapa, a pesquisadora procederá com os encaminhamentos necessários para a minimização desses riscos. Salienta-se que sua participação pode ser suspensa durante qualquer etapa do projeto, por sua livre vontade, sem qualquer ônus imediato ou futuro.

Por sua vez, como benefício, ao participar dessa pesquisa, você encontrará um espaço de livre expressão a respeito da sua vivência com a prevenção do suicídio. Você poderá expressar seus sentimentos e opiniões sobre o suicídio sem nenhuma espécie de julgamento e preconceito. Além disso, seu principal benefício será aprofundar o conhecimento acerca do tema proposto, contribuindo para construção de um referencial teórico e empírico sobre a significação do suicídio no ambiente sócio histórico e cultural da prevenção ao suicídio. Isso possibilitará o fornecimento de subsídios para a criação de políticas governamentais e não governamentais não somente sobre a prevenção do suicídio, mas também visando os socorristas e voluntários atuantes nesse contexto.

Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa (gravações de áudio e vídeo, transcrições), ficarão armazenados tanto com a pesquisadora, quanto em uma pasta no computador do LabCCom - UFPE, sob a responsabilidade da coordenadora Maria C. D. P. Lyra, no endereço Av. da Arquitetura, s/n, Centro de Filosofia e Ciências Humanas - 9º andar, CEP: 50740-550, Recife-PE, pelo período mínimo de 5 anos.

Por fim, lembramos que nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **(Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br).**

Assinatura da pesquisadora responsável

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, autorizo minha participação no estudo “**Processos rememorativos e imaginativos: investigando a (re) construção de significados do suicídio em grupos de prevenção**”, como voluntário (a). Declaro que li as informações contidas nesse documento e fui devidamente esclarecido (a) pela pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade para mim. Declaro, ainda, que recebi uma cópia deste Termo de Consentimento.

Recife, ___ de _____ de 2018.

Nome completo Assinatura

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar.

| Testemunha 1 | Testemunha 2 |
|----------------|----------------|
| Nome completo: | Nome completo: |
| Assinatura: | Assinatura: |

Desde já, agradeço sua atenção e contribuição,
Janicleide Nascimento de Souza
Pesquisadora do LabCCom
Mestranda do PPG de Psicologia Cognitiva -UFPE

APÊNDICE B - ROTEIRO DA ENTREVISTA 1

- Nome
- Idade
- Estado civil
- Qual sua escolaridade?
- Como você considera sua classe social?
- Onde você mora?
- Você viveu a vida toda nesse lugar?
- Já quis se mudar?
- Como é a sua relação com seus pais/familiares?

- Você tem alguma crença? Em quê?
- Para você, há algum valor inviolável? Por exemplo: matar, roubar, etc.
- Possui alguma religião?
- Para você, o que é ser (religião dita)?
- Desde quando você tem essa religião?
- Alguém mais – da sua família ou próximo – tem a mesma religião que você?
- Quem você acha que tem um papel fundamental para você ter assumido esta religião?
- Você participa ou participou de algum grupo religioso?
- Você acha que existe algum preceito, valor, inviolável na sua religião?
- O que sua religião pensa sobre a morte?
- Como você acha que o suicídio é tratado na sua religião?
- Suicídio é a mesma coisa que morte? Por quê?
- Para você, o que é suicídio?
- Como você se sente ao pensar sobre esse assunto?

- Olhando para trás, você consegue pensar na primeira vez que ouviu falar alguma coisa sobre suicídio?
- E ainda olhando para sua vida, você consegue pensar em outros contatos com o tema? Por exemplo: na vida pessoal, na escola, na faculdade ou no trabalho.
- Como foi para você ter esses contatos ao longo da sua vida?
- Você conhece alguém – próxima ou não – a você ou sua família que já tentou suicídio?
- Houve algum marco, algum evento, que fez você mudar a forma como vê o suicídio?
- O que você imagina que faria você mudar a forma como vê o suicídio? Por exemplo, algum evento, etc.
- Por quais motivos você imagina que alguém iria querer se suicidar? Por que estes motivos?
- Você já conversou sobre suicídio ou sobre as tentativas com alguma pessoa específica? (Sobre o que? Quem é essa pessoa para você? Como foi esse episódio?)

- O que você acha que seu pai pensa sobre o suicídio?
- O que você acha que sua mãe pensa sobre o suicídio?
- O que você acha que seu/sua irmão/irmã pensa sobre o suicídio?
- Há algum parente próximo que pensa diferentemente sobre suicídio?
- Você acha que a forma que seus parentes pensam sobre suicídio influenciou em alguma medida o que você pensa sobre esse tema?

- Como você acha que as pessoas, no geral, veem o suicídio?

- O que você acha que influencia as pessoas a pensarem dessa maneira?
 - Haveria outra maneira de se pensar o suicídio (além da que ele(a) falou)?
 - Você acha que o tema suicídio é tratado de forma diferente dependendo do lugar? Por exemplo: em casa, na escola, na universidade, etc.
 - Como acha que o suicídio é tratado em outros lugares? Na escola, universidade, grupos de amigos, outros grupos que circula, etc?
 - O que você escuta sobre suicídio nesses lugares?
-
- Qual foi a primeira vez que você pensou em ser socorrista/voluntário?
 - O que acha que te levou a ser socorrista/voluntário (do bombeiro/CVV)?
 - Você conseguiria dizer alguns momentos decisivos para que o levassem a essa atuação?
 - O que as pessoas próximas a você pensam sobre você atuar como socorrista?
 - Você gosta de atuar como socorrista (do bombeiro/CVV)?
 - Que tipo de qualificação você teve para atuar nesse campo?
 - Nesta qualificação vocês conversaram sobre suicídio? Vocês receberam instruções ou capacitação sobre o assunto? Como foi? Você lembra o que foi abordado? Houve alguma surpresa nas informações passadas?
 - Que experiências você teve com pessoas com tentativa de suicídio nesse lugar?
 - Como foi para você?
 - As coisas que você foi ensinado funcionaram? Se não funcionou, por que não funcionou e o que você teve que fazer, o que teve que inventar na hora?
-
- Quais as regras que você deve seguir nesse tipo de ação? Você pode descrevê-las?
 - Qual experiência você considera mais marcante durante o seu tempo de atuação? Por quê? Como essa experiência lhe impactou? Você acha que provocou alguma mudança?
 - Você nota alguma mudança em seu entendimento sobre suicídio antes e depois de atuar nesse lugar?
 - O que te move a atuar junto a essa temática? O que o mantém?
-
- Como o lugar que você atua vê a prevenção do suicídio?
 - Como você percebe a sua atuação na prevenção do suicídio?
 - Você acredita ser possível prevenir o suicídio? Como?
 - O que você considera importante para prevenir o suicídio? Há medidas que você tenha ouvido falar que possa prejudicar mais do que ajuda
-
- Ao fim da entrevista:
- Como você se sentiu ao falar durante esse tempo sobre suicídio?
 - Agora que o gravador está desligado, há algo que você deseja acrescentar?

APÊNDICE C - ROTEIRO DA ENTREVISTA 2

Parte 1: Experiência significativa

“Gostaria que você escolhesse uma experiência significativa que você teve com a temática do suicídio, seja no Corpo de Bombeiros, seja de algum filme, música ou outro recurso. No próximo encontro, peço que você traga algo (uma foto, um desenho, um objeto, um recorte de revista, uma ilustração, uma obra de arte entre tantas outras formas) que represente do melhor modo essa experiência para que possamos conversar sobre ela”.

- Então, queria saber se você trouxe algo?
- Por qual motivo você escolheu essa situação?
- Quais as pessoas significativas ligadas à experiência? Por que você as considera importantes nessa situação?
- Como esse objeto que você trouxe representa essa situação?
- Como se deu o processo de escolha desse objeto?
- Teve outros objetos que você pensou em trazer?
- Como foi escolher um deles?
- O que te levou a fazer essa escolha? Você pensou no que você falaria? Sobre o que eu perguntaria a respeito?
- Tem alguma pergunta que você achou que eu faria e eu não fiz?
- E como foi esse momento? Algo bom ou incômodo aconteceu ao longo dele?

Parte 2: Entrevista

Agora eu vou retomar algumas coisas da entrevista passada, certo?

- No encontro passado você mencionou que desde que entrou no corpo de bombeiros mudou muita coisa. Não tinha essa coisa de guardião da vida. Eu queria que você me explicasse um pouco sobre isso. O que é ser guardião da vida?
- Você também falou de outras mudanças, por exemplo, como ter cuidado no que falar, em como expressar suas opiniões sobre o tema do suicídio. A que opiniões você se refere?
- O que te levou a se interessar em atuar na prevenção do suicídio?
- Você disse que nas abordagens o foco é o diálogo e quando o diálogo não é efetivo é que se age forçadamente. O que é um diálogo não efetivo? Como se toma a decisão de agir forçadamente?
- Você deu um exemplo de envolvimento que acontece nas simulações e disso que isso acontece nas ocorrências também, mas que não pode deixar o envolvimento interferir. O que é esse envolvimento, como acontece? O que você faz para não deixar interferir?
- Você falou que a ação do corpo de bombeiros dá a oportunidade que a pessoa tenha uma outra saída. E que não é só salvar, mas preservar a vida. Qual é a diferença aqui?
- Quando a gente conversou por telefone e você contava sobre casos marcantes que você atuou, você falou sobre a ocorrência de 2015 e que fez um texto, um estudo de caso, para que não esquecesse de nada. O que você escreveu? Por que escrever? Por que você não queria/quer esquecer?

- Quando existe um chamado e que você sabe que é tentativa de suicídio o que passa na tua cabeça até chegar no local? E depois como você se sente?
- Você já atuou em alguma ocorrência de tentativa em que a pessoa de fato se matou?

- O que você teria a falar sobre eutanásia, suicídio assistido? É a mesma coisa que suicídio?

- Se o Pedro de hoje e o Pedro de 10 anos atrás se encontrassem, como seria esse encontro? Sobre o que elas conversariam? O que fariam a respeito do suicídio?
- O que Pedro militar e Pedro pessoa tem em comum/diferente no seu jeito de pensar sobre a prevenção do suicídio?

- Há algo que você lembra de ter falado na outra entrevista que você pensou de uma maneira diferente?

Parte 3: Tarefa de imaginação

- Apresentação do vídeo
- Após a apresentação do trecho do filme:
- “Como você acha que será o futuro/a vida dessa pessoa deste momento em diante?”
- Como ela será vista pela sociedade?
- E por sua família e amigos?
- E se essa pessoa chegasse numa ocorrência do Corpo de Bombeiros, como seria?
- E se chegasse pessoalmente pra você e não através do Corpo de Bombeiros?

Parte 4: Instrução para próxima etapa

APÊNDICE D - ROTEIRO DA ENTREVISTA 3

- Após construção:
- O que você pensou em fazer nesse momento, assim que você leu a instrução?
- Sobre o que você pensou em fazer durante esses dias até hoje?
- Por que você usou esses elementos?
- Qual o seu objetivo ao construir isso dessa forma?
- O que você gostaria de expressar com isso?
- Quem é essa pessoa para você?
- As pessoas que se suicidam devem ser homenageadas?
- Você poderia falar sobre como se sentiu durante essa construção? Tanto hoje quanto nos dias que se antecederam?
- Você mostraria essa construção para mais alguém além de mim?
- Por acaso tu já tinha pensando em fazer algo nesse sentido?
- Tem algo que eu não perguntei e que tu gostaria de falar?

→ Entrevista 3

- Roteiro a partir das entrevistas 1 e 2
- Em quantas ocorrências de tentativa de suicídio você atuou desde que entrou no corpo de bombeiros?
- O que mais marca você nesse tipo de ocorrência?
- Como você se sente diante dessas situações?
- Considerando a pessoa que tenta suicídio, quem é essa pessoa para você?
- Existem algumas situações de tentativa de suicídio em que as pessoas próximas ficam instigando o suicídio? O que você acha disso? O que você pensa sobre o fato de ter pessoas instigando o suicídio de uma outra pessoa? Qual é o procedimento nesse tipo de situação?

→ Encerramento dos procedimentos

APÊNDICE E - CATEGORIAS DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

| Categoria 1 - Identificação de fatores de risco, possíveis causas | | |
|---|---|--|
| TITULO | AUTOR(A) | REVISTA |
| Fatores de risco para tentativa de suicídio por envenenamento: revisão. | PIRES, Maria Cláudia da Cruz et al. | Trends Psychiatry Psychother. [online]. 2014, vol.36, n.2, pp.63-74. |
| Tentativas de suicídio por exposição a agentes tóxicos registradas em um Centro de Informação e Assistência Toxicológica em Fortaleza, Ceará, 2013. | Gondim, Ana Paula Soares et al. / 2017 | Epidemiol. Serv. Saúde, Mar 2017, vol.26, no.1, p.109-119 |
| Substâncias tóxicas e tentativas e suicídios: considerações sobre acesso e medidas restritivas. | AGADIR SANTOS, Simone, LEGAY, Leticia Fortes and LOVISI, Giovanni Marcos / 2013 | Cad. saúde colet., Mar 2013, vol.21, no.1, p.53-61. |
| Ideação suicida em adolescentes de 11 a 15 anos: prevalência e fatores associados. | SOUZA, Luciano Dias de Mattos et al. | Rev. Bras. Psiquiatr. [online]. 2010, vol.32, n.1, pp.37-41. |
| Suicidal behavior in the community: prevalence and factors associated with suicidal ideation | BOTEGA, Neury José et al. | Rev. Bras. Psiquiatr. [online]. 2005, vol.27, n.1, pp.45-53 |
| Tentativas de suicídio e suicídio em município de cultura pomerana no interior do estado do Espírito Santo. | MACENTE, Luciene Bolzam; SANTOS, Elem Guimarães dos e ZANDONADE, Eliana. | J. bras. psiquiatr. [online]. 2009, vol.58, n.4, pp.238-244 |
| Estressores na tentativa de suicídio por envenenamento: uma comparação entre os sexos. | PIRES, Maria Cláudia da Cruz et al. | Trends Psychiatry Psychother. [online]. 2012, vol.34, n.1, pp.25-30 |

| Categoria (2) - Associação com doenças e outras condições de saúde | | |
|---|---|---|
| TITULO | AUTOR(A) | REVISTA |
| Suicidal ideation and chronotype assessment in nurses and police officers (é em inglês) | ALVES, Verônica de Medeiros et al / 2015 | Medical Express (São Paulo, online), June 2015, vol.2, no.3 |
| Comportamento suicida no transtorno afetivo bipolar e características sociodemográficas, clínicas e neuroanatômicas associadas. | NERY-FERNANDES, Fabiana e MIRANDA-SCIPPA, Ângela. | Rev. psiquiatr. clín. [online]. 2013, vol.40, n.6, pp.220-224. |
| Risco de suicídio em gestantes de alto risco: um estudo exploratório. | BENUTE, Gláucia Rosana Guerra et al | Rev. Assoc. Med. Bras. [online]. 2011, vol.57, n.5, pp.583-587 |
| Quais são os recentes achados clínicos sobre a associação entre depressão e suicídio? | CHACHAMOVICH, Eduardo; et al | Rev. Bras. Psiquiatr. [online]. 2009, vol.31, suppl.1, pp.S18-S25 |

| Categoria (3) - Epidemiologia de tentativas de suicídio | | |
|---|---|--|
| TÍTULO | AUTOR(A) | REVISTA |
| Violência autoinfligida por intoxicação exógena em um serviço de urgência e emergência. | VELOSO, Caique et al. | Rev. Gaúcha Enferm. [online]. 2017, vol.38, n.2, e66187. Epub 06-Jul-2017. |
| Tentativas de suicídio e suicídios na atenção pré-hospitalar | ROSA, Natalina Maria da et al. | J. bras. psiquiatr. [online]. 2016, vol.65, n.3, pp.231-238 |
| Hospitalizations due to self-inflicted injuries - Brazil, 2002 to 2013. | MONTEIRO, Rosane Aparecida et al. | Ciênc. saúde coletiva [online]. 2015, vol.20, n.3, pp.689-699 |
| Suicide attempts among children and adolescents: partial or total injury? | ALVES, Michelle Alexandra Gomes e CADETE, Matilde Meire Miranda | Ciênc. saúde coletiva [online]. 2015, vol.20, n.1, pp.75-84 |
| Análise epidemiológica da morbimortalidade por suicídio entre adolescentes em Minas Gerais, Brasil. | ABASSE, Maria Leonor Ferreira; et al | Ciênc. saúde coletiva [online]. 2009, vol.14, n.2, pp.407-416 |
| Tentativas de suicídio em um hospital geral no Rio de Janeiro, Brasil. | WERNECK, Guilherme L. et al. | Cad. Saúde Pública [online]. 2006, vol.22, n.10, pp.2201-2206 |
| Custo direto e indireto de tentativas de suicídio em um hospital geral: estudo de custo de doença. | SGOBIN, Sara Maria Teixeira; et al | Sao Paulo Med. J. [online]. 2015, vol.133, n.3, pp.218-226. |
| Taxas de suicídio e tendências em São Paulo, Brasil, de acordo com gênero, faixa etária e aspectos demográficos. | BANDO, Daniel H. et al. | Rev. Bras. Psiquiatr. [online]. 2012, vol.34, n.3, pp.286-293 |

| CATEGORIA (4) - Identificação de grupos considerados vulneráveis | | |
|---|---|--|
| TITULO | AUTOR(A) | REVISTA |
| Suicídios e tentativas de suicídio de personagens idosos em filmes: fatores relacionados nos filmes de longa-metragem. | Scalco, Laércio Maciel et al. | Rev. bras. geriatr. gerontol., Dec 2016, vol.19, no.6, p.906-916 |
| Retratos de autópsias Psicossociais sobre suicídio de idosos em Teresina. | SERVIO, Selena Mesquita Teixeira e CAVALCANTE, Ana Célia Souza. | Psicol. cienc. prof. [online]. 2013, vol.33, n.spe, pp.164-175. |
| Ideações e tentativas de suicídio em adolescentes com práticas sexuais hetero e homoeróticas. | TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva e RONDINI, Carina Alexandra. | Saude soc. [online]. 2012, vol.21, n.3, pp.651-667 |
| Fatores associados à presença de ideação suicida entre universitários. | SANTOS, Hugo Gedeon Barros dos et al. | Rev. Latino-Am. Enfermagem [online]. 2017, vol.25, e2878. Epub 15-Maio-2017. |
| Tendência da mortalidade por suicídio na população brasileira e idosa, 1980-2006. | MINAYO, Maria Cecilia de Souza et al | Rev. Saúde Pública [online]. 2012, vol.46, n.2, pp.300-309. |
| Gender differences in suicide attempts: preliminary results of the multisite intervention study on suicidal behavior (SUPRE-MISS) from Campinas, Brazil | STEFANELLO, Sabrina et al | Rev. Bras. Psiquiatr. [online]. 2008, vol.30, n.2, pp.139-143. Epub 20-Dez-2007. |
| Suicide attempts by exogenous intoxication among female adolescents treated at a reference hospital in the city of Recife-PE, Brazil. | Veras, Juliana Lourenço de Araújo and Katz, Cintia Regina Tornisiello | Rev. bras. enferm., Oct 2011, vol.64, no.5, p.833-838 |
| Suicídio entre Médicos e Estudantes de Medicina: Revisão de Literatura | SANTA, Nathália Della e CANTILINO, Amaury. | Rev. bras. educ. med. [online]. 2016, vol.40, n.4, pp.772-780 |
| Self-injury and suicide attempt among the elderly population in the city of São Paulo. | ARMOND, Jane de Eston et al. | J. bras. psiquiatr. [online]. 2017, vol.66, n.2, pp.83-88. |
| Níveis de ideação suicida em jovens adultos | VASCONCELOS-RAPOSO, José et al | Estud. psicol. (Campinas) [online]. 2016, vol.33, n.2, pp.345-354. |
| Estudo qualitativo sobre tentativas e ideações suicidas com 60 pessoas idosas brasileiras. | CAVALCANTE, Fátima Gonçalves e MINAYO, Maria Cecilia de Souza. | Ciênc. saúde coletiva [online]. 2015, vol.20, n.6, pp.1655-1666 |

| CATEGORIA (5) - avaliação de atitude, valores e prática de profissionais de saúde acerca do suicídio | | |
|---|---|--|
| TITULO | AUTOR(A) | REVISTA |
| Impacto da formação "+Contigo" nos conhecimentos e atitudes dos profissionais de saúde acerca do suicídio. | SANTOS, José Carlos et al. | Rev. Latino-Am. Enfermagem [online]. 2014, vol.22, n.4, pp.679-684 |
| Suicídio: um tema pouco conhecido na formação médica | RAMOS, Isadora Nunes Barbosa e FALCAO, Eliane Brigida Moraes. | Rev. bras. educ. med. [online]. 2011, vol.35, n.4, pp.507-516. |
| O psicoterapeuta diante do comportamento suicida | FUKUMITSU, Karina Okajima. | Psicol. USP [online]. 2014, vol.25, n.3, pp.270-275 |

| CATEGORIA (6) - Avaliação de programas de intervenção e prevenção do suicídio | | |
|--|---------------------|---|
| TITULO | AUTOR(A) | REVISTA |
| Programa de Prevenção ao Suicídio: estudo de caso em um município do sul do Brasil. | CONTE, Marta et al. | Ciênc. saúde coletiva [online]. 2012, vol.17, n.8, pp.2017-2026 |

Fonte: Própria.